Diário de Lisboa

ANO 61.° N.° 20 667
Outubro 1981
Quinta-feira

15$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Hoje há "Ler/Escrever"

Textos literários, notícias e comentários de actualidade constituem o suplemento «Ler/Escrever» onde se fala de Retamar, Maria Judite de Carvalho, Swedenborg, Maria Ondina Braga e outros. Colaboração de Mário Benedetti, Pedro Alvim, Luís Miranda Rocha, José Carlos Gonzalez e um poema inédito de António Simões.

A acusação vem do Porto

PSP colabora com marginais na Freguesia da Sé

Autarcas, representantes do PS, da AD, e da APU, associações culturais e associações de moradores da Freguesia da Sé (Porto) aprovaram em plenário, por unanimidade, um texto em que dirigem graves acusações à actuação da PSP e, ao mesmo tempo, denunciam uma situação insustentável para a generalidade da população daquela freguesia. Concretamente, os

Continua na pág. 24

Incêndio na corveta "António Enes"

Marinha incapaz de dominar o fogo

Prejuízos podem elevar-se a centenas de milhar de contos

Podem ascender a centenas de milhar de contos os prejuízos causados por um incêndio de grandes proporções que ontem pelas 14.10 deflagrou na casa das máquinas da corveta «António Enes», que se encontrava em reparação no Arsenal do Alfeite. Ignora-se ainda a causa do incêndio admitindo-se contudo que tenha sido originado pela realização de soldaduras que teriam icendiado os resíduos oleosos existentes no porão da casa das máquinas.

O sinistro foi detectado cerca das 14.10, hora a que os operários comunicaram à guarnição o início do incêndio. O pessoal de bordo e os operários procuraram imediatamente dominar o fogo com os recusos do navio que consistiam, aliás, num número reduzido de homens e alguns extintores.

Perante a insuficiência notória destes meios foi imediatamente avisado o Comando Naval do Continente, o administrador do Arsenal do Alfeite, o Comando da Base Naval e mobilizados os meios de combate a incêndios do Arsenal e da Base Naval. Estas entidades não conseguiram dar a resposta adequada tendo sido então chamados os Bombeiros de Cacilhas e a Escola de Limitação de Avarias que conseguiram dominar o incêndio cerca de duas horas e meia depois deste ter ocorrido.

Não se conhece ainda com exactidão o montante dos estragos. Esta manhã prosseguia a respectiva avaliação, mas estima-se que a casa das máquinas tenha ficado praticamente inutilizada: motores principais, eq ipamentos anexos, forros, instalações eléctricas e até a própria estrutura. Verificaram-se ainda estragos em comportamentos limítrofes como a casa dos auxiliares e os paióis.

A confirmar-se a inutilização dos motores principais e os estragos na estrutura os prejuízos podem ascender a centenas de milhar de contos.

Taxis já estão mais caros

Dezoito escudos por "bandeirada"

Desde as zero horas de hoje que viajar de táxi passou a ser mais caro a começar pela «bandeirada» que saltou de catorze para dezoito escudos (embora a metragem tivesse subido de 340 para 375 metros), dando assim forma ao segundo aumento, que no ano em curso, os utentes já tiveram de suportar. De acordo com a tabela exibida pelos motoristas, saída directamente da Antral (Associação de Transportadores em Automóveis Ligeiros), as fracções irão manter-se em dois escudos por cada 163 metros de percurso, mas o tempo de espera (com táxi parado) diminuiu de 57 para 48 segundos.

Para os táxis a quilómetro, a nova tarifa passou de nove escudos para 10$50. Como já vem sendo hábito, o Ministério dos Transportes lançou o «odioso» da questão sobre os novos preços dos combustíveis.

CGTP-IN tem onze anos de existência

Pág. 11

Aviões bombardearam instalações petrolíferas

Irão abre hostilidades com o Koweit?

Três aviões iranianos atacaram hoje o complexo petrolífero de Umm Al Aish, no Norte do Koweit, anunciou a agência WAM, dos Emiratos Árabes Unidos. A agência, referindo-se a declarações do ministro de Estado do Koweit, Abdul Aziz Hussein, acrescenta que o ataque iraniano provocou um incêndio ainda não controlado, mas adianta que não se registaram vítimas.

É a primeira vez, desde que se iniciaram as hostilidades entre o Irão e o Iraque, que instalações petrolíferas do Koweit foram atacadas.

Entretanto, vive-se, na capital iraniana, um dia, mais um, de forte emoção, com milhares de pessoas a acompanhar o funeral dos quatro dirigentes das Forças Armadas mortos no acidente do avião «Hércules 130» a que já nos referimos na nossa edição de ontem.

Entretanto, ao fim da manhã um porta-voz do Estado-Maior-General iraniano, «desmentiu categoricamente» em Teerão, que aparelhos iranianos tenham bombardeado instalações petrolíferas kuwaitianas. «Não temos nada que fazer no Koweit», acrescentou o porta-voz interrogado por telefonema pela agência «France Presse»

Págs. Centrais

Bento detem uma poderosa cabeçada do central cipriota Kaylaphas durante o encontro com o Omónia

Ronda vitoriosa para equipas portuguesas

Ontem

Omonia, 0-Benfica, 1
Porto, 3-Veljle, 0
Boys, 0-Sporting, 7

Hoje

Força Boavista!

(Ler nas págs. de Desporto)

ALIANÇA SEGURADORA

Patrocina as reportagens dos jogos internacionais do Porto e do Benfica

Serviço Exclusivo Le Monde Diário de Lisboa

Lasers de toda a espécie

2. — O tempo das aplicações: do bisturi ao "raio da morte"

JEAN-FRANÇOIS AUGEREAU

Vinte anos passaram desde a descoberta do laser e das espantosas propriedades do seu feixe de luz. No entanto, apesar da fértil imaginação dos investigadores, os projectos que estes conseguiram levar a efeito não são tão numerosos como isso. O laser só lentamente penetrou na vida quotidiana e mesmo que hoje conheça êxitos importantes nos domínios médico e militar, o seu emprego no meio industrial só teve êxitos relativamente pequenos. Estão, no entanto, em estudo a leitura sem contacto de discos hi-fi numéricos por lasers especiais e a construção de autênticas auto-estradas de luz, constituídas por um conjunto de fibras ópticas de espessura de um cabelo e pelas quais irão transitar, graças ao laser, dezenas de milhares de comunicações telefónicas. Mas já estão instaladas nas caixas dos supermercados lasers hélio-néon a fim de serem identificados os produtos vendidos e para ajudar à gestão dos «stocks». E muitas promessas, muitos «dossiers» continuam à espera.

No domínio científico, o laser revelou-se um auxiliar precioso para melhor compreender a estrutura da matéria e ajudar o desenvolvimento da fotoquímica e da óptica não linear. No Comissariado para a Energia Atómica (CEA), onde se trabalha em ultravioletas e infravermelhos, o laser contribui para a realização de um processo de separação isotópica revolucionária que permitiria enriquecer o urânio com rendimentos desiguais e, isto numa gama de enriquecimento que iria daquele de que necessitam as centrais nucleares civis, ao que necessitam as armas nucleares. Em tais condições será de espantar que este tipo de material seja submetido a estritas regras de exportação?

No Centro de Estudos Nucleares de Limeil ou na Escola Politécnica, outros investigadores dão tiros a minúsculas esferas de vidro cheias de deuterium (hidrogénio pesado) para servir de fósforo a essas reacções termonucleares que existem no Sol ou nas bombas H. Em Limeil, várias vezes por semana, o sistema OCTAL liberta durante uma fracção de segundo uma potência de 2 milhões de megawatts – duas mil vezes a desenvolvida, de modo contínuo, é certo, por uma central nuclear clássica – para comprimir violentamente as pequenas bolas de vidro (1).

Dos resultados obtidos depende, é certo, o futuro da fusão cuja domesticação poria a humanidade ao abrigo de muitas crises de energia, mas também o dos estudos feitos sobre as interacções luz-matéria que levam naturalmente a analisar alguns dos fenómenos produzidos durante as experiências nucleares. A França não é o único país a trabalhar neste domínio. Acompanham-na o conjunto das nações desenvolvidas dirigidas pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Mas com que meios para os dois grandes? Assim, o Laboratório americano de Livermore, onde o sistema análogo ao de Limeil (NOVA), mas que funciona a partir de gás carbónico e não de vidro com Neodymo, libertará em breve impulsos de 200 milhões de megawatts.

A entrada na Medicina

Se ainda aí, a discreção – não se pode na verdade falar de silêncio – é regra, há outros sectores de actividade onde o laser pode trabalhar sem se esconder. É o das investigações médicas onde os investigadores franceses bem cedo se notabilizaram. Graças, é certo, aos créditos de um organismo próximo das Forças Armadas, a Direcção das Investigações e Experiências (DRME), um fotocoagulador de rubis pôde ser feito em meados dos anos 60 a fim de tratar uma afecção particularmente grave da vista: o descolamento da retina. Na verdade, nada melhor do que o laser para «operar» em superfícies de cinquenta a quinhentos milésimos de milímetro e deter os rasgões da retina cercando-os de um cordão de «pontos» que evitam a progressão do mal.

Essa técnica operatória desenvolveu-se depois disso e podem hoje recensear-se mil milhões ou talvez mais aparelhos deste tipo, duzentos dos quais em França. No entanto, se este êxito pode satisfazer o amor próprio dos franceses, que foram pioneiros, temos de nos interrogar sobre as razões que fazem com que o mercado dos fotocoaguladores esteja hoje totalmente nas mãos da indústria americana.

Encorajados com os resultados dos seus confrades oftalmologistas, muitos médicos tentaram, por vezes com êxito, alargar o campo de aplicação dos lasers. Foi, no entanto, necessário esperar por 1975 para que estes últimos dessem, na verdade, entrada na sala de operações. Assim, para certas operações delicadas, os fotões do laser substituíram o aço do bisturi e suprimiram, muitas vezes sem dor e até sem anestesia, polipos nas cordas vocais, operaram parcialmente um rim, destruíram em ginecologia e em urologia pequenos tumores benignos ou malignos. A essas aplicações acrescentam-se outras, visto os dentistas, os neurologistas e a toda a biomedicina estarem prestes a equipar-se com raios laser.

A fim de dar maior precisão a estes domínios de aplicação e acumular provas da eficácia e da inocuidade de tais tratamentos estão em curso estudos um pouco por todo o mundo. No grande catálogo dos lasers, os critérios de escolha são, com efeito, numerosos e vão da potência ao poder de penetração nos tecidos passando pelo poder de cauterização, porque é uma das vantagens de alguns lasers poder operar sem fazer sangue: laser com neodymo, mais penetrante do que o laser com argon de luz azul-verde dos oftalmologistas, que coagula bem os vasos de 3 a 5 milímetros de diâmetro. Laser de gás carbónico, bom escalpelo prejudicado pela ausência no mercado de fibras ópticas convenientes que permitam utilizá-lo também para operações de cirurgia interna sem «abrir» o doente.

Tanto na Medicina como na indústria os estudiosos entregam-se a este tipo de prospecção e procuram associar a uma necessidade claramente identificada, um utensílio específico, talvez para não ter que colocar no «dossier», já considerável, segundo um industrial, mais uma decepção. No entanto, o laser deu boas provas como arame de chumbo para a edificação da Torre Maine-Montparnasse. Mas há-o menos sofisticado e menos caro. Serviu, no entanto, para o controlo do perfil das auto-estradas. Serviu ainda para medir com total precisão a distância da Terra à Lua e contribuiu para a abertura dos túneis do **metro-express** regional. Os utentes potenciais destes lasers de fraca potência continuam a custar a convencer, tal como os dos aparelhos mais poderosos que podem soldar chapas, cortar tecidos, cabedais ou plexiglass, perfurar materiais, etc. Há operações de demonstração, mas ainda não há uma indústria.

As bombas inteligentes

A estas dificuldades de penetração das aplicações industriais opõem-se as actividades florescentes dos sistemas laser de vocação militar. Sempre em busca de novidades os militares financearam largamente as investigações nesse domínio, e isto é positivo até porque muitos estudos tiveram como resultado objectivos civis. Mesmo que à partida, de modo um tanto utópico, alguns deles tenham visto no caso um modo de realizar com rapidez uma arma fantástica, é forçoso reconhecer que estes trabalhos serviram amplamente a política dos lasers.

Como havemos de nos espantar que quase 50% dos sistemas laser vendidos no mundo satisfaçam as necessidades militares? Pois não deram eles origem aos telémetros que emitem uma luz invisível aos olhos (infravermelhos) e medem com uma precisão sem igual a distância a que está situado o objectivo? Uma tal aplicação interessa no mais alto grau os batalhões de artilharia, os pilotos de caça ou os «pachás» das construções de guerra. Os Americanos mostraram o caminho neste domínio equipando alguns dos seus aviões que operavam no Vietname do Norte com aparelhos destinados a iluminar o objectivo a atingir. As bombas «inteligentes», as famosas «smart bombs» utilizadas pela U.S. Air Force, puderam então dirigir-se sem erro para o alvo, visando a mancha de luz feita pelo laser. Êxito garantido. Provaram-no as dezassete pontes destruídas no Vietname do Norte só com vinte bombas, quando os ataques precedentes tinham sido autênticos fracassos.

Como as técnicas evoluem incessantemente, são actualmente produzidos nos Estados Unidos obuses dotados de uma certa margem de manobra durante o percurso. A imaginação não falta e nessa panóplia de aplicações, os mísseis e os roquettes não são esquecidos.

Terceiro domínio: o dos girolasers, destinados a calcular com precisão a posição de um avião ou de um submarino. Mas, embora a primeira experiência com girolaser date de 1964, foram necessários mais dez anos para que o primeiro aparelho fosse instalado a bordo de um avião, e só recentemente a sociedade Boeing os encomendou para os aviões civis que dentro de alguns anos saírem das suas linhas de montagem.

A guerra dos satélites

E depois, há o domínio ainda embrionário, embora rico, das contramedidas destinadas a enganar o adversário e também a mais secreta e espectacular das armas laser. Aí, a realidade vai em breve ultrapassar a ficção, porque seria ilusório julgar que os países que trabalham nos laser de potência, se desinteressam do assunto. Deste ponto de vista a União Soviética e os Estados Unidos rivalizam nos orçamentos que alguns avaliam em mil milhões de dólares para o primeiro e em 250 milhões de dólares para o segundo, seguidos, muito mais modestamente pela França e por muitos outros.

Um tal sistema, baptisado com o nome de **Arme,** está em desenvolvimento nos laboratórios franceses a fim de estudar os efeitos de um feixe laser muito enérgico em diferentes alvos-bidons de avião, materiais diversos, etc. – e identificar as fontes de luz mais adaptadas a estas missões. Ainda estamos longe dos projectos e dos resultados obtidos pelos Dois Grandes.

Um laser de gás carbónico de um poder de 400 quilowatts foi instalado num avião Boeing KC-135 (Airborne Laser Laboratory) da U.S. Air Force a fim de atirar sobre diferentes alvos. Em Maio foi efectuada sem êxito uma tentativa com este dispositivo, na base de China Lake, na Califórnia. Quer dizer que, embora nem todos os resultados sejam positivos, estão em curso outras experiências com materiais mais poderosos. Está a ser feito além-Atlântico um esforço importante para a realização de uma arma laser com a qual, segundo o Pentágono, já foram gastos 1,2 mil milhões de dólares.

Estas investigações são acompanhadas por estudos com o objectivo de realizar lasers ainda mais fortes para abater, do espaço, satélites ou mísseis intercontinentais inimigos. Já se fala nos meios americanos especializados, dos sistemas laser de 5 megawatts que poderão estar prontos em dez anos, ou do engenho de 25 megawatts, uma centena de exemplares do qual poderão vencer o lançamento de mil mísseis intercontinentais. Ilusão? Intoxicação recíproca das partes em presença para obter orçamentos sempre maiores? A verdade é que as equipas lançadas neste domínio não têm preocupações com o financiamento das suas investigações. O simples orçamento da Defense Advanced Research Projects Agency (DASPA) para as actividades laser espaciais de alta energia – 120 milhões de dólares em 1982 – basta para nos convencer.

(1) A fusão termonuclear exige, para se desencadear, condições extremas de pressão e de temperatura análogas às existentes no seio do Sol.

(Le Monde)

Empresas americanas despedem os empregados que não deixam de fumar

«A nossa causa é justa e acabará por vencer apesar de todos os obstáculos, obstruções, má vontade e outras dificuldades que encontra. Apesar também dos meios poderosos de que dispõem os nossos adversários. Daqui ao ano 2030, o número de fumadores diminuirá de 50 a 75 em cada 100 no mundo».

É um dos directores da grande firma de materiais de construção americana «Johns– Manville» e não o dirigente de uma associação ou liga antitabágica que pronunciou esta profecia, à primeira vista, audaciosa.

É proibido fumar mesmo aos clientes e aos visitantes

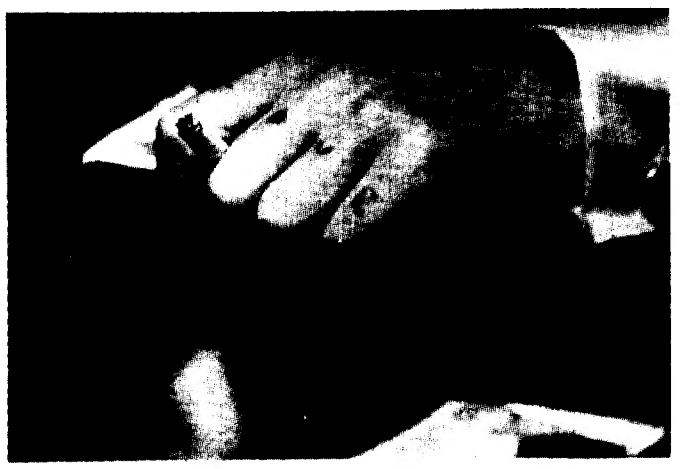
Convém no entanto, acrescentar que esta empresa está na vanguarda da luta contra o tabaco nos Estados Unidos e que, há quatro anos, proibem formalmente fumar no interior quer das oficinas quer dos escritórios e tanto aos operários como aos administrativos e aos clientes, representantes e visitantes. E isto sob pena de despedimento, depois de uma primeira «advertência».

Não se trata de ameaça vã, muitos despedimentos se deveram a este motivo, provocando processos. Ao princípio, os tribunais mostraram-se embaraçados, admitiram depois que a medida tinha em vista a saúde dos interessados e dos seus colegas, ainda com mais razão, se dirigia aos transgressores depois de a proibição estar em vigor e de terem sido devidamente advertidos.

E porque é que a «Johns – Manville» se encontra à cabeça das empresas que declararam guerra ao tabaco?

Campanha rentável

Não por simples altruismo, mas porque as estatísticas mostram que os que trabalham de maneira contínua – que é o caso – com matérias plásticas, que podem nalguns



casos ser cancerígenas e fumam, têm dez... vinte – até noventa e duas vezes (!) mais de possibilidades (ou de azar) de serem um dia atingidos por graves afecções pulmonares, mesmo por câncro nos pulmões.

A tal ponto que a campanha da firma – despesas com laboratórios de pesquisas e especialistas encarregados de dissuadir os fumadores – amigável, mais as despesas dos processos intentados pelos refractários – se tornaram muito menos dispendiosos que as faltas por doença, sem esquecer os prejuízos e interesses e – pensões para os inválidos, às viúvas dos cancerosos falecidos.

O preço de uma casa de campo em quinze anos

Uma empresa americana em seis é hoje antitabágica pela mesma razão, embora nem todas sejam tão exclusivistas, tão agressivas. Algumas pagam um prémio especial aos que se comprometem, de livre vontade, a suprimir o cigarro, o cachimbo, o charuto, como a Neon Eletric, que os indemniza à hora, totalizando mais de 80 dólares por mês – mil dólares por ano.

Se lhes acrescentarmos o dinheiro que economizamos por não fumar, conseguimos comprar uma casa de campo dentro de dez a quinze anos. Mais, salvamos a saúde e vivemos mais – salientou o PDG da firma a uma delegação sindical que foi protestar contra aquele «obstáculo à liberdade individual».

Depois de uma entrevista que durou várias horas, os membros da delegação, convencidos pelas estatísticas e pelos relatórios médicos, foram-se embora não só depois de retirarem o protesto mas prometendo que também eles fariam propaganda do antitabagismo.

Melhoria da produtividade

«Apesar das enormes somas gastas pelas marcas de tabaco e de cigarros na publicidade e na defesa da sua causa, elas apenas travam luta na rectaguarda, sem esperança. A verdade que afirma que o tabaco é um veneno está em marcha e triunfará afirmou um dos patrões da «Johns-Manville» – Pouco a pouco, os fumadores, homens e mulheres, compreenderão que o preço pago por alguns momentos de prazer lhes custa muito caro. Cada vez em maior número, eles renunciarão e, daqui a meio século, o seu número diminuirá de 50 para 75 em cada cem, no mundo.»

Profecia que desejamos se torne realidade, sem acreditar muito nela.

Ainda a bomba de neutrões

Laura Lopes

No dia 6 de Agosto, num desprezo cínico e absoluto pela memória das vítimas de Hiroshima, Reagan decidiu a produção da bomba de neutrões. Mas esta decisão peremptória surgida quase inesperadamente, tem antecedentes que convém recordar.

Em Fevereiro deste ano, a administração Reagan, através do seu secretário de Defesa, Caspar Weinberger, ameaçou retomar o fabrico da bomba de neutrões. Weinberger na sua primeira conferência de Imprensa, realizada no dia 3, logo após ter tomado posse do cargo, criticou a decisão de Carter de ter ordenado a suspensão da bomba de neutrões, afirmando ainda: «Penso que a oportunidade que esta arma nos dá de reforçar as forças de teatro nuclear é uma daquelas que muito provavelmente queremos aproveitar» e que o cancelamento do seu fabrico «causou consternação no Governo da Alemanha Federal e noutros quadrantes». Esta última afirmação viria a ser desmentida poucos dias depois tanto em Washington como em Bonna. Quase simultaneamente com este desmentido, A. Haig, secretário de Estado dos EUA, através de uma mensagem aos Governos dos países membros da NATO, dizia que as declarações de Weinberger não correspondiam à posição oficial da administração americana, acrescentando que aquela questão só seria decidida numa data posterior e após terem sido consultados os aliados da NATO.

Posteriormente, perante este aparente erro diplomático, Weinberger, em entrevista ao «Washington Post» de 11 de Fevereiro, continuando embora a fazer a defesa da bomba de neutrões, advertiu que as suas declarações tinham correspondido a uma opinião pessoal e não à posição oficial da administração Reagan.

Ora é inconcebível que o secretário da Defesa exprimisse uma «opinião pessoal» durante uma conferência de Imprensa. Na realidade, os dirigentes do Pentágono defendem os interesses do poderoso complexo militar-industrial dos Estados Unidos. Toda a experiência anterior o prova. Uma vez mais, pois, esta aliança funesta entre ministros, generais, directores de monopólios e banqueiros, pela voz do dirigente do Pentágono, falou de coisas – neste caso a bomba de neutrões – que estão planificadas há muito tempo ou que se encontram já em fase de preparação prática ou em produção. Weinberger não só afirmou, alguns dias após a sua conferência de Imprensa, que ele tinha agido em plena conformidade com o programa eleitoral adoptado no ano anterior pelo Partido Republicano e que era um assunto do Ministério da Defesa fazer recomendações a propósito de questões desta natureza, como, na citada entrevista ao «Washington Post», precisou ainda que a implantação da bomba de neutrões na Europa Ocidental deveria realizar-se mesmo antes de os EUA aí instalarem os seus mísseis «Cruise» e «Pershing 2». Portanto, para o Pentágono era um assunto decidido.

Como se compreendem então as declarações apressadas e o desmentido de A. Haig?

As afirmações de Weinberger de 3 de Fevereiro tiveram por fim «experimentar» a opinião pública da Europa Ocidental. Porém, como os protestos massivos rebentaram imediatamente e, até, da parte de meios governamentais dos parceiros da NATO, Washington procurou «acalmar» a opinião pública, pretendendo que se tratava de «uma opinião pessoal» de Weinberger e não de uma decisão oficial do Governo americano.

De facto, as declarações de Weinberger desencadearam em menos de 48 horas um movimento de alarme e rejeição na maioria dos países da Europa Ocidental. Os Governos da Noruega e Suécia anunciaram a sua oposição à produção e instalação da bomba de neutrões na Europa. A Holanda, a Bélgica, a Grã-Bretanha, a França, a Grécia e a RFA manifestaram-se, de uma forma directa ou indirecta, desinteressados do projecto belicista de Reagan. Os Governos europeus salientaram as dificuldades que enfrentariam face às respectivas populações que já em 1978 demonstraram o seu veemente repúdio contra aquela arma de destruição massiva, da qual seriam as primeiras e principais vítimas.

As declarações e os desmentidos da administração Reagan sobre a produção da bomba de neutrões visaram embaraçar, dividir e criar ilusões entre os adversários da bomba de neutrões. Na realidade, tudo isso serviu de manipulação, de propaganda demagógica, porque os EUA nunca abandonaram os seus projectos no domínio desta arma. Mesmo quando o movimento internacional de protestos contra a bomba de neutrões obrigou o presidente dos Estados Unidos em 1978 a parar, oficialmente, a sua produção, Carter mandou continuar secretamente os trabalhos de preparação e testes de certos elementos importantes na construção da bomba de neutrões. Estes trabalhos, parece, atingiram um nível tal que os EUA pensaram ser chegado o momento de equipar as suas forças estacionadas na Europa Ocidental com essa arma. E será na RFA que será colocada a maior parte das bombas de neutrões, exactamente como acontece com os mísseis «Cruise» e «Pershing 2».

Após o prelúdio de propaganda, os aliados dos EUA na NATO sofreram uma poderosa pressão política e manobras de chantagem económica.

Mas as posições, quer de massas, quer de personalidades eminentes, repudiando a bomba de neutrões, não pararam, pelo contrário, e contra os desejos de Washington, intensificaram-se.

Assim, entre muitas outras manifestações, logo a 8 de Fevereiro, Olof Palme, ex-primeiro-ministro e dirigente social-democrata sueco, disse que incrementar a corrida aos armamentos e produzir a bomba de neutrões aproxima a Humanidade cada vez mais de uma catástrofe.

No dia 10, o Parlamento holandês aprovou uma moção contra a introdução da bomba de neutrões na Europa. Neste mesmo dia, durante a Conferência de Genebra sobre o Desarmamento, a URSS propôs a assinatura de um tratado internacional que proíba a produção e instalação de bombas de neutrões.

Em Oslo, no dia 11, o ministro dos Negócios Estrangeiros rea-

Continua na pág. 4

A corrupção da Antiguidade aos nossos dias

N. Forgeot

A corrupção, as «luvas», é tão velha como o mundo.

Esta fórmula, mil vezes anunciada, é hoje confirmada «ex-cathedra» por uma equipa de investigadores da Universidade de Constança (RFA) que, sob a direcção do professor de História Wolfgang Schuller, reuniu todos os elementos sobre a corrupção na Antiguidade.

Outros prosseguirão o trabalho deles, sobre as épocas seguintes, em que o problema se torna mais vasto, para não dizer imenso. Muito mais conhecido, também.

Já há quatro mil anos no Egipto antigo

Foi a sociedade organizada, há milhares ou dezenas de milhares de anos que engendrou a corrupção. Comprar os favores de um dignitário, chefe de tribo, de juiz e, mais tarde, da polícia, mediante presentes – dinheiro ou não – é uma tentação que deve ter germinado no cérebro dos humanos desde tempos imemoriais, a par de uma outra tentação por parte daqueles a quem as luvas se destinavam: aceitá-las, em vez de as recusar com indignação.

No antigo Império do Egipto (Memphis), mais de dois milenários e meio antes da era cristã, o encarregado dos sacos de trigo foi decapitado por ter aceitado contabilizar dez sacos em vez de nove, por entrega mediante dinheiro, ou pagamentos em espécies, as crónicas não pormenorizam,

Quanto ao seu cúmpice e corruptor, um armazenista das colheitas, foi ainda severamente castigado: condenado ao corte de ambos os braços antes de ser executado.

Singular estratégia de defesa

Na Roma dos imperadores, o historiador Ammianus Marcellinus, censurou o prefeito dos pretorianos, Probus, por se aproveitar das suas funções para conceder diversas vantagens aos membros da sua família.

Perdão replicou Probus o nosso dever não é ajudar os nossos? Eu apenas obedeci a essa regra moral.

Em 1981, um empregado da Alfândega do porto alemão de Hamburgo, a contas com a justiça por ter fechado os olhos ao conteúdo (droga) duma maleta depis apanhada, evocou em sua defesa os seus pesados encargos familiares em comparação com o seu vencimento modesto. decididamente não há nada de novo à luz do sol.

Luvas 4 mil camelos

O professor Schuller e os seus colaboradores exploram todos os escritos da Antiguidade e encontraram nomeadamente uma verdadeira mina de ouro no Codex Theodosianus (da época da dinastia dos Teodósios, imperadores do Oriente), que inclui todas as ordens imperiais a partir de 312, depois de Cristo.

Assim, já Constantino o grande se levantara com violência contra os funcionários corruptos e «delapidadores dos dinheiros públicos». «As sentenças dos magistrados e dos governantes não se vendem – declarou – a Justiça deve ser igual para os ricos e para os pobres e quem infringir esta ordem terá a cabeça cortada por muito elevada que seja a sua posição!»

Sabia do que falava. Em meados do século IV, um homem chamado Romanus, chefe militar da cidade de Leptis, na África do Norte, fez depender a defesa dos habitantes daquela cidade contra a invasão de tribos dos arredores de um «presente» de... quatro mil camelos.

A indulgência de Cícero

Denunciar esta atitude singular em Roma não teria, de qualquer modo, resultados antes de vários meses, tempo mais que suficiente para que os agressores pusessem Leptis a ferro e fogo. Os seus habitantes preferiram então satisfazer a exigência do comandante e oferecer-lhe espontaneamente (é, pelo menos, o que esse excelente funcionário anotou no seu relatório) os quatro mil camelos.

Por onde passa de resto a linha de demarcação entre as «luvas» e os... presentes? Já Cícero levantou a questão e mostrou-se relativamente indulgente «para os que confundiam as duas noções».

Bispo contra patriarca

Nem mesmo aos homens da Igreja repugnava recorrer a tais processos. Assim, Cirilo, bispo ortodoxo de Alexandria, em luta aberta contra o patriarca de Constantinopla, Nestorius, enviou sumptuosos presentes ao imperador do Oriente, que devia julgar – e julgou efectivamente ρ diferendo.. a seu favor. Entre outros, tecidos, tapetes de valor, duzentas peças em ouro, etc.

Foram os arcebispos do sínodo de Éfeso (431), que ao condenarem Nestorius por diversas faltas e delitos, revelaram estes factos.

Do Irão (dos ayatollas) à Polónia

No século quinto, como hoje, as luvas nunca deixaram de existir, tanto no ocidente, como no oriente. Mesmo no Irão dos ayatollas, pretensamente duro e puro, é um dos raros meios para conseguir o que se quiser, incluindo a indulgência dos juízes revolucionários. Conhece-se casos flagrantes, com nomes e pormenores e se a imprensa europeia não os revela é para não «queimar» as muitas evasões da prisão e outros favores que continuam a servir.

Os dos objectivos do «Solidariedade» na Polónia é lutar contra a corrupção, que no Governo Edward Gierek atingira proporções consideráveis, insuspeitas. As luvas existem em todos os países socialistas, a começar pela URSS, com os escândalos (abafados) que põem em causa muitas vezes parentes próximos de dirigentes políticos de primeiro plano e que urge, portanto, proteger.

O professor Wolfgang Schuller e os seus colaboradores de Constança limitam as suas investigações, de momento, à Antiguidade. Previram já que o seu trabalho vai durar vários anos. Se quisessem estender as suas investigações a todas as épocas, até aos nossos dias, precisariam de – décadas e auxílios... às centenas, mas talvez fique para mais tarde.

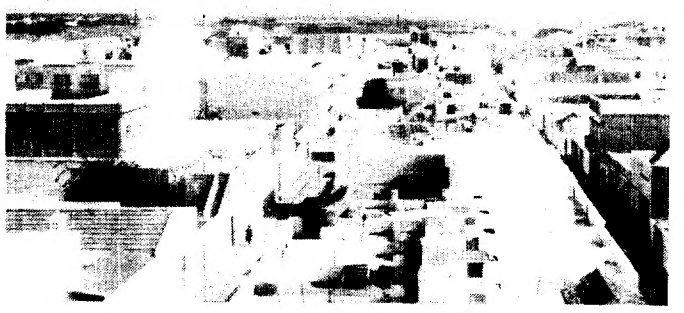
ponto e ponto

● Em viagem profissional, chegou ontem a Lisboa um grupo de altos funcionários da Associação de **Nações do Sueste Asiático** (ASEAN) e da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO).

A missão apreciará, até 2 de Outubro, problemas inerentes a contratos de transferência tecnológica através de experiências do Instituto de Investimento Estrangeiro.

Durante a estada em Portugal, a delegação será recebida pelo secretário de Estado da Indústria, Alberto Justiniano, e trabalhará com elementos do conselho directivo e técnicos superiores do Instituto de Investimento Estrangeiro e do Ministério da Indústria.

● **Álvaro Cunhal** à frente de uma delegação do PCP que integra Albano Nunes e Francisco Lopes, do respectivo comité central, partiu hoje para Budapeste, para uma visita de três dias a convite do Partido Operário Socialista Húngaro.
Para debater a organizaçao do PCP no distrito de Santarém, terá lugar no próximo domingo, no Entroncamento, um encontro de quadros da Organização Regional daquele [illegible]do.



● Uma delegação do Partido Socialista, chefiada pelo deputado Almeida Carrapato, visitou recentemente a empresa nacionalizada FRESCUL, em **Olhão,** para recolher elementos sobre a situação criada pelo despacho n.º 73/81 do secretário de Estado das Pescas, na sequência do projecto do Governo AD de liquidar o sector público e entregá-lo aos grandes capitalistas.

● Os republicanos de **Coimbra** comemoram o 5 de Outubro com uma romagem ao túmulo de José Falcão, no cemitério dos Olivais daquela cidade, mas o feriado evocativo da implantação da República será também assinalado com manifestações organizadas pela Câmara Municipal. Haverá desfile e concerto por bandas de música, e audição do grupo de cordas e cantares do Ateneu de Coimbra, no salão nobre dos Paços do Concelho.

● O brigadeiro Moura de Carvalho, que cessa dia 8 as funções de comandante aéreo dos Açores, foi condecorado ontem com a Legião de Mérito dos Estados Unidos.

A condecoração foi atribuída pelo Saclant e pelos secretários da Defesa e da Marinha dos Estados Unidos devido à «boa colaboração» prestada por Moura de Carvalho às autoridades militares norte-americanas sediadas nas **Lajes** durante os dois anos que exerceu as funções de comandante aéreo dos Açores.

O embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, Richard Blomfield, impôs, ontem à noite, as insígnias daquela condecoração a Moura de Carvalho, no decorrer de um jantar oficial efectuado no clube dos oficiais norte-americanos sediados na Base das Lajes.

Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-obra

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS E EMPREGO

ACEITAMOS INSCRIÇÕES PARA TRABALHAR EM MOÇAMBIQUE

Especialistas em:
Fauna — para o sector de Formação
Arroz — Produção. Regadio. Adubação. Mecanização
Leguminosas — Selecção de variedades
Herbologia — Investigação. Experimentação
Agroclimatologia — Direcção actividades rede clinatológica
Adubação — Horticolas. Leguminosas
Estações Experimentais — Gestão

Produtos Quimicos para a Lavoura — Utilização e escolha
REF.ª 318/81 — FITOPATOLOGISTAS

Especialistas em:
Doenças — Cereais grão fino. Horticolas leguminosas. Oleaginosas
Hematologia — Sistemas de controlo. Observação. Experimentação
Viroses — Batata. Mandioca. Citrinos. Leguminosas

REF.ª 319/81 — TÉCNICOS DE AGRICULTURA
REF.ª 320/81 — ENTOMOLOGISTAS

Especialistas na conservação de produtos armazenados

REF.ª 321/81 — QUÍMICO

Especialistas em análise de solos. Direcção de laboratório

REF.ª 322/81 — ENGENHEIROS TÉCNICOS AGRÁRIOS

Especialistas em:
Florestas — Abate. Tiragem e arraste. Preservação. Gestão pessoal. Florestal.
Plantações Exóticas — Viveiros

REF.ª 323/81 — JURISTAS

Especialistas em:
— Direito; Internacional; Comercial; Económico; Administrativo
— Civil
— Legislação Económica. Direcção de Economia

REF.ª 304/81 — ECONOMISTAS

Especialistas em:
— Economia
— Finanças
— Importação
— Importação/Exportação

REF.ª 325/81 — CONTABILISTAS
REF.ª 326/81 — ANALISTAS FISICO-QUÍMICOS
REF.ª 327/81 — VETERINÁRIOS
REF.ª 328/81 — CONTRAMESTRES
— Serralheiro Civil (Soldador)
— Serralheiro Mecânico
— Força Motriz (1.º Oficial)
— Frezadores (1.º Oficial)
— Torneiro Mecânico (1.º Oficial)

REF.ª 329/81 — TÉCNICOS ELECTRÓNICA
REF.ª 330/81 — BIBLIOTECÁRIOS

Especialistas em:
— % Publicações Periódicas (aquisição centralizada. Recepção e controlo, tratamento técnico)

REF.ª 331/81 — TÉCNICOS REFRIGERAÇÃO
REF.ª 332/81 — TÉCNICOS DE APROVISIONAMENTOS

— Bacharel em Economia, de preferência

REF.ª 333/81 — GESTORES STOCKS
REF.ª 334/81 — PROFESSORES

— Português
— Matemática

REF.ª 335/81 — ENGENHEIROS MEÇÂNICOS
REF.ª 336/81 — ENGENHEIROS TÉCNICOS ELECTROMECÂNICOS
REF.ª 337/81 — ENGENHEIROS QUÍMICOS
REF.ª 338/81 — ENGENHEIROS METALÚRGICOS
REF.ª 339/81 — ENGENHEIROS ELECTROTÉCNICOS
REF.ª 340/81 — ENGENHEIROS MANUAIS
REF.ª 341/81 — ENGENHEIROS CIVIS
REF.ª 342/81 — TÉCNICOS PROGRAMAÇÃO PROJECTOS
REF.ª 343/81 — DESIGNERS DE METAL
REF.ª 344/81 — DESENHADORES MÁQUINAS
REF.ª 345/81 — DESENHADORES
REF.ª 346/81 — PROJECTISTAS
REF.ª 347/81 — ENCARREGADOS DE OBRAS
REF.ª 348/81 — EDUCADORAS DE INFÂNCIA

— Experiência em organização e coordenação de actividades

REF.ª 349/81 — TÉCNICOS HOTELEIROS
REF.ª 350/81 — TÉCNICOS PLANIFICAÇÃO PROFISSIONAL
REF.ª 351/81 — CHEFES GABINETE DE DESENHO
REF.ª 352/81 — INSTRUTORES DE ESCOLA DE CONDUÇÃO
REF.ª 353/81 — ASSISTENTES SOCIAIS
REF.ª 354/81 — TÉCNICOS FORMAÇÃO PROFISSIONAL
REF.ª 355/81 — TÉCNICOS DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO
REF.ª 356/81 — CHEFES SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTOS E PATRIMÓNIO

OFERECE-SE: Remuneração compativel, entre 20 000 a 40 000 MT consoante a experiência de 3 anos mínimos. Contrato por 2 anos renovável. Alojamento. Transporte em serviço. Assitência médica gratuita. Férias de 30 dias anuais. Viagéns para o agregado familiar. Possibilidade de transferência de 50% do vencimento. Indicando a ref.ª da função a que se candidata. Enviar curriculum pormenorizado ao Apartado n.º 1322 — 1000 LISBOA.

Imposto do Turismo e as Câmaras algarvias

CRTA exige devolução da parte que lhe cabe

Uma outra proposta diz que a CRTA deve dotar-se de «meios materiais e humanos que lhe permitam uma eficaz acção de coordenação, divulgação, fomento e apoio financeiro» às várias actividades a programar.

O documento sublinha que, numa perspectiva de captação de novas correntes turísticas, a CRTA deve concentrar os seus recursos financeiros num conjunto de acontecimentos, designados por «grandes manifestações», por cuja realização será responsável.

Acrescenta que aquele organismo «deverá criar as condições para que a animação no Algarve seja uma constante, através de manifestações da mais alta qualidade que motivem o turista», incentivando para o efeito todos os intervenientes neste processo.

No encontro foi igualmente aprovado uma proposta da Câmara Municipal de Aljezur para abertura de um posto de turismo na sede daquele concelho e ratificada uma outra da Comissão Executiva da CRTA no sentido do presidente deste organismo passar a desemprenhar as suas funções, a tempo inteiro.

O Conselho Regional de Turismo do Algarve aprovou, ontem, em Lagos, uma recomendação para que as repartições de finanças do distrito dêem maior celeridade ao processo de entrega do imposto de turismo às câmaras municipais.

A recomendação, que será dirigida ao director de Finanças do distrito, surgiu por se ter verificado uma cobrança reduzida daquele imposto, cuja receita reverte para a Comissão Regional de Turismo do Algarve (CRTA) e câmaras municipais.

Numa proposta, aprovada por maioria, o conselho recomenda também que seja intensificada a fiscalização da cobrança do citado imposto, para que se reduzam as fugas que se têm verificado.

O conselho apelou a todas as câmaras para que entreguem à CRTA a parte da receita que lhe corresponde e que as de Vila Real de Santo António e de Vila do Bispo revejam a posição, que vêm defendendo, de não a entregar.

Reunidos em Lagos com a presença do Governador Civil do distrito, Oliveira Santos, aquele órgão consultivo da Comissão de Turismo do Algarve aprovou também as linhas orientadoras do programa de animação para a região, em 1982.

Ainda a bomba de neutrões

Continuação da pág. 3

firmou a oposição do seu Governo à instalação da bomba de neutrões em território da Europa Ocidental.

Durante as festas da Páscoa, 23 grupos de jovens do Ruhr organizaram uma campanha de paz subordinada ao tema «Contra a ameaça atómica»: não aos mísseis nucleares e à bomba de neutrões: o desarmamento é indispensável».

Em princípios de Abril, durante uma tomada de posição dos médicos da região de Francfort, o professor do ensino superior, Hans Mausbach declarou: «A RFA, com a sua densa população, não deve em qualquer caso ser teatro de uma guerra nuclear. Mesmo um número reduzido de explosões atómicas provocaria no nosso país tais devastações que os médicos não ficariam com possibilidades de socorrer ou tratar.»

Milhares de trabalhadores italianos assinaram um apelo entregue ao ministro da Defesa, no qual manifestaram a sua inquietação crescente, face ao sobre-armamento nuclear na Europa Ocidental e em particular quanto à intenção dos EUA de instalarem armas de neutrões nos países da Europa Ocidental.

Durante alguns meses a Imprensa deixou de falar no assunto. O silêncio de Washington permitiu criar um «vazio» propositado sobre a bomba de neutrões. A administração americana preferiu o jogo da defesa. De repente, no dia 6 de Agosto, na sessão do grupo de planeamento do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, realizada na Casa Branca, é declarada a produção da bomba de neutrões. Reagan quis prestar «homenagem» às vítimas de Hiroshima anunciando com perversidade no dia em que por todo o mundo se desenrolavam manifestações contra o bombardeamento de Hiroshima, a produção da bomba «limpa», a bomba que mata as pessoas e deixa intactos os bens materiais, a bomba capitalista. Reagan colheu ensinamentos da atitude do seu predecessor que anunciou a preparação da bomba de neutrões, a que se seguiu um movimento de protesto mundial de tal forma amplo e veemente que obrigou Carter a retroceder. O actual presidente dos EUA preferiu actuar de modo diferente, utilizando a surpresa, o facto consumado, sem sequer haver consultado os parceiros da NATO, como fora prometido por Haig, impedindo assim o arrastamento da questão, que foi fatal para Carter.

Tendo consciência das reacções negativas europeias, ao contrário de Carter – que declarara ser a bomba de neutrões destinada à Europa – Reagan afirmou que a decisão do fabrico da bomba N era uma questão interna dos Estados Unidos, acrescentando sobranceiro que o seu país não deve jamais admitir que «as decisões militares norte-americanas dependam do apoio dos aliados». Mas, para sossegar os países do Pacto do Atlântico, um porta-voz da Casa Branca garantiu que a bomba de neutrões só seria instalada na Europa depois de consultas com os aliados da NATO.

As palavras do presidente Reagan parecem fazer crer que o Pentágono prevê o emprego exclusivo da bomba de neutrões no território norte-americano e nunca na Europa. Na realidade, Washington pretende fazer acreditar que os EUA não têm quaisquer planos para utilizar a bomba de neutrões fora do seu território e que os arsenais respectivos aí se manteriam. Então, pergunta-se: para quê e contra quem seria utilizada a bomba de neutrões? Contra o seu próprio povo?! Contra o México ou o Canadá?!

Trata-se, sem dúvida, de uma táctica política, na própria opinião da Imprensa dos EUA, com o fim de levar os seus aliados na NATO a aceitar, através de negociações e pressões, a futura colocação e eventual aplicação da bomba de neutrões no continente europeu.

A bomba de neutrões, tal como os mísseis «Cruise» e «Pershing 2» têm como objectivo principal os países do Pacto de Varsóvia, embora possa vir também a equipar o «Corpo de Intervenção Rápida» e outras unidades móveis de repressão, nomeadamente no Golfo Pérsico e Médio Oriente.

Mas, tal como em 1978 e em Fevereiro deste ano, as reacções internacionais surgiram imediatamente após a decisão de Washington de 6 de Agosto. A única manifestação de aprovação aberta veio de Pequim. Num comentário divulgado pela Agência Nova China afirmava-se a «importância» da decisão dos Estados Unidos para a «defesa e a segurança da Europa Ocidental».

É natural que, sendo a URSS o primeiro país visado pela política de aventura belicista dos EUA, esta reagisse fortemente. Em declaração oficial de 14 de Agosto, a TASS afirmava que a decisão de Reagan se integra no conjunto de medidas tomadas nos últimos anos pelos EUA, entre as quais se contam o aumento das despesas militares, a não ratificação dos acordos SALT 2 ea preparação da colocação na Europa Ocidental de mísseis de médio alcance, e chamava a atenção para as consequências extremamente perigosas da última decisão americana. Mas para a União Soviética a principal preocupação criada pela bomba de neutrões é que ela conduz a um perigoso abaixamento do chamado limiar nuclear». Inventada para ser utilizada como arma táctica, a bomba de neutrões destina-se a ser usada contra forças convencionais, sem deixar por isso de ser uma arma nuclear. Ora, para uma arma nuclear só existe uma resposta: outra arma nuclear. E o conflito nuclear surgirá inevitavelmente.

Na declaração citada, a URSS propunha a renúncia mútua à produção da bomba de neutrões e a sua proibição, mas avisava que tomaria «as medidas necessárias para garantir a sua própria segurança e a dos seus amigos e aliados». O chefe de Estado soviético afirmou já também que «se essa bomba for criada no Ocidente contra nós, a URSS não se manterá observador passivo».

As reacções negativas à bomba de neutrões atingiram e dividiram o mundo ocidental, incluindo os próprios EUA. Citam-se algumas dessas manifestações verificadas no mês de Agosto, logo após a decisão de Reagan, embora as tomadas de posição contra a bomba de neutrões continuem.

Linus Pauling, duas vezes Prémio Nobel e Prémio Lenine da Paz, classificou a bomba de neutrões como «uma loucura contrária aos interesses da paz universal» e afirmou que o facto de se procurar fazer acreditar as pessoas que, com a bomba de neutrões, é «possível e admissível» uma guerra «limitada», torna essa arma ainda mais perigosa, concluindo por criticar Reagan por não dar uma resposta positiva às propostas soviéticas de conclusão de um acordo de proibição da bomba de neutrões. William Fulbright, antigo presidente da comissão senatorial para os Negócios Estrangeiros dos EUA, disse que «antes de tomar qualquer decisão respeitante à produção de novas armas, a administração americana deveria ter realizado negociações com a URSS». Fulbright pronunciou-se ainda contra a decisão de Reagan de lançar o fabrico da bomba de neutrões, salientando que essa arma irá acelerar forçosamente a corrida aos armamentos. Vinte e quatro organizações públicas e sindicais norte-americanas enviaram a Reagan uma carta de protesto pela decisão tomada no dia 6 de Agosto.

Foi, no entanto, na Europa Ocidental que esta decisão levantou maior polémica e reprovação, incluindo governos dos países da NATO.

O primeiro-ministro da Noruega declarou que o seu Governo «foi sempre contra as armas de neutrões» e que a sua posição era imutável. O ministro dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca manifestou oposição à fabricação da bomba de neutrões e **como país não nuclear** rejeitou qualquer possibilidade de instalação no seu território. Idêntica posição foi anunciada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Holanda.

Na RFA, Egon Bahr, do SPD, presidente da subcomissão do Parlamento Alemão para o desarmamento e o controlo dos armamentos, considerou a bomba de neutrões como «uma alienação do espírito humano» pelo que, afirma, «é indispensável dizer um não formal à sua instalação na Europa Ocidental» e, dias depois, advertindo os EUA para que não enviassem as armas de neutrões para a RFA, dizia: «É nosso direito inviolável, é mesmo nosso dever pronunciarmo-nos sobre os acontecimentos no nosso território». Num apelo divulgado em Bonna, as mulheres sociais-democratas exigiram ao Governo que explique de um modo inequívoco aos norte-americanos que a RFA não tolerará a bomba de neutrões no seu território. Dentro do mesmo espírito, a organização juvenil do SPD promoveu uma manifestação pacífica nas ruas de Francfort. Em Berlim Oeste, 100 mil pessoas concentraram-se para repudiar a decisão de Reagan. Em Bremen, uma manifestação de 10 mil pessoas protestou contra o fabrico da bomba de neutrões.

Dirigentes socialistas e sociais-democratas de países europeus membros da NATO reuniram-se em Copenhaga para analisar a decisão dos EUA de fabricar a bomba de neutrões.

O Conselho Ecuménico das Igrejas, reunido em Dresden (RDA) exigiu a paragem imediata do fabrico da bomba de neutrões, nos Estados Unidos, considerando esta arma uma «ameaça monstruosa».

Dois dias antes do 42.º aniversário do início da II Guerra Mundial, o Papa João Paulo II fez um apelo a favor do desarmamento e da paz. «A guerra é a destruição da vida humana, a guerra é a morte», «devemos trabalhar pelo desarmamento e pela abolição das armas nucleares». O Papa afirmou também: «Neste momento, é importante sublinhar a necessidade de serem incrementados os esforços para assegurar a paz».

A decisão dos Estados Unidos, pela data em que foi tomada constitui um desprezo cínico pela memória das vítimas de Hiroshima, representa igualmente um novo passo na corrida aos armamentos e agrava o perigo do desencadeamento de uma guerra nuclear. A administração Reagan desafia os povos que querem trabalhar e viver pacificamente. O mundo inteiro sabe já donde vem a ameaça. Os dirigentes dos Estaods Unidos, que querem a todo o custo exercer a hegemonia mundial, não ameaçam apenas os países socialistas mas o conjunto da Humanidade.

Mas mais uma vez o clamor dos povos contra a corrida aos armamentos, a exigência da opinião pública mundial de um clima de paz e segurança forçará os fautores de guerra a recuar.

Laura Lopes

Socialistas espanhóis propõem medidas contra o lançamento de detritos radioactivos no Atlântico

Uma proposta com medidas a adoptar pelo Governo para evitar o despejo de detritos radioactivos na fossa do Atlântico, a menos de 500 milhas da costa do País foi ontem apresentada pelo Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) no Congresso.

Os socialistas referem a situação de eventual perigo para as costas da região galega, devido à proximidade do cemitério atómico onde são depositados os resíduos de alguns países da CEE.

Propõem ainda que, mediante um acordo com os países de procedência dos resíduos, se estabeleça um sistema de controlo, detecção e alarme, que permita conhecer a evolução do depósito e das possíveis fugas que possam vir a registar-se.

Recorde-se que durante a última operação deste género, efectuada há poucas semanas, conforme noticiámos, o navio pesqueiro espanhol «Xurelo», levando a bordo ecologistas, pescadores e dirigentes locais galegos, se aproximou do local e difundiu palavras de ordem contra a operação.

SEFC e IAS terminam estudo do cooperativismo na Madeira

Uma missão da Secretaria de Estado do Fomento Cooperativo e do Instituto António Sérgio, que se encontra há algum tempo na Madeira, deu ontem por terminado, no Funchal, o seu trabalho de levantamento do cooperativismo naquela Região Autónoma.

Durante o trabalho, o chefe de gabinete da SEFC, e Gomes Santos, do IAS, tiveram contactos com dirigentes de 11 das 23 cooperativas existentes na Região e com o secretário regional do Trabalho.

Todas as cooperativas foram convocadas para serem ouvidas, mas só apareceram duas de bordados, uma de vimes, cinco de consumo, uma de frutas, uma de habitação, e outra de hotelaria – segundo Manuel Toscano, à ANOP.

As onze cooperativas ouvidas empregam permanentemente 207 funcionários, 7758 eventuais, têm cerca de 14 300 sócios, e um movimento anual de mais de 600 milhões de escudos, metades dos quais foram movimentados pela Cooperativa das Frutas.

Na generalidade, as cooperativas debatem-se com problemas graves, designadamente falta de instalações.

Outra carência: a actualização dos estatutos, face ao Código Cooperativo. Entretanto, ficou acordado que o INSCOOP, a curto prazo, vai enviar para a Madeira juristas especializados para resolver a situação.

Em Novembro entra em funcionamento no Funchal uma delegação do INSCOOP, para garantir à Região a manutenção e a criação de novos postos de trabalho através de subsídios ou empréstimos com juro bonificado, assim como apoio à formação de quadros.

Eleições em Loures

Cunhal e Soares no terceiro dia da campanha

A campanha eleitoral em Loures entrou ontem no seu terceiro dia e foi logo marcado pela presença de destacados dirigentes partidários. Mário Soares esteve em Odivelas, Caneças e Pontinha, acompanhado pelo principal candidato socialista, eng. técnico Riço Calado. Álvaro Cunhal, por seu turno, deslocou-se à Póvoa de Santo Adrião e a Olival Basto, acompanhado por Severiano Falcão.

Nas intervenções políticas que fez durante a sua deslocação, o secretário-geral do Partido Comunista avisou para os perigos que, no seu entender, decorrem das eleições em Loures. Embora convicto na vitória da APU, Cunhal chamou a atenção para o facto de existirem outras Câmaras na zona da Grande Lisboa em que a correlação de forças é idêntica àquela que existia em Loures – maioria relativa da APU. Se os resultados de Loures modificassem esta situação, socialistas e AD poderiam ser tentados a derrubar as restantes Câmaras, nomeadamente as de Vila Franca de Xira e da Azambuja, para marginalizar a APU, advertiu Cunhal.

Na Póvoa de Santo Adrião, Álvora Cunhal elogiou a política seguida pela respectiva Junta de Freguesia, onde, segundo afirmou existe perfeita colaboração entre autarcas socialistas e comunistas «embora sem o reconhecimento oficial dos dirigentes do PS». Riço Calado acusou Cunhal, «na Câmara de Loures faz precisamente a aliança com a AD, com os que são contra os trabalhadores».

Soares, por seu turno, acompanhado por Riço Calado e por Manuel Alegre e inserindo-se no tipo de campanha adoptado pelos socialistas, – campanha porta-a-porta , procurando as pessoas onde elas estão – manteve contactos pessoais com a população do concelho. Visitou, nomeadamente, algumas zonas degradadas e esteve nas instalações da Carris, na Pontinha, para falar aos trabalhadores. Aqui afirmou que o Partido Comunista «tem uma política essencialmente conservadora, de sectarismo e violência», para depois acrescentar: «o nosso esquema é o mesmo que foi aplicado em França». Sublinhou que o PS, é, à escala nacional, um partido de esquerda, mas que em Loures «o combate eleitoral é entre a lista do PC e a do PS».

Entretanto, a FAUL do PS emitiu um comunicado em que apela ao voto na lista socialista.

Outra iniciativa do PS, integrada na campanha eleitoral, embora sem ser anunciada como tal, é o jantar comemorativo do 5 de Outubro. Habitualmente realizado em Alenquer, ele foi este ano transferido para Odivelas porque «o concelho de Loures declarou a proclamação da República no dia 4 de Outubro, um dia antes de Lisboa». Da Comissão Organizadora, para além das figuras históricas do PS, mas também qualificado como «conhecido lutador antifascista», faz parte o primeiro candidato do PS, António Riço Calado.

Governo continua a fazer "charme"

Aumentos para a Função Publica serão em Janeiro

O Governo chegou ontem a acordo com os sindicatos representantes dos trabalhadores da Função Pública para elevar os respectivos salários a partir de Janeiro de 1982. Falta ainda decidir as fórmulas concretas dos aumentos e o seu montante, segundo fonte sindical.

Foi também discutido entre o ministro Menéres Pimentel e os sindicalistas a amplitude e o conteúdo do pacote legislativo para a Função Pública que o Executivo discutirá em breve. Menéres Pimentel reuniu-se separadamente com dirigentes do Sindicato dos Quadros, da Federação da Administração Pública (UGT) e Federação da Função Pública (CGTP).

Entretanto, foi também anunciado que brevemente será divulgado um outro pacote de medidas, estas destinadas ao sector cooperativo, que está a ser preparado pelo secretário de Estado, Bento Gonçalves. Ele abrangerá sete diplomas relacionados com cooperativas de produção, ensino, pescas e outras.

Estes anúncios, e outros anteriores surgidos ao longo da última semana, parecem incluídos na campanha de «charme» que o Executivo dirige à opinião pública. Falta-lhe, no entanto, dar o passo decisivo que é passar da criação de «factos políticos» à implementação de «factos reais», sob pena de, não o fazendo, cair em descrédito. Da reunião de hoje do Conselho de Ministros que ontem foi preparada numa reunião de secretários de Estado, espera-se a divulgação das primeiras decisões adoptadas pelo Executivo Balsemão. E espera-se também que elas originem alguma polémica. Com efeito, os parceiros sociais reagiram muito mal às anunciadas alterações à legislação laboral e, no que toca ao Orçamento Geral do Estado, ainda não se sabe em que sectores se irão fazer sentir com mais intensidade os cortes necessários para cumprimento integral das exigências do FMI.

Comissão Directiva reuniu ontem

CDS aos militantes: estudem a Encíclica

«O ritmo positivo da acção governativa» mereceu o aplauso dos dirigentes centristas na reunião de ontem da Comissão Directiva. Grande parte do comunicado final, é, porém, dedicado à recente Encíclica de João Paulo II «Laborens Exercens». No recente debate do Programa do Governo, o secretário-geral do PS, Mário Soares citou a Encíclica, como um texto progressista e que defende os direitos dos trabalhadores. Só mais tarde, o CDS reagiu, e está agora, a tentar «absorver» a Encíclica com uma análise que sirva o seu próprio Programa partidário.

Por isso, no comunicado da Comissão Directiva o «CDS recomenda aos órgãos e militantes do Partido, o estudo e análise aprofundada da Encíclica, bem como a adopção e divulgação das respectivas orientações, que possuem indiscutível oportunidade e assumem grande relevo do mundo moderno». Acentua a direcção centrista a «importância da doutrina social da Igreja como principal inspiração do pensamento democrata-cristão».

Finalmente, e ainda a propósito da actividade governamental, o CDS «manifesta a convicção de que a persistência e a determinação na prossecução das prioridades e dos objectivos enunciados no Programa do Governo, bem como a oportunidade e o dinamismo de acção e intervenção políticas são elementos essenciais do revigoramento que se vem registando, a todos os níveis, no seio da AD».

Governador Civil

Não será do CDS mas do PSD o próximo governador civil de Portalegre, se o dirigente social-democrata João Pedro Antas de Barros aceitar o convite do ministro da Administração Interna Ângelo Correia. O anterior governador era do CDS, Araújo Correia que pediu recentemente a sua demissão.

Antas de Barros já manifestou disposição para aceitar o cargo, para o qual já tinha sido dado como um dos candidatos, em anteriores oportunidades. Antas de Barros é director da Escola do Magistério Primário de Viseu e integra a Comissão Política Distrital do PSD e a Comissão Instaladora da Escola Superior daquela cidade.

Conselho de Ministros reunido

A legislação laboral, com as alterações já largamente difundidas em toda a Imprensa, será hoje discutida e aprovada em Conselho de Ministros. Contratos a prazo, despedimentos, fixação do salário mínimo nacional são algumas das medidas a aprovar na reunião desta manhã. Sabe-se já que o salário mínimo será de 10 700 escudos.

Será, porém, um texto do vice-Primeiro-Ministro, prof. Freitas do Amaral, sobre administração regional e local que poderá trazer algumas novidades. Nesta matéria registou-se a colaboração do secretário de Estado da Administração regional e local, Roberto Carneiro. Não tem sido grandemente referida a participação activa do titular da pasta da Administração Interna, eng. Ângelo Correia, em deslocação a vários pontos do País.

justiça

A carta

Os membros do VIII Governo constitucional receberam há dias uma carta do Primeiro-Ministro, que depois de circular pelos gabinetes, foi canalizada para o «Diário de Notícias» e neste matutino teve honras de primeira página.

Nessa missiva, elaborada depois da passagem do Programa do VIII Governo na Assembleia da República, recomenda o chefe do Executivo aos seus pares que cumpram a lei. Diz, textualmente, Pinto Balsemão: «torna(-se) essencial o respeito escrupuloso das leis em vigor – desde a Constituição aos simples regulamentos administrativos, sem esquecer as convenções internacionais aplicáveis. E é evidente, também, que o cumprimento da lei implica e exige a execução oportuna e integral dos acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo e, em geral, de todas as setenças judiciais».

Num país que há anos vive em regime democrático, onde os tribunais, melhor ou pior funcionam, onde há liberdade de Imprensa para denunciar abusos e violações da legalidade democrática, este apelo de Pinto Balsemão quase que demonstra uma irresistível inclinação pelo ridículo. O Primeiro-Ministro sente-se na necessidade de recordar aos seus ministros que as leis são para se cumprir! Não lembra ao Diabo!

Ou será que o chefe do Governo, conhecendo bem de mais os homens públicos que escolheu para a sua equipa, pensou ainda a tempo que mais vale prevenir que remediar? De qualquer maneira fica mal a Pinto Balsemão, num caso ser ridículo, no outro escolher mal quem o acompanha. Admite-se que o líder do PSD estivesse um pouco «queimado» com os dissabores que lhe causaram alguns dos membros do Governo anterior, nomeadamente os do sector da Agricultura. Mas com essa experiência, com o conhecimento que já lhe advinha do tempo em que foi adjunto de Sá Carneiro, e em ambos os Governos se praticaram bastas ilegalidades, já era tempo de Balsemão se precaver.

Mas mais grave que esta suspeita lançada sobre o Primeiro-Ministro ou sobre os ministros, a missiva de Balsemão pode trazer outros riscos.

Imagine-se, por exemplo, que no próximo dia 6 de Outubro quando em princípio começarem os julgamentos, um réu se apresenta a um juiz da Boa-Hora, acusado do mais nefando crime. Por exemplo do assassínio de uma criancinha para lhe roubar um chupa-chupa.

No final das audiências é de lei que o juiz pergunte ao réu se tem mais alguma coisa a dizer em sua defesa. No caso vertente imaginemos que o infanticida afirma, candidamente: «Eu não recebi a carta!» Se os homens públicos que são ministros tiveram direito a uma prévia advertência, alguém terá coragem de a recusar a um simples cidadão?

José Vilaça

III Congresso do PSD-Madeira: João Jardim apresenta moção

Alguns dos aspectos principais da moção a apresentar ao III Congresso do PSD-Madeira, foram agora divulgados pelo presidente do Governo Regional da Madeira, Alberto João Jardim. Em relação ao Presidente da República, João Jardim considera que «nada justifica qualquer política de confronto institucional, a não ser que se verificasse o arrastar do País para esquemas não-democráticos». Quanto à Assembleia da República, o presidente do Governo Regional da Madeira acha que esta vem «manifestando um certo alheamento e incompreensão dos problemas da região».

Recusando sempre a AD como coligação para a região da Madeira, Alberto João Jardim refere-se, depois, à Comunicação Social. «Seria vergonhosa – diz – a manutenção em lugares bastante responsáveis da comunicação estatizada, de indivíduos, cuja instabilidade psíquica e incoerência política desprestigiam a imagem da social-democracia». Um ataque a alguma figura do PSD? Recordamos que Alberto João Jardim patenteou bem, no último Congresso, o seu desagrado pela entrada de Sousa Tavares no partido.

No campo partidário, João Jardim opina que o partido deve dar especial prioridade à preparação das eleições autárquicas, à dinamização do sector socioprofissional, na perspectiva da UGT e à formação de quadros técnicos.

Para uma acção governativa futura, João Jardim aponta 30 objectivos, centrados, principalmente, no aumento da produtividade, combate à fraude e evasão fiscal, concretização da zona franca e aeroporto, apoio específico a Porto Santo, melhoria dos sistemas de saúde e ensino, reforço da construção habitacional e política cultural e desportiva ao alcance das massas.

As distritais reflectem

As comissões políticas distritais do PSD reúnem-se domingo em Braga para um encontro de reflexão promovido pela comissão social-democrata desta cidade, no qual serão debatidos problemas internos do partido.

Em comunicado, a comissão política distrital de Braga manifestou «total apoio ao oitavo governo» decidindo também exprimir «plena confiança no Executivo quanto à sua acção virada ao cumprimento do seu programa em adequado respeito pela vontade eleitoral do povo português», nas eleições de 5 Outubro de 1980.

No seu encontro mensal comissão deliberou requerer presidente da mesa da Assembleia Distrital a convocação de uma reunião para 9 de Outubro para análise da situação política e homologação das secções socioprofissionais.

Compre um Televisor a cores... dispondo apenas de 5.500$00!

EMPRESA DE PROMOÇÃO DE VENDAS

DEPOIS DOS ÊXITOS ALCANÇADOS EM TODAS AS SUAS PROMOÇÕES...

...e ao assinalar o 6.º ano de actividade surge agora mais activa e dinâmica do que sempre!...

Arrojadamente e revolucionando os meios promocionais JJ anuncia, na nova época 81/82, a realização em Portugal de novas campanhas de grande êxito mundial.

Eis que surge a primeira!

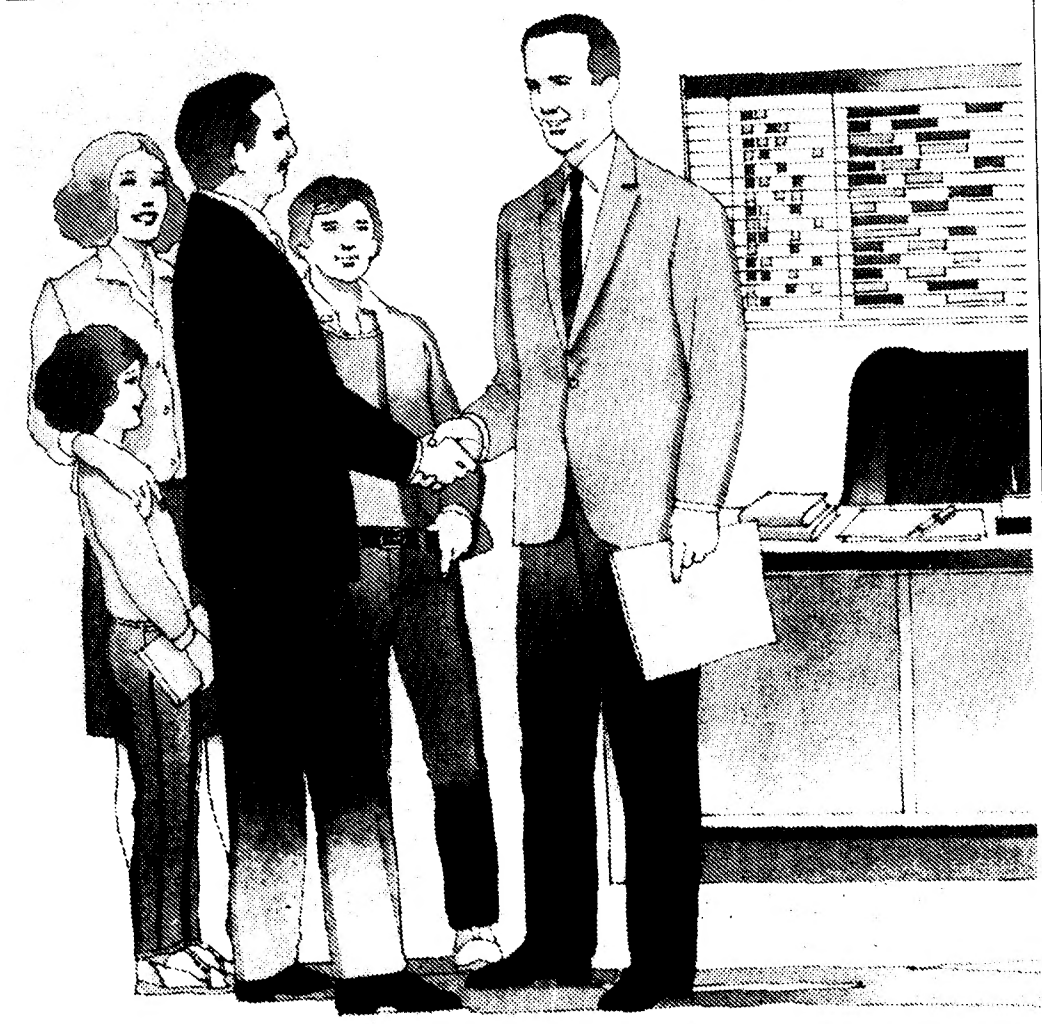
"CARNET JJ-CICLO TV COR"

Através desta campanha você vai realizar o seu sonho de já algum tempo! **Apenas dispendendo 5.500$00 você poderá possuir uma TV a cores de valor superior a 50 contos!**

Não... Não é aluguer. E também não é através de sorteio que você vai possuir uma TV a cores.

É através de uma compra ... numa extraordinária Promoção JJ!

LEIA AS "INSTRUÇÕES" E RECORTE O "BOLETIM DE INSCRIÇÃO" PUBLICADO DIARIAMENTE ATÉ 5 DE OUTUBRO NO CORREIO da manhã



NA CAMBRIDGE SCHOOL
OS SEUS FILHOS TÊM 8 ANOS DE CURSOS CONTÍNUOS

1st year children, 2nd year children, 3.º grau, 4.º grau, 5.º grau, 6.º grau, Cambridge First Certificate, Cambridge Certificate of Proficiency

Cursos paralelos em francês e alemão

cambridge school

LISBOA: AV. DA LIBERDADE TEL. -55 47 80 · -55 47 89
GUERRA JUNQUEIRO TEL. -88 45 44 · -89 96 01
BENFICA TEL. -70 43 29 · -70 36 38
ALMADA TEL. 276 02 34 · 275 32 18

PORTO: TEL. 560380 - 561130

Peça brochura

APA - CS 1/81

saúde

34.ª Assembleia Médica Mundial

Aprovada Declaração dos Direitos do Doente

A 34.ª Assembleia Geral da Associação Médica Mundial (AMM), actualmente a decorrer num hotel da capital, aprovou em sessão plenária por unanimidade a Declaração dos Direitos dos Doentes.

Este documento proclama o direito do doente a escolher o seu médico e o direito deste em optar, sem coacções, pelos meios de diagnóstico e tratamento mais apropriados ao estado do doente. Afirma ainda o direito do doente ao segredo das suas confidências.

A sessão de ontem foi preenchida com a discussão dos direitos básicos dos pacientes, em articulação com os recursos financeiros e tecnológicos postos à disposição dos médicos e o papel dos Governos na sua definição.

Nos termos da comunicação apresentada pelo médico inglês Tony Grabham, um dos principais limites que actualmente se põem ao eficaz tratamento dos doentes consistiria precisamente na quantidade e qualidade dos recursos financeiros e tecnológicos a que os profissionais da cura têm acesso.

O responsável da Associação Médica Britânica referiu ainda que os Governos têm um papel dominante na definição dos direitos dos doentes, quando estabelecem os financiamentos destinados ao sector da saúde, acrescentando que as carências financeiras nesta área têm consequências particularmente dramáticas para os doentes crónicos ou deficientes mentais.

Transkei admitido em silêncio

Em silêncio, passou até agora a admissão na AMM da Associação Médica do Transkei, associada às admissões como novos membros da Nova Zelândia, Síria, Tunísia e Togo. Não são conhecidas até à data quaisquer reacções, mas prevê-se que as questões políticas voltem a atravessar em força esta controversa Assembleia Geral.

Com efeito, após a previsível politização do encontro, suscitado pela candidatura da África do Sul, duas moções agendadas para discussão amanhã fazem supor novos debates de ordem não estritamente médica.

Uma, de origem britânica, pede à Assembleia a condenação do uso da psiquiatria para fins políticos na União Soviética. A outra é relativa ao papel dos médicos na informação sobre as possíveis consequências de um conflito nuclear.

«Não politizar questões»

A posição assumida pelo Movimento Anti-Apartheid na questão da admissão da Associação Médica Sul-Africana, a que fizemos referência oportunamente, mereceu entretanto uma resposta de António Gentil Martins, presidente da AMM e bastonário da Ordem dos Médicos.

Depois de afirmar não ser «correcto confundir a posição da Associação Médica Sul-Africana com a posição do Governo desse país e da qual aquela não é responsável», Gentil Martins sustenta que a AMM e a Ordem dos Médicos são contra qualquer forma de segregação e discriminação seja qual for a sua base, racial, política, religiosa ou outra.»

Aquele médico sustenta depois que «é fundamental que, de uma vez para sempre, não se tente confundir ou politizar questões que o não devem ser, como o direito à cooperação entre médicos, no interesse dos seus doentes e no respeito da Deontologia Profissional».

A concluir, é afirmado que «a Associação Médica Sul-Africana não pode nem deve ser responsabilizada pela eventual actuação antiética de algum médico sul-africano nomeadamente no caso lamentável e grave de Steve Bicko, prisioneiro falecido na África do Sul».

comunicação social

Invasão sul-africana

ANGOP condena "pendor reaccionário e saudosista" de "O Dia" e "A Tarde"

O matutino «O Dia» e o vespertino «A Tarde» são acusados pela agência ANGOP de procurarem «articular os seus esforços numa campanha falsa e alarmista contra a República Popular de Angola», demonstrando um «idêntico pendor reaccionário e saudosista da situação colonial.»

«Os seus objectivos – refere a agência angolana – são os de sempre, acrescidos possivelmente da tola pretensão de constrariarem a onda de condenação mundial da agressão sul-africana contra o território angolano.» E acrescenta a ANGOP: «Isso mesmo se deduz da leitura dos seus mais recentes editoriais e notícias.»

Referindo a edição de ontem de «O Dia», a agência angolana denuncia uma «manifestação» alegadamente realizada sábado passado, na qual haveria a lamentar «dezenas de mortos e feridos». Entre outras coisas, os manifestantes protestariam contra «os privilégios dos militantes da SWAPO e dos cubanos.»

Quanto ao vespertino «A Tarde», na sua edição da passada sexta-feira, falava igualmente de uma outra manifestação, em «data indeterminada», a qual teria sido «dispersa violentamente por soldados cubanos.»

A agência angolana transcreve a propósito o desmentido que distribuiu no sábado, dia 26 de Setembro, no qual se evocam razões que se aplicam também inteiramente à mais recente «notícia» de «O Dia».

Transcrevendo da ANGOP: «O 'rigor' jornalístico de uma tal 'notícia' é evidente: atribui-se a 'informação' a um informador da capital angolana' e a dita manifestação teria ocorrido 'numa data que não foi precisada'. (...) As suas intenções são também óbvias: especular sobre uma pretensa oposição do povo angolano contra o apoio firme do Governo e Partido à SWAPO e, ao mesmo tempo, insinuar o carácter repressivo das forças internacionalistas cubanas em Angola.»

(...) «Espanta-se o pasquim português – conclui a ANGOP – que os órgãos de Imprensa angolanos não tenham falado dessa 'manifestação'. Ora o jornalismo responsável que, desde a independência, tem vindo a ser feito na República Popular de Angola não se compadece com as invenções mesquinhas de informadores e escribas ao serviço de forças perfeitamente identificadas no plano internacional».

Flashes

● A Rádio Comercial deverá funcionar tendo como única receita a publicidade – afirmou o secretário de Estado José Alfaia no decurso de um almoço que lhe foi oferecido pela Secção Portuguesa da Associação dos Jornalistas Europeus. Informou ainda Alfaia que já se encontra elaborado um projecto que reduz, até final do ano, a Secretaria de Estado responsável pela Comunicação Social a uma Direcção-Geral do sector.

● O Governo sul-africano intimou ontem a correspondente da Associated Press, Cynthia Stevens, a abandonar o país dentro de 14 dias. Ignoram-se os motivos que levaram a esta atitude. J. C. Pretorius, director-geral do Departamento dos Assuntos Internos limitou-se a declarar: «Não é nosso hábito dar explicações sobre este tipo de decisões.»

● Os tipógrafos do «Times» rejeitaram o acordo entre a Direcção da «Times Newspapers» e o Sindicato de Tipografia. É possível que o jornal não volte a sair nos próximos dias.

ensino

Ministério enjeita responsabilidades Sindicato dos Professores põe pontos nos ii

É a rede escolar que vai criar dificuldades no próximo ano lectivo, afirmou ontem em conferência de Imprensa o ministro da Educação e Universidades, na qual compareceu acompanhado do pessoal superior daquele Ministério.

Queria com isto dizer que é a insuficiência das instalações escolares que vai complicar a vida a professores e alunos, no ano que se avizinha.

A falta de 400 escolas já constatada no fim do ano lectivo passado pelos professores e ontem confirmada será superada no prazo de cinco anos, com a construção de uma média de oitenta escolas por ano, assim espera o ministro.

«Mas», adiantou entretanto, «o Ministério não dispõe de todos os instrumentos para resolver os problemas do sector escolar». No que respeita ao magno problema da falta de espaços escolares, fundamentalmente na zona do Grande Porto e da Grande Lisboa, o Ministério pode mesmo fazer muito pouco, a concluir pelo que ontem foi afirmado. A sua função em matéria de construção de escolas é «supletiva», isto é, recorre aos prefabricados quando o Ministério das Obras Públicas, mais propriamete a Direcção das Construções Escolares, não cumpre a função de construir escolas de raiz. Portanto, a falta de escolas tem a ver com aquele departamento do MOP, tendo Vítor Crespo sublinhado «não quero culpar ninguém». As autarquias têm também a ver com isso, muito especialmente no que toca à educação pré-escolar e vêm depois os problemas pontuais: a suspensão de produção de cimento, a falta de pontualidade dos empreiteiros (que por sua vez, se queixam que não podem cumprir prazos, por o Governo não lhes pagar, as ligações de última hora (ligações de água e acabamento de arruamentos, etc) que cabem às câmaras municipais. A falta de terrenos disponíveis e ainda as falhas dos anteriores governos estão também na origem dos problemas.

Este comportamento do Ministério da Educação e Universidades mereceu à Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa em conferência de Imprensa realizada esta manhã o seguinte comentário: «O Ministério vem rejeitando responsabilidades há algum tempo e de tal modo que, se já deixou de ser da Educação e Cultura, da Educação e Ciência, temos dúvidas de que continue a ser da Educação. (Não sabe provavelmente o Sindicato que a designação de Educação e Universidades adoptada no actual Governo tem em vista o deixar de ser a breve prazo das Universidades...Explicou ontem o ministro que o Ministério virá a dividir-se em dois: um da educação que abrangerá o ensino pré-superior e outro, que será provavelmente as Universidades e Investigação Científica, «como acontece noutros países da Europa», disse ainda o ministro.

Mas se em matéria de proliferação de pastas e designações das mesmas ficaremos ao nível da Europa, a nossa situação é – e também o ministro o afirmou – única na Europa só tendo paralelo na Turquia. Apesar de tudo, os problemas foram resolvidos na medida do possível, garantiu a equipa ministerial, verificando-se apenas atraso (impossibilidade de abrir as actividades no dia 6) em 40 escolas do ensino preparatório e 32 do secundário, a nível nacional. O problema de Loures um dos maiores, está a ser resolvido transitoriamente com as associações de pais, prevendo-se a construção nos próximos anos de três estabelecimentos escolares.

Para comprovar o seu esforço na construção de escolas, o Ministério adiantou alguns números de construções por anos, de que destacamos em 75, 4; em 76, 9; 77, 14; 78, 17; 79, 49; 80, 60 e em 81, afirmou-se, estão já adjudicadas 40, prevendo-se que seja ultrapassado o número de 60 relativo ao ano passado.

Quanto a professores, existem vagas pontuais, especialmente nas matérias de matemática, desenho, geografia, francês, português e educação musical, a que os interessados e habilitados poderão ainda concorrer (há um apelo do MEU nesse sentido). Nos casos em que as vagas se mantenham, o MEU resolverá a questão com o recurso aos meios audiovisuais.

Em relação ao estatuto da carreira docente, há muito reclamado, e a gestão das escolas, afirmou Vítor Crespo que o diploma encontra-se numa última revisão no Ministério, nele se prevendo órgãos directivos eleitos para a gestão das escolas mas também a introdução de gestores profissionais que possam «apoiar» a gestão da escola.

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, zona em que se levantam os problemas maiores, acusou esta manhã o MEU, também em conferência de Imprensa, de seguir uma política de avestruz, enjeitando responsabilidades e escamoteando os problemas.

Assim, e embora todos esperem que a situação melhore, o prazo de cinco anos avançado pelo ministro parece não corresponder às realidades, porque, asseverou-se, o Ministério das Obras Públicas não tem verbas. Relativamente à falta de espaço este ano, o Ministério distribuiu os alunos pelas escolas existentes, degradando ao máximo as condições do ensino, pela superlotação de espaços e de horários. Quanto à abertura das escolas na data prevista, 6 de Outubro, muitas vão abrir por coacção mas não se sabe muito bem em que condições.

EXTERNATO SULENSE

UM ENSINO DIFERENTE

INSCRIÇÕES ABERTAS

MANHÃ — TARDE — NOITE

— PREPARATÓRIO
— UNIFICADO E GERAL
— 12.º ANO (VIA ENS)
— COMPLEMENTAR
— ADM. E COMÉRCIO (Geral e Complementar)
— AD HOC

AV. ALMIRANTE REIS 188 (Metro Alameda)
Telefones; 802244-804858

PUB

sismet

SISTEMAS E MÉTODOS DE ORGANIZAÇÃO E INFORMÁTICA, S.A.R.L.

SELECCIONA PARA

GRANDE EMPRESA LIVREIRA

COORDENADOR DE LOJAS

Exige-se:

- Bons conhecimentos bibliográficos
- Experiência livreira
- Capacidade organizativa

TÉCNICO DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO

Exige-se:

- Formação média superior
- Experiência profissional
- Capacidade de chefia

OFERECE-SE:

- Vencimentos compatíveis com as funções
- Regalias sociais em vigor na empresa
- Local de trabalho: Lisboa

Respostas com curriculum vitae pormenorizado para Departamento de Recursos Humanos, R. da Beneficência, 229 — 3.º Esq.º — 1600 Lisboa

LATINA

PETROGAL

Emissão de 1.000.000 de OBRIGAÇÕES no valor nominal de 1.000$00 cada

TÍTULOS
de 1 e 10 obrigações ao portador ou em certificados. Livre transmissão dos títulos.

SUBSCRIÇÃO
sujeita a rateio, aberta de 28 de Setembro a 2 de Outubro de 1981

PAGAMENTO
integral no acto da subscrição

COTAÇÃO
nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto

JUROS
Taxas do 1.º cupão, 20%, para cada um dos cupões seguintes, a taxa básica de juro será a correspondente à taxa básica de desconto do Banco de Portugal, em vigor no 1.º dia de cada período de vencimento de juros, acrescida do diferencial de 2%

Vencimento semestral
em 1 de Abril e 1 de Outubro de cada ano. Pagamento do 1.º cupão: 1 de Abril de 1982.

Rendimento real de 20,9 %
nas condições actuais

AMORTIZAÇÕES
ao par, por sorteios anuais
Primeira amortização:
1 de Outubro de 1983
Ultima amortização
1 de Outubro de 1987

PRÉMIOS DE REEMBOLSO
(a acrescentar ao valor nominal de cada obrigação amortizada). Na 1.ª amortização, 45$00; na 2.ª, 60$00; na 3.ª 75$00; na 4.ª 95$00; na 5.ª 115$00.

ISENÇÃO DE IMPOSTOS
de Capitais e Complementar

ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS
até à data do pagamento do 1.º cupão

Informe-se, peça o folheto explicativo e

SUBSCREVA

(de 28 de Setembro a 2 de Outubro)
aos balcões de qualquer instituição de crédito bancário

OBRIGAÇÕES PETROGAL 81

emissão tomada firme pelo Banco Borges & Irmão

de ontem para hoje

Jovem português abatido em França

O emigrante português José da Rocha, de 26 anos, foi ontem encontrado morto num carro estacionado no centro de Limoges, em França. José Rocha, que trabalhava como palafreneiro (tratador de cavalos) para uma família ligada à indústria da impressão, terá sido morto com um tiro de pistola na cabeça. A arma utilizada, de calibre 6.35, não estava no local. Segundo os primeiros elementos recolhidos pelos investigadores, o jovem gozava de boa reputação e deveria casar-se em breve.

Aeroporto das Lajes: Petrogal vai fornecer aviação civil

A Petrogal irá começar a fornecer, a partir da próxima semana, combustível à aviação civil no Aeroporto das Lajes, na Terceira. Até agora o abastecimento tem sido feito pelo destacamento militar norte-americano, sediado na Base Aérea das Lajes. O acordo, que concede às autoridades militares portuguesas o direito de armazenagem e fornecimento de combustíveis à aviação civil, foi assinado esta manhã pelos comandantes aéreo dos Açores, brigadeiro Moura de Carvalho, e do destacamento militar norte-americano, general Duane Erickson.

Avaria nas máquinas: cargueiro grego em Ponta Delgada

O cargueiro grego «Argonaut» que, há dias, a cerca de cem milhas de S. Miguel sofreu uma avaria nas máquinas, deverá chegar ainda hoje ao porto de Ponta Delgada. O navio, de 28 mil toneladas está a ser puxado plo rebocador «S. Miguel», não correndo perigo de afundamento.

A realizar na Guarda: bombeiros portugueses em assembleia geral

A Assembleia Nacional dos Bombeiros Portugueses, soube-se ontem, terá lugar na Guarda, no próximo dia 24. A reunião deveria ter-se realizado em Agosto, mas teve de ser adiada devido ao surto de incêndios que assolou então o Centro e o Norte do País.

S. Francisco de Assis: oitavo centenário comemorado em Fátima

As comemorações em Portugal do oitavo centenário do nascimento de Francisco de Assis iniciam-se no próximo sábado em Fátima. A concentração da família franciscana, segundo foi ontem anunciado, começa com uma caminhada a pé da juventude a partir da Batalha, com recepção junto ao Seminário do Verbo Divino. O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, presidirá no domingo à missa solene concelebrada com que se encerram estas primeiras cerimónias de vigília e oração.

Vila Nova de Cacela: presidente da Junta afastado da Assembleia Municipal

O presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela, José Guerreiro, do PSD, deverá perder o mandato naquele órgão autárquico por faltas injustificadas na Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António. O afastamento de José Guerreiro será ratificado na próxima reunião da Assembleia daquela Freguesia. A situação foi analisada na última reunião da Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António, onde o presidente da Assembleia de Freguesia de Vila Nova de Cacela confirmou a existência das faltas injustificadas.

Transportes colectivos: população de Tovins voltou a manifestar-se

Pela segunda vez em quinze dias, a população de Tovins, área urbana da cidade de Coimbra, reteve ontem de manhã um autocarro dos serviços Municipalizados, protestando contra o actual funcionamento dos transportes colectivos. Os residentes, conforme já nocitiámos, pretendem o prolongamento da carreira que serve actualmente aquela zona. Forças da PSP compareceram no local mas não chegaram a intervir.

Fiscalização Económica: 64 especuladores em flagrante delito

As brigadas de Fiscalização Económica instauraram em Julho 1956 processos resultantes da actividade na prevenção de delitos antieconómicos contra a saúde pública, segundo anunciou ontem a Direcção-Geral da Fiscalização. Durante o mesmo mês foram presas 64 pessoas em flagrante delito e foram apreendidas mercadorias no valor estimado de 6543 mil contos. Entre as infracções noticiadas figuram 189 casos de especulação e 64 crimes contra a saúde pública.

Fundação Gulbenkian: bibliotecas para doze universidades brasileiras

A Fundação Calouste Gulbenkian irá fornecer gratuitamente a doze universidades brasileiras, bibliotecas-base de cultura portuguesa, soube-se ontem no Rio de Janeiro. O projecto está a ser estudado pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação Cultural Brasil-Portugal. As novas bibliotecas abrangem cerca de 1500 obras sobre a História, a Língua, o pensamento filosófico, a Literatura, a Arte, a terra e o Povo português. A primeira universidade a ser contemplada no projecto será a Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

"Dado" pela mãe a um casal

Menino português gera polémica judicial em França

O tribunal de Lorient acaba de abrir um inquérito no seguimento da hospitalização de um menino de quinze meses, que foi levado do nosso país para França por um casal que habita naquela cidade. Este caso ameaça transformar-se num autêntico imbróglio jurídico, pois o casal (a mulher é portuguesa e o marido francês) tenciona adoptar legalmente a criança.

Mas contemos como tudo se passou: a 24 de Setembro último, a criança sofrendo de um bloqueio da bacia, era levada pelo casal ao Hospital Bodélio, de Lorient. O único documento que o casal apesentou à administração hospitalar foi um papel em que a mãe da criança – de origem angolana – afirmava «dar» o bebé, que não tinha sido registado normalmente. Segundo o Tribunal de Lorient, tal documento não tem o mínimo valor legal.

O casal – quejá tem quatro filhos – explicou à Polícia que tinha ido buscar o bebé a uma casa em ruínas nos arredores de Lisboa. Segundo o casal, o estado físico da criança inspirou-lhes tanta piedade que decidiram levá-la para França, já depois de terem apelado em vão à Polícia portuguesa.

Para além disso, o casal indicou que já o ano passado tinha tomado a seu cargo a irmã mais velha do bebé e que cuidara dela em França antes de a levarem de novo para Portugal.

A mãe improvisada do rapaz (baptizado com o apelido de Ludovic, pois nem sequer um nome lhe tinha sido dado pelos verdadeiros pais) indicou à France-Press e que queria adoptar a criança legalmente. «Desde que tratamos dele que passou de cinco para oito quilos de peso», declarou.

Entretanto, o Tribunal de Lorient decidiu enviar uma comissão rogatória a Portugal a fim de verificar as declarações do casal, tendo já alertado as autoridades policiais portuguesas.

Ana Paula com o filho mais velho

O caso Ana Paula: Londres mais perto

Ana Paula Rodrigues. Os leitores recordam-se? Mas claro que se recordam ou o apelo lançado nas páginas do «DL» não tivesse já atingido 107 contos. E a soma é tanto mais significativa se atendermos ao facto de ter sido conseguida durante os meses de férias, com a maior parte das pessoas ausentes dos grandes centros, logo afastadas, quantas vezes, do acesso ao «seu» jornal. Mas recordemos mais uma vez a tragédia de Ana Paula, operária, mãe de dois filhos (um rapaz de seis anos e uma rapariga de dezassete meses).

E foi precisamente no nascimento deste último que o drama se «despoletou». Durante o parto do primeiro filho deu-se a deslocação do fémur. A operação realizada supriu a deficiência. Mas aconteceu o nascimento da menina e a placa colocada ficou em posição de «desastre». A solução agora será, como escrevemos, uma nova intervenção cirúrgica (Ana Paula está praticamente entrevada das duas pernas) a realizar em Inglaterra, aconselhada pelo Centro Ortopédico e Traumatológico de Lisboa. Só que a operação custa duzentos contos, não contanto já com o preço das viagens para duas pessoas (Ana Paula e a sua mãe), orçadas em cinquenta contos. E isto porque o problema da estadia já está resolvido: o casal Goodfellow colocou a sua casa à disposição de Ana Paula.

Importante: a operação já tem data marcada para o dia 13 deste mês. A meta dos duzentos e tal contos ainda está relativamente longe, mas a força, a solidariedade dos leitores do «DL» não tem limites, embora (e é necessário dizê-lo) não seja a função de um jornal o «peditório», já que essa tarefa deveria estar reservada a organismos estatais para tal vocacionados. Só que aqui é Portugal/81.

A terminar, a relação dos últimos donativos chegados à nossa Redacção: Francisco Ramiro Francisco Camoleias, 2000 escudos; anónima, 500 escudos; Noémia, 100 escudos; um anónimo do Luxemburgo, 2000 escudos; J. D., 1000 escudos; José Manuel Covas (pela segunda vez), 1000 escudos; um grupo de anónimos, 525 escudos.

Após a integração do CICD na Judiciária

Garcia Domingues (ex-professor da PIDE) indigitado para reprimir tráfico de droga?

Menéres Pimentel, ministro da Justiça há dezanove meses, visitou a semana passada a antiga Penitenciária (agora chamada Estabelecimento Prisional de Lisboa) para visionar as novas «celas especiais» em construção. E após ter olvidado a Cadeia do Linhó, a debater-se com graves problemas, acabaria por empossar o coordenador do Gabinete de Combate à Droga, numa cerimónia que aproveitou para anunciar a integração do Centro de Investigação e Controlo da Droga (CICD) na Polícia Judiciária, bem como o agravamento das penas para o tráfico ilegal de estupefacientes, a par de alternativa de tratamento dada ao consumidor.

Assim iremos ter, em breve, uma organismo único de Combate e Controlo à Droga. Vocacionado para reprimir os traficantes e recuperar (se possível) os consumidores. Mas será, tanto assim? Será que o dr. Menéres Pimentel, após dezanove meses no pelouro na Justiça, está definitivamente decidido a moralizar o combate aos traficantes de marijuana, haxixe e LSD? Ou será que o dr. Menéres Pimentel após dezanove meses de governação, chegou ao «fim da picada», em termos jurídico-policiais, concluindo que dois departamentos em permanente conflito são prejudiciais à eficácia da (sua) estratégia repressiva?

Porque à altura da formação do Centro de Investigação e Controlo da Droga, durante o mandato do Almeida Santos, a sua função estava fundamentalmente virada (pelo menos na letra do decreto que o enformou) para a recuperação dos consumidores, embora sem descurar o aspecto de detecção dos traficantes potenciais. E é preciso não esquecer que cabe ao CICD a «coroa de glória», em termos numéricos, da maior apreensão de droga até agora consumada em Portugal. Estamos a referir-nos ao caso do iate «Laer Mor», detido ao largo de Cascais com 700 quilos de haxixe a bordo, no valor de cem mil contos.

Europa: cedência é agravar

Só que posteriormente, e já durante a legislatura de Menéres Pimentel, o director do CICD, dr. Duque de Lacerda, foi afastado. Depois houve acusações mútuas (PJ e CICD) de envolvimento no tráfico, com o afastamento de elementos de ambos os organismos.

Não nos compete (é claro) tomar o partido deste ou daquele sector, ou seja do CICD ou da Polícia Judiciária, mas o que já não podemos ignorar é o facto de constar (à boca cheia) que para (possível) «homem forte» da tal Brigada Antidroga, se falar no nome de Garcia Domingues, actualmente director-adjunto da PJ, o qual, à data do 25 de Abril de 1974, desempenhava as funções de subdirector da Censura e professor da Escola da PIDE. Realidade ou apenas sugestão? E mais: que a pretexto do combate antidroga, se preparam acções (selectivas) bem mais vastas. Eé preciso não esquecer as palavras do dr. Menéres Pimentel, aquando da sua (já referenciada) visita à antiga Penitenciária: «O Governo seguirá em matéria de amnistias a orientação dos países europeus desenvolvidos, onde a cedência é para agravar as penas relativas à criminalidade violenta e organizada» De que criminalidade estava o dr. Menéres Pimentel a falar? E se para a repressão a essa criminalidade o dr. Menéres Pimentel escolher o dr. Garcia Domingues, que repressão será de imaginar? Para quem foi censor e professor da Escola da PIDE não será difícil de imaginar. Ou será?

Manuel Geraldo

Custo de vida "fixado" pelo Governo ultrapassado

Aumentos no consumidor atinguem 17,6 por cento nos primeiros oito meses

O aumento do custo de vida não pára, contrariando os objectivos propostos pelos governos da AD, que tinham fixado o índice de 16% como indicador para o corrente ano.

Com efeito, os preços no consumidor subiram 17,6% em Portugal nos primeiros oito meses deste ano relativamente a igual período do ano passado, segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Em Agosto, por exemplo, o índice de preços subiu 2,7% em relação ao mês anterior, devido ao substancial aumento dos preços da «alimentação e bebidas» (4,6%), enquanto o «vestuário e calçado» registou uma variação nula.

Quanto aos primeiros oito meses do ano, o fenómeno inflacionista incidiu mais no «vestuário e calçado» (24%) e menos na alimentação e bebidas» (15,5%).

As restantes classes de «despesas de habitação» e «diversos» registaram aumentos de 21,2% e 18,2%, respectivamente.

As subidas mais espectaculares registaram-se nos produtos de pesca: 17,5% num só mês. Com especial destaque, o peixe seco ou em salmoura, onde se registou quase uma duplicação de preços (82,5% de aumento).

Outros aumentos sensíveis: peixe congelado (mais 11,9%), frutas frescas e frigorificadas (12,4%), massas alimentícias (6,2%), féculas e amidos (9%) e ovos (6,7%).

O frango, outro género muito consumido pelas classes de mais fracos rendimentos, não sofreu aumentos sensíveis de Julho para Agosto, pois tinha registado aumento significativo um mês antes.

Em termos anuais, a elevação dos preços no consumidor nos doze meses terminados em Agosto passado, atingiu 21,8%.

Os preços da alimentação e bebidas aumentaram em igual período 23,8%, enquanto o vestuário e calçado atingiram 18,2% e as despesas da habitação 19,9% (não se considerando nestes valores as rendas de casa).

Por extrapolação, e mantendo-se o ritmo médio mensal de agravamento dos preços no consumidor, o aumento do custo de vida poderá atingir os 25% no corrente ano, pois há a considerar ainda os aumentos dos transportes em Setembro e a anunciada elevação dos preços da energia eléctrica, ainda sem data marcada.

cidade

Lisboa, doce Lisboa

A ditadura do automóvel

Com frequência se ouvem os lisboetas protestar contra os transportes públicos. **«Porque não prestam; porque são caros; porque não têm a regularidade exigida...»** Azedume que se manifesta nas horas de ponta, nos momentos em que o trânsito atrapalha e demora a circulação na cidade. No metro: com corpos que se empurram à disputa por um palmo de espaço. Quando a chuva cai e as bichas se estendem nas paragens dos autocarros e eléctricos. A verdade é que a aventura do quotidiano urbano destroça os nervos mais controlados. Multidões passam quase correndo, automóveis buzinam impacientes, travagens bruscas, discussões e insultos – tornaram-se lugar-comum, ao princípio de manhã e ao fim da tarde.

Tensão e ruído à mistra nas ruas da cidade. Corpos a granel são despejados nas estações ferroviárias e fluviais, um pouco em desatino. Formigueiros humanos convergem para os comboios e barcos. Com pressa. Isto, invariavelmente, nos dias úteis. Daqui resulta que as pessoas chegam cansadas aos empregos e regressam a casa feitas em papa. Em síntese: o transporte urbano contraria a ideia da jornada de trabalho de oito horas. A esses há que juntar mais umas tantas horas dedicadas às deslocações. Horas que representam, sem dúvida, perda da energia e de tempo.

Serão realmente os transportes públicos maus e insuficientes? A dra. Leonor Coutinho, técnica da Carris, responde à questão:

«Os transportes têm aspectos maus, sobretudo, defeitos acumulados de gestão. No entanto considero que por vezes uma visão castratrófica dos transportes, veiculada pelas entidades responsáveis, serve de justificação para nada se fazer. Quanto a mim o importante seria definir prioridades e não o compromisso perante a teoria de que não há dinheiro».

Leonor Coutinho, licenciada em Matemática por uma Universidade francesa, acrescenta, porém, que nem só males atormentam os transportesvúblicos. Inúmeras potencialidades se apresentam à espera de quem as concretize. A topografia difícil da cidade pode não ser um contra. Mas algo de positivo, com possibilidades de aproveitamento. «Essa topografia delimita muito bem os corredores de acesso a ofesenvolvimento da cidade, em mancha, de óleo que alastra. O que convém para uma estruturação razoável do sistema de transportes». Há ainda a salientar o facto de Lisboa ter um **«centro excêntrico», em relação ao resto da sua região. Quer dizer que o centro está relativamente protegido da passagem de tráfico. Em termos práticos: tais características possibilitam a tomada de medidas restritivas ao trânsito.**

«Se a linha de cintura ferroviária, que rodeia o centro, fosse utilizada convenientemente já não haveria necessidade de enfiar os passageiros da zona de Sintra, no Rossio...»

Leonor Coutinho preconiza a distribuição de pessoas pelas estações do Rego, Campo Pequeno, Poço do Bispo e Chelas, de acordo com o seu destino. Bastava accionar os mecanismos sem necessidade sequer de gastar dinheiro. As estruturas já existem.

Ainda sobre as potencialidades que a configuração de Lisboa oferece, a técnica de estudos e planeamento de transportes da Carris, assinala um aspecto curioso do corredor de Loures. **«Está perfeitamente ordenado, o que é optimo para o prolongamento do Metro».** Entra pelos olhos dentro que o facto do referido corredor ser rectílineo favorece a construção de mais um troço do metro, (porque não de Loures até ao Cais do Sodré?) dado que as despesas seriam muito mais baixas do que numa zona da cidade onde o metro tivesse de andar às voltinhas.

«Tudo isso está previsto mas acaba sempre por sujeitar-se a adiamentos com a justicação da falta de dinheiro...» Ampliar o sistema de transporte subterrâneo custa muito dinheiro: a mão de obra, as condições do solo e do clima pesam no preço daquela estrutura. Mas se nos contentarmos com um metro funcional, sem luxo, ajustado unicamente às carências mais prementes não será com o aumento de mais uns quilómetros que o País vai à falência.

Eléctricos

A rede de eléctricos é outro apetrecho a melhorar e a desenvolver. Não foi o que as grandes cidades da Europa central fizeram? Então? Possuimos uma rede com 97 quilómetros de extensão, o que à partida, funciona como um dado seguro e real. Impõe-se, apenas, a renovação da frota de carros, actualmente velha e desactualizada. Os eléctricos, que andam emLisboa, têm entre cinquenta a oitenta anos.

«Em todo o mundo se fazem projectos para refazer a rede de eléctricos. Até mesmo as cidades inglesas e francesas, que nunca possuiram este meio de transporte, se propõem hoje adquiri-lo. Temos um plano de renovação da nossa rede que vai ser levado adiante dentro de pouco tempo. Para já, está prevista a renovação da linha da marginal oeste entre a Baixa e a Cruz Quebrada...»

Alguns cérebros «iluminados» pensaram, todavia, em acabar com os elécricos na cidade de Lisboa. Mais um disparate entre os muitos cometidos. Entretanto foram extintas as linhas de Benfica e Campo Grande, na altura da construção da Praça de Espanha e do viaduto de Entrecampos. Que vantagem trouxe tal medida? Objecções, por vezes, são colacadas, no respeitante à conveniência do eléctrico. Eis uma: é mais caro que o autocarro,. Correcto: custa três vezes mais que um autocarro. Mas em contrapartida dura o triplo dos anos. Um autocarro estoura ao fim de dez anos, enquanto o eléctrico permanece operacional uma infinidade de tempo, embora o ideal seja a sua substituição a partir dos trinta anos.

«O eléctrico sai mais caro mas suporta uma incorporação nacional muito maior que o autocarro, quanto a mão de obra e material. Em Portugal podem ser confeccionados não só as carrocerias como grande parte do conjunto dos orgãos mecânicos. Com o autocarro é diferente: os chassis são comprados no estrangeiro...»

Os nossos autocarros, à volta de oitocentas unidades, também não primam pela juventude, salvo algumas excepções. Durante muitos anos a cidade aguentou-se com os «verdes» nas curvas. Bastante mal, diga-se. Depois de 1975, surgiram novos veículos em circulação (os laranjas) apoiados por novas estações. Não obstante os protestos e o crescimento da população de Lisboa registou-se efectivamente uma melhoria progressiva das carreiras de autocarros.

«Melhorou não só a frequência das carreiras como ainda estas se expandiram para bairros mal servidos de transportes. É verdade que as pessoas são transportadas como sardinhas em lata... mas são transportadas. Antes do 25 de Abril ficavam horas infindas nas paragens à espera dos autocarros».

Leonor Coutinho sustenta que se o plano da Carris, a médio prazo, fôr cumprido, haverá um nítido salto qualitativo em matéria de transportes públicos na cidade de Lisboa. Do ponto de vista da Carris muito hem de ser feito ainda. E para a Câmara Municipal existe um enorme espaço a preencher. O planeamento dos transportes não depende somente da empresa mas ainda da vontade política dos orgãos autárquicos – e essa não se vê.

«Não se vê uma política de estacionamento nem uma política de circulação. As coisas vão-se fazendo à toa. Quase todos os planos directores se cinjem a planos de obras públicas que, por falta de verba, também não se cumprem. E o mais grave é que nem sequer há um planeamento integrado das infra-estruturas e transportes, como se não fizessem parte de um todo. Assim assistimos à elaboração de vários planos, muitas vezes contraditórios entre si. Esta dispersão conduz a desperdícios...»

Caos

Enquanto o metro não chega até ao Cais do Sodré a única solução é enfrentar, de ânimo leve e cabeça fria, a confusão de tráfego nesta ponto de trasbordo. Proibições no percurso automobilístico ainda agravam mais a situação já de si esótica. **«O desordenamento provoca um trânsito doido e artificial. Não tem sentido que não se possa virar à esquerda... Isto faz com que os carrros sejam obrigados a passar em frente da estação sem necessidade. Os autocarros acabam por dar duas voltas, à praça, devido à forma como está organizado o trânsito».**

Como a quantidade de veículos cresce mais depressa que a capacidade das ruas em observê-los de dia para dia a velocidade média diminui nas zona urbanas. Quanto mais devagar circularem os transportes públicos mais caros saem aos utentes. O trajecto de um quilómetro em Lisboa, de autocarro, demora, em regra, mais de oito minutos. De metro, a mesma distância seria consumida em um minuto e picos. Segundo mais estudos do Banco Mundial sobre transportes colectivos, o tempo perdido em condução custa aos passageiros, com poder aquisitivo suficiente para usar automóvel, à volta de um dólar por hora. O tempo dos utentes dos transportes públicos, à superfície, vale à roda de 30 centavos de dólar.

«As pessoas que utilizam o transporte público pagam os custos dos engarrafamentos. Se os lisboetas se habituassem a prescindir do automóvel, os transportes públicos eram mais rápidos e baratos. É claro que aqui funciona o círculo vicioso: andam de carro porque os transportes colectivos são maus e estes não são tão bons quanto se desejaria, em parte, por causa do trânsito.

Não é possível andar toda a gente de carro. Mesmo nas cidades americanas, onde os percursos são longos, utilizam cada vez mais os transportes públicos...»

Aliás Alfred Sauvy, sociólogo urbano, afirma que **« a mobilidade nos imobiliza».** O automóvel, em teoria, um instrumento ao serviço do homem, domina económicamente a cidade, na medida em que provocou a implantação de complexos industriais gigantescos. As cidades destroem-se, a si mesmas, nos seus esforços de fazer algo acerca do tráfego, visto que as medidas tomadas facilitam e incrementam, até, o fluxo de veículos. Nunca os reduzem. Quanto mais pistas urbanas maior é o passo para a morte da cidade. E a poluição sonora e química lançada pelo automóvel? Sem pretender voltar ao tempo do carro puxado a cavalos, chegou a hora de, como diz o alemão Steinbuch, nos comportámos face ao automóvel **«como o hindu perante as vacas sagradas.** O cancro do pulmão, mais que ao tabaco, deve-se à contaminação atmosférica e como assinalou a Academia Norte-Americana de Pediatria, esta não é alheia às infecções respiratórias, à asma, à fadiga e à perda de apetite e inclusivamente da vista, nem ao retardamento do crescimento das crianças.

Quanto por cento dos produtos tóxicos, espalhados no ar, procedem dos tubos de escape dos automóveis. Das duas uma: ou se opta pelo transporte colectivo nas deslocações urbanas ou se padece da contaminação generalizada.

«O uso do carro particular não está disciplinado. Fazem-se remendos à direita e à esquerda sem se saber para onde se caminha. O estacionamento, ou seja, a ocupação do solo urbano, custa muito caro. Se analisarmos quantos metros quadrados são ocupados pelos carros chegamos à conclusão de que é o equivalente aos metros quadrados utilizados na habitação. Os automobilistas pagam impostos bastante irrisórios em relação ao espaço que ocupam na cidade. Quem estaciona no centro de Lisboa, causa grandes transtornos à comunidade. Enquanto nas grandes cidades o estacionamento é pago, aqui as pessoas estacionam onde lhes apetece. Assim aos peões resta um espaço reduzido e os transportes públicos vêem-se a braços com frequentes manobras.

Para os automobilistas tudo. Para os desgraçados dos peões pouco, ou nada. Porquê a descriminação? Será porque os não motorizados não têm atrás de si um poderoso **trust?**

Lurdes Féria

Museu do Vidro: em risco concretização do projecto

O Museu do Vidro da Marinha Grande corre o risco de não passar de projecto, afirmou o escultor Joaquim Correia em entrevista publicada segunda-feira pelo «Jornal da Marinha Grande».

«Estão criadas todas as condições para a realização imediata do Museu Nacional do Vidro. Para que o Museu possa funcionar falta uma coisa fundamental, as instalações» – disse o escultor, que é natural daquela vila.

A Secretaria de Estado da Cultura tem manifestado grande interesse pela criação desse Museu – referiu o escultor.

Em Fevereiro deste ano estiveram na Marinha Grande a presidente do Instituto do Património Cultural, Maria Natália Correia Guedes, a ex-directora do Museu Nacional de Arte Antiga, Maria José Mendonça, e o ex-director do Museu de Arte Popular, D. Manuel de Lencastre.

O edifício que se destina ao Museu Nacional do Vidro, foi residência dos irmãos Stephens, que foram os iniciadores da indústria vidreira na Marinha Grande e vieram para Portugal no Século XVIII a convite do Marquês de Pombal, para a industrialização do nosso país.

Depois da visita, Maria Natália Correia Guedes dirigiu uma carta ao presidente da Câmara da Marinha Grande, revelando o interesse da Secretaria de Estado da Cultura na criação do Museu do Vidro. Afirma-se na carta que se deve insistir junto da fábrica Stephens para a cedência do palácio, o qual reúne todas as condições para a instalação do Museu.

A administração da fábrica tem manifestado um total alheamento à criação do Museu, e recusou até a cedência de uma sala do palácio para ali se realizar uma exposição com o material existente, a qual serviria de embrião ao próprio museu – disse o escultor.

O actual presidente da Câmara, que tem manifestado o maior interesse pela criação do Museu, sugeriu que a edilidade montasse um pavilhaõ prefabricado que ficaria à disposição do Museu e para se iniciarem assim, essas exposições.

As condições de falta de segurança que um prefabricado oferece obrigaram porém a que esta solução fosse posta de lado.

A presidente do Instituto do Património Cultural mostra-se disposta a corporizar de imediato o Museu, havendo para tal condições humanas e materiais, faltando apenas que a fábrica ceda as instalações. De resto, logo que o palácio seja confiado ao Instituto do Património Cultural será imediatamente destacado pessoal técnico – indicou o escultor.

A administração da fábrica Stephens ao longo das reuniões tidas neste sentido, argumenta que não pode prescindir do palácio, uma vez que não possui espaço para a deslocação dos escritórios que neste momento funcionam no edifício.

O escultor considerou que a instalação do Museu nãm deixaria de trazer benefícios, mesmo económicos, para a própria empresa, até porque poderiam os seus operários colher vantagens e um maior conhecimento por questões que lhes respeitam porque envolve a sua profissão.

«A continuar essa recusa, as vontades que foi possível até agora sensibilizar e todo o trabalho já feito, podem perder-se e então os prejuízos para a terra seriam muito maiores», acrescentou.

No distrito de Évora

Terras abandonadas provocam desemprego

«Veja esta vinha... mal empregadas uvas» com este comentário discreto, Manuel Henrique, do Secretariado Distrital das das UCPS e Cooperativas Agrícolas de Évora denunciava uma situação, aliás evidente até para um leigo na matéria como eu. Estávamos na herdade da Oliveirinha, retirada à cooperativa «Liberdade» da Graça do Divor, com base num despacho de João Goulão. Cinquenta hectares de vinha, a carecer dos tratos que uma plantação daquele tipo exige. «Entre as videiras deveria ter sido aberta a terra e, gradada por cima, depois de fechada...» Eis a explicação de um entendido. Nada disso se fez. E a «No caso não serve de desculpa pois a herdade tem uma barragem cheia de água...» Então, porquê?

A esta interrogação responderia mais tarde, Rogério Arraiolo, na sede do Secretariado Distrital das UCPS e Cooperativas Agrícolas, sentado contra uma parede, onde se destacava um quadro do pintor Rogério Ribeiro. Motivo: morte de Caravela e Casquinha. Oferta do autor á Reforma Agrária. Ainda seduzida pelo vermelho e negro, cores dominantes (na pintura) oiço a impressão. Julgo que se trata de uma questão meramente política, talvez ligada à divisão interna entre os partidos da coligação governamental...»

Gado morre à fome ...

vinha que garantia, durante todo o ano, trabalho efectivo a meia centena de mulheres, para ali está votada ao abandono. Os trabalhadores culpam João Ferrari e João Oliveira e Sousa, beneficiados pela disposição do MAP. Atribuem-lhe mesmo a intenção de «sabotagem económica» deliberada.

Mais adiante deparei com um pomar, em mísero estado. Fruta (pêssegos e peras) mirrada e murcha, pendente dos ramos, árvores sem viço, embaraçadas de mato. «Nem lhe fizeram os caldeiras para a rega à volta dos pés». Esclarecem os «guias» que me acompanharam na digressão á zona «degradada» pela iniciativa privada na agricultura. Os jovens dirigentes sindicais, Maria Antónia, e Cara Linda Marcial Falé lamentaram os noventa e seis hectares, sedentos e doentes. A pedir: cuidem de mim. Ainda pensei: ah, a seca?

Que razão haverá para deixar secar pomares e vinhas, arrancar olivais, despejar barragens? Que lógica move os responsáveis por estes actos inqualificáveis? Não, não se trata de ficção. Eu vi.

Vi, perto do Redondo um olival, com dois mil pés, arrancado, pela raiz. Oliveiras vigorosas tombadas por terra, como se um vendaval as tivesse abanado. «Será que o nosso país tem azeite a mais?» Perguntam os meus companheiros de percurso, com ironia. Enquanto os trabalhadores da Cooperativa «Cabeça Gorda» detiveram a posse da courela do Monte Branco, nada de mal sucedeu ao olival. Cuidaram dele, prestando-lhe as atenções de que necessitava.

Vi na herdade das Lajes, que já fez parte integrante da Cooperativa «Flor do Alentejo», um panorama desolador. Onde dantes floresceu arroz hoje é deserto. Aridez e secura. Nada cresce a não ser uns raquíticos pés de milho, afogados, despropositadamente (ou propositamente, quem sabe?) em água. Milho que destoa nos tanques próprios para arroz. «O milho não precisa de tanta água, assim vai apodrecer...»

Assim sem mais nem menos a barragem derramava-se à toa, pela terra despida de culturas e afogava o milho de água, desnecessariamente.

«Pois é: eles chegam ao cúmulo de abrir as portas das albufeiras. Pura sabotagem...» Insiste Rogério Arraiolos. Tanta água desperdiçada! E o Alentejo atormentado por um estio quase sem interrupção.

Desemprego

Vi na herdade do Azinhalinho que já pertenceu à Cooperativa «Boa Esperança», uma albufeira vazia. Não por causa da seca mas por vontade do reservatório que, segundo Marcial Falé, teria provocado o desaparecimento da água. Com que objectivo? Casos destes encontram-se com frequência nas herdades «devolvidas» aos agrários. Ao que parece há, no distrito de Évora, perto de sessenta barragens e charcos nas condições atrás referidas.

Com convicção Mário Silva, presidente do Sindicato Agrícola de Évora, garante que «da sabotagem feita pelos agrários resulte o desemprego». Já o ano passado se contavam cinquenta herdades com a azeitona por apanhar. Assim, se perderam toneladas de azeite. Os regadios não cumpriram o papel que lhes competia. Os pomares desprezados. O gado a morrer... Entretanto há cinco mil desempregados no distrito. Que diligências têm sido despendidas pelas organizações dos trabalhadores?

«Convidámos diversos órgãos do poder para se deslocarem ao nosso distrito... e verem com os seus próprios olhos...» Diz Mário Silva. Dois deputados comunistas (Custódio Gingão e Carreira Marques) já viram o que havia para ver. Estiveram em Évora, no princípio da semana. A visita dos deputados do PS é aguardada para breve. Ao Concelho da Revolução, Presidente da República, Comissão de Agricultura e secretários de Estado da Agricultura e Trabalho foram igualmente enderçados convites.

Raposinho, do Secretariado Distrital das UCP's e Maria Antónia Cara Linda, dirigente do Sindicato Agrícola de Évora

«Enquanto estava nas mãos dos trabalhadores era um brinco que se podia ver...» Rogério Arraiolos refere-se á herdade Fonte Boa da Vinha, entregue à familia Piçarra Cabral, em 31 de Julho de 1979, com um aparato da GNR verdadeiramente assustador. Homens, à farta. Os cálculos apontam para mais de cento e cinquenta praças. Uma luta brava. Às tantas as forças chamadas da ordem dispararam alguns tiros. Não mataram ninguém é certo. Mas podiam tê-lo feito. As mortes de Caravela e Casquinha são bem a prova de que os tiros disparados há dois anos, na despedida do Verão, num descampado, da região de Montemor-o-Novo, eram a valer...

Que justificação para a violência? Na Fonte Boa da Vinha, quando expulsaram os trabalhadores não preservavam a respeitabilidade da lei. Apostavam contra ela. A reserva era ilegal. Os trabalhadores na sua contestação já o afirmavam. Não lhes deram ouvidos. Com a razão do seu lado recorreram para o Supremo Tribunal Administrativo. O acórdão foi-lhes favorável. E agora? Já mandaram a GNR desalojar o «invasor»? É evidente que não. A legalidade ainda não foi reposta. Mas o MAP informou recentemente, os trabalhadores através de uma nota (que eu li), que tinha oficiado, em 25 de Junho de 1981, à Direcção Regional do Alentejo no sentido de ser executada a decisão do STA. Em suma é isto. a anulação do despacho da reserva. Há aqui «o sacudir a água do capote...» Afinal de quem é a culpa? Da Direcção Regional do Alentejo ou de João Goulão?

O certo é que a Cooperativa Fonte Boa da Vinha, com trinta e tal trabalhadores, foi destruída. Primeiro demarcaram-lhe uma reserva destinada á família Piçarra Cabral. Sobraram apenas 118 hectares. E esses também lhos tiraram para oferecer ao antigo motorista daquele clã de latifundiários.

Sobre o gado, em poder dos agrários, descreveram-na cenas incríveis. Não vi. Acredito, porém que seja verdade. As organizações da Reforma Agrária (Sindicato e Secretariados) apontam factos indesmentíveis. E provam-nos com fotografias. Os seus argumentos são incontestáveis. «Os agrários deixam morrer o gado á fome...»

Sucedeu, por exemplo na herdade do Vale, no concelho de Vendas Novas. Eles até regam os animais mortos com gasolina e depois puxam-lhe fogo...»

O que pensará disto o novo secretário de Estado da Estruturação Agrária, João da Silva Maçãs, tão aberto ao dialogo e tão preocupado com a legalidade?

Lourdes Féria

Americanos já não abastecem a ilha Terceira com combustíveis

As autoridades militares norte-americanas sediadas nas Lajes, Terceira, deixarão de abastecer de combustível a aviação civil no aeroporto local, bem como a central térmica de Angra do Heroísmo, anunciou o comandante aéreo dos Açores.

O brigadeiro Moura de Carvalho revelou também que o comando aéreo dos Açores assinará hoje com a Petrogal um acordo para que esse abastecimento passe a ser feito por aquela empresa petrolífera.

O comandante aéreo dos Açores assinou já com o comandante do destacamento militar norte-americano, general Duane Erickson, um acordo que cede às autoridades militares portuguesas o direito de armanzenagem e fornecimento de combustível na ilha Terceira, até agora da responsabilidade das autoridades militares dos Estados Unidos sediadas na base das Lajes.

Falando na cerimónia, o brigadeiro Moura de Carvalho referiu a importância deste contrato, que além de poupar alguns milhões de escudos em divisas ao Governo Regional dos Açores, TAP e SATA, resolve também para o futuro as carências de combustível na ilha Terceira.

Segurança Rodoviária lembra neste reinício de aulas

As crianças são as principais vítimas de atropelamentos

Trinta por cento dos peões que morrem em Portugal são crianças cujas idades não ultrapassam os 14 anos; a primeira causa da morte nos jovens dos 5 aos 9 anos é o acidente rodoviário. A partir destas estatísticas – dramáticas – a Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP) lança um apelo em época de fim de férias, reínicio das aulas: aos pais, para que vigiem os primeiros passos dos filhos estudantes e lhes ensinem as noções mais elementares de como se comportarem na via pública; aos professores, para que transmitam aos alunos os conhecimentos necessários ao respeito das regras de trânsito e os consciencializem da importância das medidas de segurança rodoviária; aos automobilistas, por fim, para que atentem às situações imprevisíveis que surgem com as crianças, sendo especialmente condescendentes com o seu comportamento, nem sempre adaptado às exigências do trânsito.

Eis alguns conselhos aos pais e aos condutores veiculados pela PRP:

AOS PAIS

- Ensine-lhe que os passeios são para os peões e que devem ser utilizados.
- Nos passeios, as crianças devem caminhar o mais longe possível da rua, isto é, do lado de dentro, junto às casas.
- Na falta de passeios, devem caminhar pelo lado esquerdo da faixa de rodagem, para verem os veículos de frente.
- Ao longo de uma estrada, as crianças devem caminhar umas atrás das outras.
- Depois de estar treinado, é preferível que o seu filho faça o percurso para a escola sozinho do que acompanhado de outros colegas.
- Em grupo existe o perigo de se distraírem e de não prestarem atenção ao trânsito.
- Nunca diga ao seu filho para ir depressa para a escola.
- As crianças devem parar no passeio e olhar para os dois lados. Só depois de se certificarem de que não se aproxima nenhum veículo, é que podem começar a atravessar.
- Ensine o seu filho a atravessar pelas passadeiras, depois de verificar que não se aproxima nenhum veículo. Numa passadeira de peões com sinais luminosos, a criança só deve atravessar a rua, quando o sinal para peões estiver verde.
- A criança nunca deve atravessar a rua na proximidade de curvas e de lombas.
- A criança deve sempre evitar atravessar a rua entre automóveis estacionados. Se for necessário, antes de começar a atravessar, deve parar junto dos automóveis para ter a certeza que estes não escondem outros em movimento.
- Leve sempre o seu filho no banco da retaguarda do automóvel.
- Se leva, de carro, normalmente o seu filho à escola, deixe-o sempre do lado da escola, de tal forma que este não tenha de atravessar a rua.
- Lembre-lhe que não deve entrar nem sair de autocarros, camionetas ou qualquer outro meio de transporte público, quando estes estão em movimento.
- Treine com o seu filho durante algum tempo o caminho mais seguro para a escola. Lembre-se que nem sempre o caminho mais seguro é o mais curto.
- É preferível escolher um caminho mais longo, que obrigue a criança a atravessar menos vezes a rua, que esteja melhor equipado com passadeiras com sinais luminosos e que tenha menos trânsito.

Aos condutores

- As crianças assumem no trânsito um comportamentc espontâneo e irreflectido.
- A capacidade de concentração é muito mais pequena nas crianças do que nos adultos.
- Qualquer pequeno pormenor como, por exemplo, um brinquedo numa montra, um animal ou mesmo um automóvel, pode distraí-la.
- A percepção do perigo na criança é quase inexistente distinguindo com muita dificuldade as situações perigosas.
- Devido à sua pequena estatura, a criança tem um campo visual mais reduzido que os adultos.
- Por este motivo, torna-se menos visível aos olhos dos condutores que qualquer outro utente da estrada.
- As crianças têm, por um lado, dificuldade em distinguir o lado esquerdo e o lado direito, e por outro as direcções e os sentidos em que circulam os veículos, factores indispensáveis à sua integração no trânsito.
- No trânsito, as crianças orientam-se com grande dificuldade, sobretudo ao fazerem trajectos menos conhecidos.
- Junto de locais habitualmente frequentados por crianças, reduza a velocidade.
- Ao ver o sinal de perigo «Crianças», abrande sempre a marcha, porque de repente podem surgir crianças a atravessar irreflectidamente a estrada.
- Ao avistar um grupo de crianças a brincar, abrande a marcha e prepare-se para travar, caso seja necessário.
- Ao circular junto de passadeiras para peões, abrande a marcha e esteja sempre preparado para deixar passar crianças, que se precipitem para a rua.
- Ao avistar uma criança numa passadeira, parada ao sinal vermelho para peões, certifique-se que esta obedece ao sinal, porque normalmente as crianças impacientam-se muito enquanto esperam.
- Ao circular em bairros residenciais, em que o trânsito é pouco intenso, reduza a velocidade, porque pode haver crianças a brincar nos jardins ou nos passeios que se precipitam subitamente para a faixa de rodagem.
- Seja prudente perante crianças que brincam com trotinetas ou triciclos, pois as suas reacções são imprevisíveis.
- Durante o período de reinício das aulas, não se esqueça que as crianças estão destreinadas de fazer o percurso – casa-escola-casa – e estão mais propensas a acidentes.

Comemora-se hoje o aniversário da CGTP/IN

● *Comício esta noite no Campo Pequeno*

Um comício sindical que terá início às 21 horas, na praça do Campo Pequeno, comemora-se hoje em Lisboa o XI aniversário da CGTP/Intersindical, a par de outras iniciativas que estão a decorrer em todo o País e que se prolongam até ao fim do corrente mês.

Durante o comício, organizado pela Comissão dos Sindicatos de Lisboa (USL) e que constituirá «o ponto mais alto das comemorações», o coordenador da Comissão Executiva do Secretariado Nacional da CGTP/IN, Armando Teixeira da Silva, fará a intervenção de fundo, usando ainda da palavra um dirigente da USL. Uma parte da sessão será preenchida com a actuação do grupo «Trovante».

Elevado número de organizações representativas dos trabalhadores portugueses tem saudado o aniversário da central sindical e em numerosos plenários realizados em todo o País têm sido aprovadas moções à Inter.

O Comité Central do PCP, por seu turno, também saudou o aniversário da CGTP/GIN, reafirmando o seu «total apoio e solidariedade» com a central, «pelo seu papel na unidade e luta da classe operária e das massas trabalhadoras».

O papel da Intersindical ao longo de 11 anos

A CGTP/Intersindical, que hoje comemora o 11.º aniversário da sua fundação, surgiu a 1 de Outubro de 1970, em consequência de um encontro nacional de direcções de sindicatos da confiança dos trabalhadores.

Esse encontro, convocado por cinco sindicatos de Lisboa, teve a presença de representantes de 14 direcções e surgiu da necessidade de coordenar a luta dos sindicatos de onde trabalhadores tinham retirado direcções de orientação corporativa.

Com a alteração da lei sindical de 1933 pelo Governo de Marcelo Caetano, visando a modernização do capitalismo português e a construção de uma imagem liberalizante perante a Europa, registou-se grande actividade nos sindicatos, tendo sido eleitas para alguns deles direcções representativas.

Esta situação permitiu um ascenso das lutas dos trabalhadores, que tinham conhecido grande incremento na década de 60 com as paralisações camponesas pela jornada de oito horas de trabalho e greves operárias exigindo melhorias salariais.

Face ao ímpeto da luta reivindicativa, que rapidamente adquiriu um cunho antifascista, o regime intensificou a repressão, fazendo publicar legislação que permitia suspender direcções e encerrar sindicatos e controlar os processos de candidatura para as direcções, assim como intensificar a actividade policial contra sindicalistas.

Na segunda reunião da Intersindical, realizada em 25 de Outubro de 1970, participaram 22 sindicatos, número que em Janeiro seguinte se elevou para 41.

A 19 de Novembro foi constituída a «Comissão Organizadora Central» da Intersindical com a intensificação da luta sindical no campo económico, social e político e a crescente influência da Intersindical, o Governo de Marcelo Caetano aumentou a repressão e destituiu direcções sindicais, prendeu dirigentes, encerrou sindicatos, e proibiu reuniões.

A luta dos trabalhadores passou então por paralisações sectoriais e manifestações de rua por melhoria das condições de vida, pela liberdade de organização sindical e pela libertação de sindicalistas presos.

Em Julho de 1973 os sindicatos representativos abandonaram os trabalhos do primeiro Congresso Nacional da Previdência depois de ter sido censurada uma tese subscrita colectivamente por 16 sindicatos.

Em Novembro de 1973, foram criadas três zonas regionais (Norte, Centro e Sul) no âmbito da Intersindical, passando o Secretariado a ser composto por um sindicato do Norte, um do Centro e três do Sul.

Até ao 25 de Abril de 1974, altura em que representava 50 sindicatos que abrangiam meio milhão de trabalhadores, a Intersindical dinamizou e dirigiu a campanha pelo estabelecimento do salário mínimo nacional, pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores e pela eleição de delegados sindicais, em situações que foram, desde a semilegalidade à clandestinidade.

A 27 de Abril de 1974, dois dias depois da queda do regime fascista, a Intersindical apontou para a substituição das direcções corporativas e eleição de comissões administrativas nos sindicatos.

Em Julho de 1974 a Intersindical aprovou em plenário de sindicatos a centralização da luta em defesa da economia nacional, apontando para a nacionalização da banca e indústrias básicas, e à luta pela descolonização com o reconhecimento do direito à independências dos povos submetidos ao colonialismo português.

Em Julho de 1975, realizou-se o primeiro Congresso da Intersindical e em Janeiro de 1977 promoveu o Congresso de Todos os Sindicatos, aberto a organizações não filiadas, que definiu os objectivos do movimento sindical.

No congresso participaram mais de 1100 delegados de 273 sindicatos representativos de cerca de 1,8 milhão de trabalhadores, que aprovaram o programa de acção e novos estatutos, com a nova designação da central: Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses «Intersindical Nacional».

Neste congresso não participaram os sindicatos agrupados no movimento «Carta Aberta», que viriam posteriormente a estar na origem da UGT.

Em Março de 1980, efectuou-se o terceiro Congresso da CGTP, que aprovou o programa de acção e o caderno reivindicativo dos trabalhadores portugueses e elegeu o novo Secretariado da central.

Actualmente, estão filiados na CGTP-IN 186 sindicatos, representando mais de 1,5 milhão de trabalhadores e participam regularmente nas suas actividades 56 sindicatos não filiados.

Existem uniões sindicais em todos os distritos do continente e na Madeira e uniões locais em vários concelhos de maior desenvolvimento industrial.

O órgão máximo da CGTP é o Congresso, que se reúne de três em três anos, aberto a sindicatos não filiados, e elege o Secretariado.

Como estrutura intermédia surge o plenário de sindicatos, que se reúne ordinariamente duas vezes por ano.

Arrasto costeiro anuncia novas paralisações

Se até ao próximo dia 6 as associações de armadores não se dispuserem a negociar um novo contrato colectivo de trabalho (CCT), na base da proposta sindical, os pescadores do arrasto costeiro vão efectuar duas paralisações nos dias 12 e 13 e na segunda e terça-feira da semana seguinte.

Esta decisão foi tomada em plenários efectuados de Norte a Sul do País e durante os quais foi analisada a posição de intransigência dos armadores, face à proposta de revisão do CCT apresentada pela comissão negociadora sindical (CNS), que provocou uma ruptura nas negociações.

Os armadores, segundo as estruturas sindicais, não só não querem introduzir qualquer melhoria no CCT como ainda querem extinguir algumas regalias constantes no contrato em vigor. No que se refere às tabelas salariais, o patronato rejeitou as propostas sindicais e pretendeu reduzir em 20% o quantitativo a distribuir pelos pescadores, resultante da venda do pescado.

Os armadores pretendem igualmente acabar com o direito ao fim-de-semana (prática que vem sendo seguida desde 1974) e impor apenas um dia de descanso semanal.

Por causa (ainda) de Morais Leitão

Bloqueado empreendimento mineiro do Alto Alentejo

O empreendimento mineiro do Alto Alentejo encontra-se bloqueado nos termos de uma resolução tomada ainda pelo anterior executivo a que se refere um despacho normativo, assinado ainda pelo ex-ministro Morais Leitão, agora publicado no «Diário da República».

O despacho aprova os instrumentos previsionais de gestão apresentados pela Empresa Nacional do Urânio, EP, incluindo-os no Programa de Investimentos do Sector Empresarial do Estado para 1981, mas enquanto ao empreendimento mineiro da Urgeiriça são destinados 49,6 milhares de contos, ao empreendimento mineiro do Alto Alentejo, para além das alterações financeiras necessárias à sua actividade corrente, fica vedado à empresa e às instituições de crédito, lançar e financiar qualquer novo projecto de investimento não previstos naquele Programa.

Entretanto, um informador do Ministério da Indústria, contactado pelo «DL», prefere considerar que o empreendimento «aguarda uma tomada de posição do Governo», em lugar de se encontrar bloqueado, termo utilizado no despacho normativo publicado pelo «Diário da República».

Têxteis repudiam intervenção da GNR nas empresas

Os sindicatos do sector têxtil, que representam cerca de 250 mil trabalhadores, aprovaram no seu último plenário nacional uma moção de repúdio pela «escandalosa intervenção da GNR» em diversas empresas, durante as greves dos dias 23 e 24 de Setembro último. A moção refere-se concretamente ao sucedido nas empresas Mantex, Finexpor, Fiação de Leça e Maconde onde a GNR pretendeu «saber quantos trabalhadores e quem aderiu à greve» e exige que os organismos oficiais procedam a inquérito para «esclarecimento da atitude da GNR» das razões da sua intervenção e de quem a ordenou».

Entretanto prossegue hoje, a nível nacional, a greve dos trabalhadores daquele sector, que ontem registou uma adesão da ordem dos 65%, segundo uma fonte sindical. Esta forma de luta é utilizada pelos trabalhadores como forma de obrigar o patronato a negociar aumentos médios dde salários situados entre os 22 e os 30%.

O mesmo informador sindical acrescentou que a percentagem de adesões baixou em relação às paralisações anteriores em virtude de em muitas empresas os trabalhadores terem sido ameaçados de não receberem salários antes do dia 6.

Nas fábricas de lanifícios da Covilhã e de Gouveia as percentagens rondaram os 90 e 85% respectivamente, e no distrito de Braga houve uma adesão de 55%.

Ainda de acordo com a referida fonte, o gerente da fábrica Vodratex, em Seia, onde labora 1228 trabalhadores, chamou a GNR que, a meio da manhã, cercou as instalações com cerca de 200 guardas, não se registando, contudo, incidentes.

A greve na Carbonífera do Douro

Termina hoje a greve de três dias que os trabalhadores de escritório da empresa carbonífera do Douro têm estado a cumprir, em apoio das suas reivindicações salariais.

A paralisação, que tem registado uma adesão superior a 90 por cento, foi decidida em plenário e é apoiada pela Fesintes, afecta à UGT.

Os grevistas reivindicam aumentos de 25 por cento – segundo afirmou um dirigente da Fesintes, pois «sentem-se marginalizados».

Os trabalhadores de escritório foram aumentados em oito por cento enquanto os quadros e os mineiros tiveram aumentos de respectivamente, 40 e 25 por cento.

A CGTP-IN SAÚDA OS TRABALHADORES

Ao comemorarem-se os 11 anos de vida da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional, o seu Secretariado Nacional saúda todos os trabalhadores portugueses, obreiros da sua força e do seu prestígio, expressando-lhes os mais profundos e fraternais sentimentos de solidariedade e da firme determinação na defesa e garantia dos seus direitos e interesses.

Na presente situação que se caracteriza, fundamentalmente, por um brutal agravamento das condições de vida dos trabalhadores, em que estes têm que lutar pela defesa de cada um dos seus direitos e conquistas, o Secretariado Nacional exorta-os a reforçarem a sua coesão e a unidade do movimento sindical, condição determinante para garantir o êxito de uma luta.

O Secretariado Nacional da CGTP-IN faz um veemente apelo a todos os activistas sindicais, em particular, os dirigentes e delegados sindicais para que redobrem a sua combatividade e determinação, única forma de corresponderem à confiança que neles depositaram os trabalhadores que os elegeram e de se alcançarem com êxito as tarefas em que estamos empenhados, a defesa e consolidação dos direitos dos trabalhadores, das liberdades democráticas, de melhores e mais justas condições de vida e de trabalho e das grandes conquistas da revolução.

O Secretariado Nacional da CGTP-IN manifesta a sua inabalável confiança e convicção na capacidade, no entusiasmo e na força dos trabalhadores e nas suas organizações de classe, na certeza de que, em conjunto, saberemos defender os nossos interesses e conquistas, o regime democrático consagrado na Constituição e forjar as condições para prosseguirmos a construção do Portugal de Abril.

Lisboa, 1/10/81

O SECRETARIADO NACIONAL DA CGTP-IN

Presidente do Panamá denuncia política de Washington

O Panamá acusou ontem os Estados Unidos de violarem e de traírem os tratados sobre o canal e ainda de pretenderem criar «um governo dentro de outro».

Em discurso proferido nas Nações Unidas, o presidente Aristides Royo queixou-se, ante a comunidade internacional, de que uma lei aprovada em Setembro de 1979, pelo Congresso dos Estados Unidos vai contra «o espírito e a letra» dos tratados Torrijos-Carter, assinados, solenemente, em 7 de Setembro de 1977.

«A Lei 96/79 confere ao presidente e ao secretário da Defesa dos Estados Unidos excessivos privilégios» na comissão do Canal do Panamá, criada para administrá-lo' – afirmou.

O presidente panamiano disse que, a concretizar-se o previsto na lei norte-americana, o Panamá perderia mais de quatro mil milhões de dólares até 31 de Dezembro de 1999, data em que a propriedade voltará definitivamente para o seu povo.

Royo pôs o mundo por testemunha da boa vontade do seu Governo e do seu povo para entabular conversações com Washington, encaminhadas a superar os obstáculos que se opõem ao cumprimento dos tratados sobre o Canal.

Manifestou confiança na «promessa formal» feita a 4 de Dezembro do ano passado pelo presidente Reagan, ao dizer-lhe pessoalmente que «os Estados Unidos continuarão a respeitar e a levar plenamente à prática os tratados sobre o Canal do Panamá».

Royo informou que, pouco depois da aprovação pelo Congresso norte-americano da lei lesiva dos interesses do Panamá, dirigiu ao então presidente Carter um extenso documento, pedindo que fossem tidos em linha de conta os pontos de vista panamianos.

Acrescentou que também foi entregue um caderno de observações à comissão mista do Canal com as emendas que, na opinião panamiana, deveria fazer o Congresso norte-americano à Lei 96/79.

Royo, que dedicou nove das 40 páginas do seu discurso a pormenorizar as consequências negativas da atitude norte-americana para com o seu país, disse que a lei «reduz as faculdades administrativas da Comissão Bilateral».

«Confere, além disso, ao Congresso dos Estados Unidos tal autoridade que converte a Comissão numa entidade meramente subalterna do Executivo norte-americano», acrescentou.

Sublinhou, no entanto, que o Panamá «está aberto ao diálogo com os Estados Unidos, para que se estabeleçam as bases de um entendimento», de acordo com os tratados Torrijos-Carter.

El Salvador

Sobre o problema salvadorenho, Aristides Royo, depois de manifestar a sua convicção de que «não será possível uma solução integral por meios puramente militares», ofereceu-se como mediador na guerra civil em El Salvador.

Muito embora não tenha mencionado especificamente El Salvador ao anunciar a sua oferta, as centenas de delegados que escutaram o seu discurso na ONU e que lhe tributaram uma calorosa ovação, de pé, entenderam a sua mensagem.

O presidente disse que «com o melhor ânimo de contribuir» para soluções políticas em conflitos centro-americanos, «o Panamá oferece o seu território e os seus préstimos para proporcionar contactos e negociações».

«Deve pôr-se imediatamente termo a todas as formas de participação externa nos conflitos centro-americanos», disse.

Depois de se manifestar favorável à procura de soluções pacíficas através de um processo eleitoral democrático, Royo disse, não obstante, que tais eleições devem ser antecedidas pela criação de um clima social e político adequado que garanta a livre e segura participação dos diversos sectores da população.

Reagan e as «embarcações» suspeitas

O presidente, Ronald Reagan, numa medida sem precedentes, ordenou à marinha norte-americana que intercepte, no alto mar, as embarcações «suspeitas» de transportar refugiados «ilegais» para os Estados Unidos.

Os serviços de guarda-costas, que até agora só inspeccionavam os navios suspeitos quando se encontravam em águas norte-americanas, poderão agora utilizar armas de fogo em águas internacionais, contra as embarcações que não se submetam à verificação da documentação dos seus ocupantes.

O plano, concebido em princípio para deter a onda de emigrantes ilegais do Haiti, recebu já duras críticas e foi qualificado de «convite à pirataria».

A ordem presidencial, divulgada após um acordo com o Governo do Haiti, estabeleceu que a marinha poderá deter e «devolver ao seu país de origem as embarcações que se creia transportarem pessoas «cuja entrada nos Estados Unidos viola as leis de imigração».

No entanto, refere que não são recambiadas, sem o seu consentimento expresso, as pessoas que aleguem ser «refugiados políticos» e possam provar.

Um porta-voz da Secretaria norte-americana de Estado não explicou contudo que tipo de documentos serão exigidos a uma pessoa para provar que deseja entrar nos Estados Unidos por motivos políticos.

Na véspera das "presidenciais" no Irão

Ainda por explicar o acide que vitimou dirigentes milit

Foi exaltando a «defesa do Islão» frente aos inimigos estrangeiros e internos do regime que o imã Khomeiny reagiu à morte dos mais altos dirigentes das Forças Armadas iranianas, num misterioso acidente de avião.

O ministro da Defesa, coronel Mussa Namju, o chefe do Estado-Maior-General, general Vali Fallahi, seu conselheiro, o coronel Djavad Fakuri, e o comandante adjunto dos «Guardas da Revolução», Kolahdust, morreram, na noite de 3.ª-feira, conforme ontem noticiámos, num acidente de avião, 10 km a sul de Teerão, quando regressavam de Ahwaz, capital do Kuzistão.

Tinham acabado de supervisionar a ofensiva que, no domingo, tinha permitido romper o cerco de Abadan e repelir numa distância de 10 km, para oeste do rio Karun, as forças iraquianas.

O seu avião, um «Hércules C-130» de fabrico americano, despenhou-se num campo de tiro, por razão até agora desconhecida.

Segundo o jornal «Kayhan», partiu-se em dois quando caiu e imediatamente foi pasto das chamas.

Quando os socorros chegaram alguns instantes depois, em helicóptero, a parte da frente tinha já sido totalmente destruída pelo fogo. O jornal afirma que o avião transportava «inúmeros passageiros». Rádio Teerão, por seu turno, não assinalou outras vítimas para além dos quatro oficiais.

Logo que foi anunciado oficialmente o «martírio» dos quatro oficiais, o «Conselho Provisório da Presidência» pediu às «pessoas responsáveis» que determinem os motivos e as circunstâncias do acidente.

Um grupo de jornalistas estrangeiros e iranianos, convidados a visitarem o Kuzistão por ocasião da «grande vitória» de Abadan, regressaram ontem de Ahwaz a Teerão em autocarro, quando deveriam regressar em avião militar. Desconhece-se se este contratempo é devido a uma falta de aviões ou a um controlo dos aviões disponíveis, na sequência do acidente de 3.ª feira à noite.

«Perdemos companheiros valorosos, mas persistiremos em alcançar o nosso fim, defender o Islão com uma vontade de ferro», disse Khomeiny, numa mensagem lida na rádio. Convidou «o povo e sobretudo o Exército a redobrar esforços para obterem novas vitórias na frente e na retaguarda» e atacou fortemente os «hipócritas» (denominação oficial dos «Mudjahidin Khalq» e «aqueles que se refugiaram nos braços do Ocidente».

Eleições amanhã: sem surpresas?

As eleições presidenciais anunciam-se, em princípio sem surpresas: quatro candidatos pronunciaram-se a favor do quinto, o «hodjatoleslam» Ali Khamenei, chefe do PRI (Partido Revolucionário Islâmico), que, em sua opinião, seria mais qualificado do que eles.

Mas as últimas manifestações dos «Mudjahidin Khalq» aumentaram a tensão na véspera do escrutínio. Uma nova confrontação armada, ocorrida ontem, ao meio-dia, no centro de Teerão, provocou a morte de três «Mudjahidin», segundo um membro de um «Comité Revolucionário» que se encontrava no local.

Na sequência das manifestações armadas de domingo, que tinham causado 37 mortos, 57 «Mudjahidin» foram executados.

Oitocentos e doze oposicionistas ao regime de Khomeiny tiveram sentença de morte no passado mês de Setembro.

Funerais em Teerão

Mais de dez mil pessoas concentraram-se na manhã de hoje em Teerão defronte da Escola Militar, próxima do Parlamento, para participarem nas exéquias das quatro dirigentes militares mortos no acidente do «Hércules C-130».

As medidas de segurança

Reagan: só amanhã as opções sobre política de defesa

Afinal parece que só amanhã, oficialmente, de sua voz, o presidente norte-americano anunciará a sua, (já tomada?) decisão de estacionar cem mísseis nucleares «MX» nos Estados Unidos. Esta informação é atribuída pela ANOP a uma fonte do Senado.

A fonte, citada também pela agência noticiosa AP (norte-americana) indicou que Reagan, anunciará talvez amanhã, os seus planos de defesa a longo prazo, incluindo o fabrico do bombardeiro «B-1», rejeitado pelo seu predecessor, James Carter, desenvolvendo a produção de bombardeiros capazes de iludir os radares inimigos e reforçar as defesas aéreas dos EUA.

Relativamente ao local onde serão instalados os mísseis, o informador, que solicitou o anonimato, disse ter percebido que Reagan não decidiu ainda se os mandará instalar nos mil abrigos a construir no estado de Nevada e Utah ou nos silos para os mísseis balísticos intercontinentais já existentes noutros estados.

Anteriormente, o secretário da Defesa, Caspar Weinberger, assinalara que Reagan já tinha tomado uma decisão sobre o local de estacionamento dos mísseis.

As três principais cadeias televisivas dos Estados Unidos noticiaram já que o chefe do Executivo optara pela construção de um sistema de mísseis «MX» mas rejeitara os aspectos específicos do plano proposto por Carter.

Comentando estas informações, Weinberger observou que nunca viu «tantos erros» cometidos com base em «tantas partes distintas de uma única história» e recusou-se a entrar em pormenores até à comunicação que o presidente norte-americano fará amanhã

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DOS SINDICATOS DO COMÉRCIO E SERVIÇOS

Trabalhadores do Comércio e Serviços saúdam

XI Aniversário da CGTP-IN

Casa Branca quer ter as mãos livres em Ang la

Senado dos EUA an emenda "Clark"

O Senado americano votou ontem a favor da anulação da emenda «Clark», votada em 1976 e que proibe as operações militares americanas em Angola ou o apoio às forças hostis ao Governo de Luanda.

O Senado aprovou também um texto anulando uma interdição do auxílio à Argentina, devido ao facto de este país não respeitar os direitos do homem, interdição que fora aprovada em 1978.

Estes textos inserem-se no âmbito da votação da lei sobre o auxílio ao estrangeiro, que prevê também um aumento do apoio ao Paquistão e a imposição de condições à ajuda militar ao Salvador.

Segundo o senador Charles Percy, presidente do comité das relações externas do Senado. o Governo Reagan pediu a anulação da emenda «Clark», do nome do senador que a apresentara em 1976, porque considera que «lhe limita os movimentos nessa parte muito sensível do mundo».

Esta votação do Senado, considerada como uma vitória importante para Reagan, não tem, porém, nenhum efeito por enquanto. Com efeito a Câmara dos Representantes terá ainda que votar o texto para que ele tenha força de lei e, ao que se sabe, ele não será incluído num futuro próximo na ordem do dia da Câmara.

ANGOP desmente notícias de manifestações em Luanda

A agência noticiosa angolana, ANGOP, classificou ontem de «flagrantes mentiras» notícias divulgadas em Lisboa sobre manifestações populares de protesto reprimidas em Luanda.

Num comentário sobre o assunto, a ANGOP situa as notícias no quadro de «uma campanha falsa e alarmista» contra Angola, visando contrariar «a onda de condenação mundial da agressão sul-africana».

As notícias divulgadas em Lisboa por jornais que a agência descreve como sendo de «pendor» reaccionário e saudosista da situação colonial», («A Tarde» e «O Dia»), indicavam que no passado sábado ter-se-iam registado em Luanda violentas manifestações que provocaram mortos e feridos.

O pretexto das manifestações teria sido, de acordo com as no-

Explosão de carro armadilh provoca 40 mortos em Bei

Um carro armadilhado explodiu hoje de manhã perto do gabinete de um destacado dirigente palestiniano na zona ocidental de Beirute, provocando 40 mortos e um número indeterminado de feridos – anunciaram testemunhas.

A explosão, que destruiu vários prédios ocorreu pouco antes das 10.00 locais (08.00 em Lisboa) na Rua Bustani, perto do gabinete de Salah Khalaf, que usa também o nome de Abu Iyad, o segundo elemento na hierarquia do grupo de guerrilheiros palestinianos Al Fatah – revelou a emissora direitista «Voz do Líbano».

De acordo com a emissora, a bomba era formada por cem quilos de TNT.

Uma outra explosão de um carro armadilhado provocou um morto e um ferido esta madrugada na aldeia de Siniyeh, no sul do Líbano.

A primeira explosão deste tipo ocorreu em Sidon, no sul do país em 17 de Setembro, causando pelo menos 25 mortos e cem feridos.

Sadat quer AWACS na Arábia Suadita

O presidente egípcio, Anwar Sadat, pediu ontem aos Estados Unidos que vendam os aviões de espionagem electrónica «AWACS», à Arábia Saudita,

dente
ilitares

eram discretas e a multidão repetia longamente as palavras de ordem lançadas pelos organizadores da cerimónia fúnebre, que tinham sobretudo como tema «A vitória» contra o Iraque, «companheiros, lutai, o inimigo é vencido», «A epopeia de Abadã é a vitória do Islão», «somos todos teus soldados, Khomeiny», «A América deve saber que resistiremos a qualquer conspiração», ouvia-se também o «slogan»: «Morte aos hipócritas» (designação oficial dos «Mujhahidine»).

Soube-se, entretanto, de via oficial, que mais de setenta pessoas morreram no acidente do avião militar «Hércules C-130».

Radjavi anuncia formação de governo no exílio

Um governo provisório iraniano no exílio vai ser formado por Massoud Radjavi, chefe dos «Mujahidine do Povo» imigrado em França, anuncia um comunicado assinado pelo próprio Radjavi.

Este governo, indica o documento emanou de um Conselho Nacional de Resistência para a Liberdade e a Independência da República Democrática Islâmica do Irão, de que Bani-Sadr é «presidente provisório».

...ola

...nula
...''

...tícias, uma situação de crise nos abastecimentos, a alta do custo de vida e ainda os «privilégios» de cubanos e namibianos.

Eduardo dos Santos na Líbia

O chefe de Estado e do Governo angolano, José Eduardo dos Santos, chegou ontem a Tripoli, para uma visita oficial de vários dias à Líbia, anunciou a agência líbia JANA, captada em Paris.

O presidente angolano foi acolhido ao descer do avião pelo comandante Abdessalam Jallud, «número dois» líbio, pelos membros do «Secretariado Geral do Congresso do Povo Líbio» e vários oficiais das Forças Armadas líbias, indicou a agência.

...lhado
...eirute

...apesar das alegadas conspirações dos dirigentes de Riade contra o Egipto.

A defesa feita por Sadat do acordo de 8500 milhões de dólares (cerca de 550 000 milhões de escudos) surgiu na véspera da partida para Washington do vice-presidente do Egipto, Hosni Mobarak, portador de uma «mensagem importante» do líder egípcio para o presidente Ronald Reagan.

400 000 manifestantes contra a "peneumonia tóxica"

Mais de 400.000 pessoas, segundo os organizadores, participaram ontem à noite em Madrid na manifestação organizada por partidos de esquerda, pelo sindicato UGT (próximo do Partido Socialista), pelas comissões operárias (próximo do Partido Comunista) e pela associação das vítimas da «pneumonia tóxica» para protestarem contra o envenenamento comóleo adulterado que até ao momento causou a morte (desde o mês de Maio) de 140 pessoas e já originou um debate parlamentar em que o Governo foi violentamente atacado pela oposição.

Os manifestantes transportavam cartazes, exigindo justiça, apuramento de responsabilidades, punição dos culpados e gritavam palavras de ordem contra o Governo.

Entre as pessoas que desfilaram pelo centro de Madrid contavam-se algumas afectadas pelo azeite adulterado.

O secretário-geral do Partico Comunista, Santiago Carrillo, participou também no desfile.

Cerca de mil pessoas afectadas pela «atípica» encontram-se ainda hospitalizadas em toda a Espanha.

França

Aprovada nova lei sobre entrada e estadia de estrangeiros

Um projecto de lei regulamentando de forma mais liberal as condições de entrada e estadia dos estrangeiros em França foi adoptado, na noite de ontem para hoje, pelos deputados franceses.

Este projecto de lei esteve na origem, pela primeira vez desde o início da legislatura, de um desacordo de fundo entre o Governo e os deputados socialistas (maioritários na Assembleia Nacional francesa) que consideravam as propostas do Governo sobre as condições de expulsão demasiado severas e afastadas das posições do Partido Socialista. O texto teve que ser retirado na terça-feira da ordem do dia e foram precisas inúmeras consultas para que fosse adoptado.

O texto votado pelos deputados difere em vários pontos do que foi adoptado pelo Senado e o projecto de lei terá portanto que ser reexaminado para ser definitivamente adoptado.

No que toca às condições de entrada dos estrangeiros, o texto permite um certo número de recursos em caso de recusa por parte da autoridade administrativa.

Para as condições de expulsão, o projecto adoptado precisa que a expulsão pode ser pronunciada pelo ministro do Interior «se a presença no território francês de um estrangeiro constituir uma ameaça grave para a ordem pública».

Os deputados adoptaram também uma lista daqueles que não podem ser expulsos, em particular os menores, as pessoas residindo em França há mais de 15 anos e «o estrangeiro que não foi objecto de uma condenação tornada definitiva, pelo menos igual a um ano de prisão».

Os deputados emendaram o projecto governamental, precisando que «em caso de urgência absoluta», um estrangeiro que não tenha sido condenado pode ser expulso, caso isso se torne «uma necessidade imperiosa para a segurança do Estado ou para a salvaguarda dos interesses nacionais».

Mugabe apela à condenação do regime de Pretória

O primeiro-ministro do Zimbabwé, Robert Mugabe, apelou ontem á Comunidade Britânica para que tome uma posição contra a política sul-africana de «apartheid».

Mugabe, que discursava no primeiro dia da cimeira da Commonwealth em Melbourne, referiu a agressão militar sul-africana contra os Estados africanos vizinhos.

Apelou aos participantes na conferência para que promovam a aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU, que exige a imediata retirada das tropas sul-africanas da Namíbia e a realização de eleições livres sob controlo internacional.

Mugabe criticou o presidente norte-americano pela «posição amigável» da administração Reagan relativamente à África do Sul, dizendo que ela «constitui uma razão de grande preocupação para todo o continente africano».

O apelo de Mugabe à condenação da África do Sul e o seu pedido para que a Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal, Estados Unidos e Canadá – membros do chamado grupo de contacto – aumentem a pressão sobre África do Sul, a fim de a levar a negociar, constituiu a tomada de posição mais enérgica até agora registada na conferência.

Assembleia do Conselho da Europa discute discriminação dos homosexuais

Dois temas polémicos estão hoje na ordem do dia da segunda sessão ordinária da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, que ontem se iniciou em Estrasburgo, e que durará até ao próximo dia 8. Os representantes dos Parlamentos dos 24 países (entre os quais Portugal) membros do Conselho da Europa estão divididos sobre a oportunidade e o interesse de discutir a discriminação em relação aos homossexuais e a questão da inseminação artificial. Uma parte da Assembleia considera que os parlamentares não deveriam discutir qualquer desses temas por serem «indignos» e prejudicarem a imagem do Conselho da Europa. Outros consideram-nos de grande importância e defendem que a própria vocação do Conselho (a defesa dos direitos do homem) se harmoniza com os assuntos propostos à discussão. De qualquer forma os relatórios sobre ambas as matérias serão apresentados e votados esta tarde.

O relatório sobre a discriminação de que são vítimas os homossexuais foi preparado pelo socialista holandês Joop Voogd

Espanha, oito meses depois do golpe (2)

Um "Kennediano" a caminho do poder

MADRID, 1 (do nosso correspondente Fernando Jauregui) – Com o objectivo de evitar as constantes disputas no seio do seu próprio partido, o presidente Calvo Sotelo está a tentar recompor o União do Centro Democrático, o partido que foi fundado por Adolfo Suarez e por ele próprio, com o objectivo de ganhar as eleições gerais de 1977. Hoje, a UCD mete água por todos os lados: as alas moderada e progressista do partido chegaram a um clima de máxima deterioração, e o próprio Suarez fomenta dentro da UCD aquilo que, quando era chefe do Governo e do partido, tratou por todos os meios de evitar: o renascimento das famílias políticas.

Assim, demo-cristãos, liberais, sociais-democratas e «franquistas arrependidos» andam de novo em luta pelo controlo do partido. Entretanto, Leopoldo Calvo Sotelo trata de evitar os «cantos de sereia» que os diversos grupos ucedistas lhe dirigem, tentando atraí-lo. Até agora Calvo Sotelo tratou de governar esquecendo o partido no poder, o seu próprio partido. A partir de agora, segundo se afirma, tratará de governar passando por cima desse partido, fonte constante de conflitos.

Mas como lhe será possível governar passando por cima do partido que o colocou no poder? Muito simples. Desfazendo o Governo, ou, melhor, refazendo-o. Isto é, Calvo Sotelo pretenderia, dizem os seus íntimos, converter a UCD numa confederação de grupos ou partidos menores, onde coubessem tanto os democratas cristãos e a Opus Dei (agora agrupados numa «plataforma moderada» dentro da própria UCD) como os liberais, os sociais-democratas e os suaristas (os dois últimos não aceitariam a fórmula).

A «fórmula Calvo Sotelo» teria uma vantagem: a equipa governamte poderia incorporar pessoas independentes que actualmente não aceitam entrar na UCD, por causa da desordem que actualmente reina no partido governamental, ou por acharem que, com a presença dos sociais-democratas de Fernandez Ordonez e dos «populistas» de Suarez, o partido ainda está situado muito à esquerda. O certo é que essas pessoas independentes têm, todas elas, um marcado cariz de direita: Alfonso Osorio, José Maria de Areilza, o ex-ministro franquista Lopez de Letona... e, principalmente o «superliberal», o «kennediano» António Garrigues Walker.

Garrigues converteu-se na figura espanhola mais controversa. Sem nunca ter ocupado cargos na administração, mas com a fama de ser um quase representante das multinacionais norte-americanas em Espanha, Garrigues Walker também se converteu num objecto cobiçado por Calvo Sotelo, que vê nele um apoio para o seu reconhecimento internacional como «liberal» (que ultimamente tanto atrai o chefe do Governo) principalmente devido aos vínculos de Walker com o alemão Hans Dietrich Genscher, chefe do liberalismo europeu.

Para mais, António Garrigues Walker representa o estilo elitista de clã político cerrado, que o próprio Calvo Sotelo poderia encarnar tão bem com a sua própria família. O pai do clã Garrigues, embaixador e ex-ministro no primeiro Governo da monarquia, cedeu o lugar mais importante a Joaquim Garrigues Walker, o filho mais velho, que foi várias vezes ministro durante o Governo de Suarez e que todos pensavam que seria o futuro chefe do Governo. Um cancro terminou, porém, há um ano, com a vida de Joaquim Garrigues. Agora é António Júnior o encarregado de subir às máximas responsabilidades do Governo.

O que naturalmente acontecerá se o deixarem. Porque, tanto sociais-democratas como suaristas, socialistas e comunistas, iniciaram uma campanha contra António Garrigues Walker, que pode deixar a sua imagem, situada entre Bob Kennedy e Clark Kent, uma versão civil do «superman», bastante deteriorada. De momento, esta posição, patente em todos os círculos ucedistas, excepto na «Plataforma Moderada» (cada vez mais próxima dos planos de Calvo Sotelo), e inclusivamente num sector dos liberais militantes da UCD, fez com que se desfizessem em fumo as esperanças que António Garrigues Walker tinha de ser ministro. E mais ainda as promessas que Calvo Sotelo parece ter-lhe feito, no sentido de lhe dar a vice-presidência económica do Governo.

RFA

Deputados sociais-democratas a favor da paz

Quarenta e oito deputados do Partido Social-Democrata Alemão Federal pronunciaram-se hoje a favor de uma manifestaão em prol da paz, que terá lugar em Bona a 10 de Outubro.

Numa declaração publicada hoje, os deputados, predominantemente da ala esquerda do partido, referem-se à planeada manifestação como «um sinal visível do desejo de paz do nosso povo» e exprimem a sua disposição de colaborar activamente com todos os cidadãos que actuem a favor da paz.

«Estamos ao lado de todos aqueles que recusam o emprego da violência militar para solucionar os problemas políticos e económicos» – dizem os deputados na sua declaração.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina

exclusivo

ECOLOGIA

Lago Engure
o país das aves

A estação ornitológica do Lago Engure, na República Soviética da Letónia, foi fundada há mais de 20 anos. Aí, numa pequena casa sobre um pontão, os cientistas trabalham e estudam a fabulosa colecção de pássaros que habitam o lago.

O estudo dos pássaros – que existem aqui às dezenas de milhares – permitiu obter informações preciosas. Antigamente, por exemplo, pensava-se que os patos não se apegavam à sua terra natal. Como resultado dos estudos empreendidos pelos ornotólogos do Engure, sabe-se hoje que quase todas as aves voltam ao local onde viram pela primeira vez a luz do dia.

Os cientistas estudam também as rotas migratórias das aves. Do lago, partem pássaros que são depois detectados em França, na Dinamarca, Holanda, Inglaterra, Turquia e Tunísia.

A protecção com que são rodeadas as aves fez naturalmente aumentar o seu número, sobretudo as gaivotas. Hoje em dia, elas podem ser vistas a dezenas de quilómetros dos grandes lagos, incluindo nas próprias cidades. Não temem as pessoas e muitas vezes alimentam-se nas explorações agrícolas onde há animais que comem peixe.

Invólucro para sementes

INVESTIGADORES uzbeques criaram uma película polímera muito fina que possui elementos, que não só permitem acelerar o desenvolvimento das plantas, como protegê-las das doenças. As sementes envolvidas neste produto, germinam duas vezes mais depressa. Esta película não é tóxica e não polui o ambiente, pois dissolve-se progressiva e inteiramente no solo.

Novas reservas estatais

TRINTA e cinco locais da região de Kamtchatka foram declarados reservas estatais. Contam-se entre eles o célebre vale dos geysers, fontes termais, lagos em crateras de vulcões, ribeiras onde desagua o salmão do Pacífico e locais de reunião dos pássaros e animais marinhos. Animais raros que figuram no «Livro Vermelho da URSS», como o leão-marinho, o castor do mar, a foca das ilhas ou «foca-flor», que devido à sua raridade estão sob protecção especial. ■

México

Cimeira Norte-Sul e a estratégia energética

Juarez del Rio

IPS

UM dos eixos fundamentais em torno dos quais irá actuar a cimeira norte-sul, que se realiza em Cancun, México, no fim de Outubro, será o estabelecimento de uma estratégia energética a nível internacional.

Os países do Terceiro Mundo, e em especial as nações produtoras englobadas no Sul, dificilmente acedem em rubricar um acordo dessa envergadura, se este não assentar sobre a base da desmistificação do tema da energia.

Existe uma tendência generalizada que acredita que a crise energética, aparentemente provocada pelo aumento do preço do petróleo, foi a causa da delicada situação económica por que atravessa o mundo.

Recorde-se, nesse sentido, que em 1973 os membros da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) decretaram um aumento unilateral de 70 por cento contra os 25 por cento que estavam dispostas a conceder às empresas multinacionais.

Na opinião das nações industrializadas, este aumento permitiu o desenvolvimento dos países produtores à custa das elevadas facturas que deviam pagar os estados mais pobres para aquisição de petróleo, e desencadear a inflação mundial que actualmente se regista. No entanto, esquecem que a política de preços baixos, mantida até 1973, foi a que deu origem à crise ao proporcionar um incontrolado dispêndio de energia e impedir o desenvolvimento de fontes alternativas.

No entanto, embora os membros da OPEP possuam uma relativa liquidez, também se esquece que não são ricos e que o seu ligeiro desenvolvimento não tem comparação proporcional com o valor da riqueza que proporcionam às indústrias ocidentais.

Doutra forma seria impossível explicar-se que os 13 estados da OPEP – concluindo Arábia Saudita, Kuweit, Emiratos Árabes Unidos, Iraque, Líbia e Qatar, que contam com excedentes de capital – tenham registado, em 1978, um rendimento médio inferior aos dez mil dólares por habitante.

Apesar disso, as receitas do petróleo proporcionaram, entre 1974 e 1979, mais de quatro por cento do seu produto nacional bruto às nações em desenvolvimento na modalidade de empréstimos concedidos. Esta cifra contrasta, por certo, com os 0,35 por cento que forneceram, no mesmo período, os estados industrializados.

E, por último, o próprio Fundo Monetário Internacional descartou, em 1980, um dos principais argumentos mistificadores: «O aumento dos preços do petróleo – informou – aumentou não mais de 1,5 por cento ao nível geral de preços nos países importadores».

Desde esta perspectiva, as nações produtoras não se opõem a chegar a um acordo com os compradores, sobretudo se esse acordo é parte de um diálogo efectivo entre o Norte e o Sul. Mas exigem como condição que todo o convénio estratégico nesta área seja baseado em realidade, e não na mistificação, como forma de avançar para uma nova ordem económica internacional que pede a actual situação do mundo. ■

Os comunistas portugueses e a "cimeira" de Cancun

IPS

LISBOA – O Partido Comunista Português mostrou-se céptico acerca dos eventuais resultados positivos da conferência cimeira entre países industrializados e subdesenvolvidos que se realizará em Outubro, na estância turística de Cancun.

«A reunião de Cancun não deixará de reflectir os resultados da Cimeira de Otava, que não se podem classificar de animadores na perspectiva dos países em vias de desenvolvimento», disse à IPS um porta-voz do Comité Central do Partido Comunista Português, Carlos Carvalhas.

Carvalhas, membro do Comité Central, vice-presidente do Conselho Nacional de Planificação e director da revista «Economia», foi designado pelo secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, para responder a um questionário que lhe foi apresentado pela IPS.

«Não foi por falta de reuniões e de conferências internacionais que a nova ordem económica internacional e as reivindicações do chamado terceiro mundo não foram levadas à prática», salienta na sua resposta o porta-voz comunista.

Referindo-se à importância da «cimeira» de Cancun e aos resultados que podem esperar-se, o economista comunista acrescentou que «é sabido que as negociações globais estão congeladas, que se desconhece a agenda da conferência e que se registam manobras dilatórias, como sucedeu já anteriormente em conferência deste género».

«Todas estas manobras – acrescentou – tendem a alterar o necessário para que tudo fique igual, e os relatórios e análises têm em vista um duplo objectivo: manter entretido os países do Terceiro Mundo, preservar as posições coloniais e neocolonialis, manter amarrados ao mundo capitalista os novos países independentes».

Quanto à situação que se produziria em caso de não se ultrapassar o impasse, o dirigente comunista português afirmou que «continuará a aprofundar-se o fosso entre os países capitalistas desenvolvidos e em desenvolvimento, com todas as consequências sociais, económicas e políticas resultantes desta situação».

«A responsabilidade não pode deixar de ser atribuída – precisou – àqueles que tentam livrar-se das suas responsabilidades pelo colonialismo e pela prática de relações neocolonialistas e de dominação.»

«Actualmente, a administração Reagan, os complexos militares industriais e as forças mais agressivas e revanchistas do Ocidente são as principais responsáveis pela ampliação dos entraves e dificuldades e pelo agravamento da situação», salientou o porta-voz do Comité Central do PCP.

Quanto à apreciação dos comunistas portugueses no referente à unidade ou desunião dos países do Terceiro Mundo para reivindicar os seus direitos, o dirigente afirmou que «pode afirmar-se que, embora de uma forma irregular e contraditória, reforçou-se a luta anti-imperialista dos chamados países do Terceiro Mundo, mas é evidente que a existência de quebras na unidade e nas relações destes países, não deixa de ter também influência no actual «impasse» que se regista nos preparativos da conferência cimeira de Cancun.» ■

A refinaria de Abaden, no Golfo Pérsico

a palavra com...

Mário Murteira

Socialismo, Ciência e de Desenvolvimento

Na passada semana participei em Cavtat, na Jugoslávia, numa «mesa-redonda» internacional subordinada ao tema que dá o título a esta crónica.

Participantes de numerosos países, ligados a diferentes tendências que com maior ou menor razão se reclamam do socialismo, apresentaram cerca de oitenta comunicações, duas de autores portugueses, que foram debatidas durante cinco dias. Economistas progressistas como Harry Magdoff (da Monthly Review de Nova Iorque), Samir Amin, Aghiri Emmanuel, Stuart Holland, Teotónio dos Santos e outros, tiveram ocasião de conviver e discutir ideias no esplêndido ambiente natural da costa do Adriático, junto ao mar transparente e calmo que circunda Cavtat, perto de Dubrovnik.

Não faria sentido tentar descrever nestas breves linhas as numerosas e complexas questões que foram tratadas em Cavtat, desde o progresso técnico e a autogestão até às tendências actuais da investigação científica e tecnológica e o seu significado para o Terceiro Mundo. Vou-me, antes, limitar a algumas observações que recolhi do conjunto deste encontro internacional e que suponho serem mais significativas para o leitor não especializado.

A primeira observação respeita à vitalidade do pensamento e da prática socialistas no mundo em que vivemos, na diversidade das suas manifestações. A circunstância de ser um país não alinhado, com uma experiência de desenvolvimento original (certamente com virtudes e defeitos), como é o caso da Jugoslávia, a organizar o encontro, permitiu uma atmosfera aberta, não sectária, de respeito mútuo na divergência de ideias, em lugar do estilo monocórdico e anticriativo que é mais frequente em encontros deste tipo nos chamados países de «socialismo real». Por outro lado, o brilhantismo sem conteúdo prático (logo também teórico), que é característico de bom número de intelectuais de esquerda, designadamente franceses, foi aqui bem temperado pelos depoimentos dos que vivem concretamente as duras **situações de transição,** *após rupturas melhor ou pior logradas com o capitalismo e o imperialismo, como escutámos nas intervenções de participantes de Cuba, Etiópia ou Angola. Neste último caso, a intervenção de Raul Araújo do MPLA – Partido do Trabalho motivou uma espontânea vaga de aplausos da assembleia – caso único em todas as sessões da «mesa-redonda» – que manifestou a unânime solidariedade dos presentes com o povo angolano contra a invasão sul-africana, apoiada pela administração Reagan. (Em conversa posterior, Raul Araújo explicou-me alguns aspectos significativos e mal conhecidos em Portugal da actual situação angolana. Assim, os dirigentes angolanos têm conhecimento que, no Zaire, com apoio norte-americano se prepara a «ressurreição» da FNLA, para abertura de nova frente na invasão de Angola, com vista à sua desagregação como estado nacional independente. Por outro lado, a resistência de exército angolano tem defrontado a total supremacia das forças sul-africanas, que segundo a mesma fonte, utilizaram 130 aviões, enquanto as tropas angolanas, até agora, não dispõem nem de aviação nem de protecção antiaérea).*

Uma segunda observação respeita à preocupação generalizada pela paz mundial, na presente conjuntura internacional. Em discussões sobre diversos temas relacionados com a ciência e a tecnologia modernas – por exemplo, o problema energético e a utilização da energia nuclear – várias vezes se insistiu na não neutralidade dessa ciência e tecnologia, no seu enviesamento por fins e meios agressivos, e nos riscos actuais duma conflagração generalizada, em consequência da crise económica geral nos países capitalistas e da política externa prosseguida pela actual equipa dirigente dos E.U.A. Ainda a propósito desta mesma temática se notou a clivagem de pontos de vista no que se refere às «tecnologias apropriadas» para o Terceiro Mundo. Muitos participantes de países subdesenvovidos se insurgiram contra o conceito de «tecnologia apropriada» no sentido de tecnologia atrasada ou adaptada, considerando essa argumentação como disfarce dos interesses dos países capitalistas desenvolvidos, na realidade reservando para si mesmos as tecnologias avançadas e apenas «transferindo» para os países periféricos as tecnologias já desinteressantes para as economias do centro hiperdesenvolvido.

Um outro ponto muito discutido e que me interessou particularmente – e para o qual, em certo aspecto, orientei a minha comunicação – respeita às estratégias de desenvolvimento, incluindo a política tecnológica, adequadas às economias que buscam a «desconexão» (termo de Samir Amin) com o mercado mundial capitalista e a busca autónoma do desenvolvimento autocentrado, ou baseado nas próprias forças, em oposição ao pseudodesenvolvimento que reforça situações de dependência. A questão pode formular-se nestes termos: em casos de economias subdesenvolvidas e periféricas do sistema mundial capitalista, como sair da teia de dependências e deformações impostas por esse sistema, procurando uma larga base popular de apoio a uma política de desenvolvimento orientada, em primeiro lugar, para a satisfação das necessidades básicas da população e não – como actualmente sucede em Portugal, por exemplo – dando a primazia à promoção das exportações, mesmo com sacrifício do nível médio de vida da população?

Claro que não existem receitas mágicas para resolver tais questões. A minha posição é de que já dispomos de suficientes experiências históricas de tentativas nesse sentido para darem material empírico e alimentar uma reflexão teórica não exclusivamente especulativa e abstracta, como agora sucede. Ou seja: há material concreto para justificar uma pesquisa fundamentada sobre as situações de transição que, bem ou mal sucedidas, se têm verificado nas últimas décadas na América Latina, na Europa, na África e na Ásia, como tentativas de ruptura (Samir Amin, repito, chama-lhes desconexão) do sistema capitalista mundial. É exercício hoje bem mais fecundo, parece-me, do que citar, recitar, reler ou tresler Marx e Lenine. Acredito que se eles pudessem regressar a este mundo, para assistir à mesa-redonda de Cavtat, diriam o mesmo.

A crise económica e o estado do ambiente

A Comunidade Europeia numa encruzilhada

A crise económica instalou-se na Europa Comunitária. Os sonhos de um crescimento sem limites enfrentam hoje uma dura realidade: esgotamento dos recursos naturais, desequilíbrios ambientais, degradação da qualidade de vida.

As premissas da crítica ecológica começam a ser olhadas com mais atenção e a assumir outra credibilidade. Nos últimos anos, a evolução da acção comunitária em matéria de ambiente evoluiu significativamente, como que a atestar essa lenta viragem.

No princípio, era necessário solucionar os casos concretos mais urgentes, isto é, reduzir a contaminação. E ficava-se por aí.

A acção «curativa», traduziu-se na adopção, no curto espaço de sete anos, de 58 textos, 15 dos quais se referem à redução da contaminação das águas, 10 à contaminação do ar, 7 aos afluentes e 8 à luta contra o ruído.

Os fundamentos ecológicos assim esboçados permitiram conceber, numa segunda fase, uma intervenção preventiva ao nível da produção para conseguir que os métodos de fabrico e os esquemas de organização económica e social produzam menores danos e poluições.

Compromisso impossível?

A política comunitária em matéria de ambiente assenta no presuposto, cuja validade está ainda por provar, de que o desenvolvimento económico que os Dez defendem é compatível com a protecção do meio ambiente. «A economia, pode-se ler num dos últimos boletins da Comunidade Europeia, pode enriquecer-se com uma nova dimensão, ou melhor, rodear-se de uma barreira protectora: a ecologia».

A ecologia, bem entendido, não é apenas isto. Ou talvez nem sequer seja nada do que atrás se transcreveu. No entanto, esta leitura é muito comum e encontra-se amplamente difundida. Nela radicam, em última análise, as perspectivas ambientais da CEE para os próximos tempos.

Uma abundante actividade legisladora vai, pois, «calar» os protestos e críticas de amplos sectores da opinião pública, que olham os ecologistas com crescente simpatia. E, deste modo, tentar «remendar» as mais gritantes assimetrias provocadas por um crescimento feroz e anárquico em sectores fundamentais da economia.

Desde 1967, a CEE vem adoptando uma regulamentação relativa à classificação, embalagem e etiquetagem de substâncias perigosas.

Em Setembro de 1979, foi instituído um sistema de rotulagem de identificação para qualquer nova substância química de síntese surgida no mercado.

Em 1980, o Conselho de Ministros da Comunidade adoptou importantes disposições sobre poluição atmosférica e produtos químicos.

Políticas nacionais

Políticas nacionais de ambiente existiram desde sempre, independentemente do esforço comum.

Os britânicos têm trilhado uma via singular, ao fazerem variar a severidade das normas sobre poluições em função do estado do meio ambiente em que incidem.

Na Itália, o juiz converteu-se no «grande protector» do ambiente.

Em França, a política ambiental escapa em grande medida à centralização parisiense.

A Alemanha apresenta cada um dos dez «Länder» com competência para administrar o ambiente.

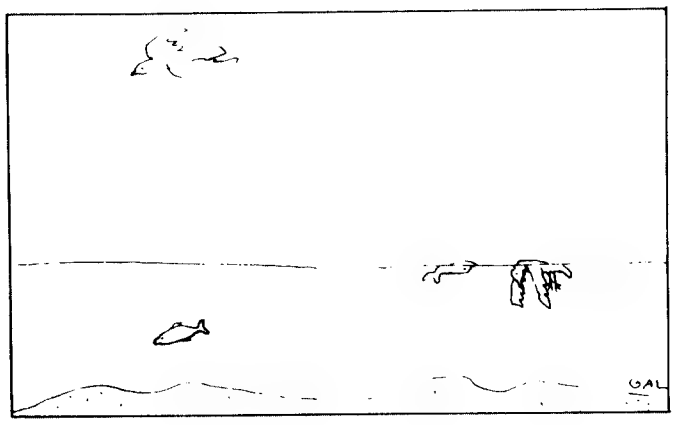
A Bélgica apresenta um atraso relativamente aos outros parceiros, em virtude das atenções dedicadas ao problema da regionalização e divisão de competências.

A Holanda, como era de prever, tem dado prioridade à questão das águas.

Depois do estabelecimento de leis relativas aos três pontos essenciais do ambiente – água, ar e detritos – praticamente concluídas em 1976, alguns países abordam agora novos campos. O mais recente é o das substâncias químicas, em que a Alemanha Federal, a Dinamarca e a França se destacam pela adopção de legislações particulares nos anos de 1979-80.

Outro ponto vital é o do ruído. Quase todos os países possuem legislação adequada, estruturada em três tendências convergentes:

Participação dos utentes na gestão do ambiente (com destaque para as associações ecológicas), simplificação administrativa (com transferência de competências das autoridades centrais para as autoridades locais) e, finalmente, desenvolvimento de um quadro técnico e regulamentar de controlo do meio ambiente, com recurso a redes



automaticas de medição das poluições.

Património, poluição e água, frentes de luta

A política de ambiente na CEE estrutura-se segundo dois grandes eixos: protecção do património local e luta contra a poluição.

Em 1975, no âmbito da UNESCO, foi elaborado o Acordo de Ramsar, que tem por finalidade criar e proteger zonas húmidas de importância internacional.

A Dinamarca designou 26 zonas húmidas com uma superfície de 4000 quilómetros quadrados. A Irlanda multiplicou igualmente os seus «santuários» para pássaros em todo o país. A França criou um estatuto particular para certos territórios, com o objectivo de proteger as populações animais e vegetais, num total de 18 000 hectares, em 1980. O ministério italiano da Agricultura adoptou igualmente um grande plano de criações de parques nacionais. A Bélgica tenciona criar nos anos 80 treze parques naturais internacionais.

Para os alemães ocidentais, porém, a prioridade vai para um ambicioso programa global de eliminação dos desperdícios, com números animadores em matéria de recuperação de garrafas (450 000 toneladas entre 1976 e 1980).

As águas de superfície constituem um campo de intervenção antigo pelo facto de ser necessário dispor de água potável e preservar a fauna piscícola. Este elemento tem também sido o mais afectado pela industrialização desde os anos 60.

Os países europeus têm-se esforçado por agir nas causas de origem do processo de contaminação, limitando o derrame nas águas de produtos poluentes: estações de depuração, controlo rigoroso das normas de lançamento de fluentes, multas por contaminação das águas, etc.

Nos anos 60, o problema essencial era o dos detergentes. Nos anos 70, os nitratos e fosfatos foram a «dor de cabeça». Na presente década, a preocupação reside nos microorganismos orgânicos.

Prioridade dos anos 80

Ar puro e luta contra o anidrido carbónico constituem prioridades essenciais inscritas no programa ambiental da Comunidade.

O ar é um recurso renovável mas a sua estrutura não é infinita, nem imutável. Redes de medição controlam com precisão a saturação atmosférica e sua evolução. Na maioria dos países estão já definitivamente instaladas redes nacionais de medição da poluição.

A luta contra as consequências da utilização em grande escala de petróleo e carvão assumiu grande importância na Holanda, preocupada em defender as suas reservas de gás natural. Situação semelhante caracteriza a Alemanha Federal. Na Grã-Bretanha, as emanações de anidrido carbónico aumentaram nos anos 60, para diminuírem no decorrer da década de 70, graças às medidas, entretanto adoptadas.

As tendências estão esboçadas. Muitos anos decorrerão ainda, antes que estes programas passem definitivamente à prática e constituam moeda corrente do desenvolvimento económico.

Resta esperar que ainda se chegue a tempo de salvar o que não está já irremediavelmente perdido. Mas é possível que esse afrontamento implique uma total reconversão das opções económicas dominantes. E quem estará disposto a fazê-lo?

DESPORTO

F. C. Porto, 3-Vejle, 0

Solução mágica estava no balneário

No Estádio das Antas, completamente cheio, as coisas não correram tão bem como o resultado possa sugerir. Sobretudo na primeira parte em que a turma portista esteve simplesmente irreconhecível. A psicose do golo que era necessário anular afectou, na verdade, os jogadores «azuis e brancos» que, por isso mesmo, tardaram a encontrar a fórmula susceptível de abrir a «muralha» dinamarquesa. A solução «mágica» para o problema tinha ficado no balneário, pelo que só depois do intervalo foi posta em prática. Então sim: que diferença.

Que maravilha para os olhos...

Visivelmente perturbados pelo ambiente escaldante que se vivia nas Antas, os jogadores dinamarqueses experimentaram certa dificuldade para montarem o sistema defensivo que o seu técnico Ole Fritsen tinha idealizado. Tal situação foi manifestamente evidente nos primeiros dez minutos da partida. Esperava-se, pois, que essa fraqueza do Vejle fosse habilmente explorada pelos portistas. Mas qual quê? Se exceptuarmos um remate de Walsh (4 m) e outro de Jaime II (6 m), o saldo nesse período é francamente negativo.

O mal foi precisamente os pupilos de Stessl terem permitido que o esquema táctico dos dinamarqueses ganhasse raízes. Depois tudo se complicou ainda mais, com a agravante dos «gigantes» do Vejle terem perdido um pouco do «respeito» inicial e terem, por sua vez, ganho a confiança suficiente para chegarem à baliza de Fonseca. Estamos a recordar dois lances consecutivos (11 e 12 m) que semearam o pânico no extremo reduto «azul e branco». O segundo, sobretudo, concluído com um remate à queima-roupa de Thycosen, ia fazendo tombar muitos cardíacos. Valeu na circunstância a intervenção decidida de Fonseca, que, institivamente, defendeu o perigoso remate.

Sousa aponta o golo (3-0) que levantou e acalmou o estádio

«Pelo ar não!...»

Quando toda a gente esperava ver uns dinamarqueses, ainda por cima amadores, muito subservientes, de «garras» encolhidas, a suplicar para não lhe baterem muito, surge pela frente um punhado de «gigantes», perfeitamente descontraídos, a pedirem meças à rapaziada, com a vantagem de trazerem de «casa» um golo no bornal. Os portugueses, peritos em arranjar soluções para tudo, desta feita estavam a deixar os seus créditos por mãos alheias.

«Pelo ar, não, que eles são compridos». Gritavam os técnicos de bancada. Era por de mais evidente que no jogo por alto os portistas não levavam a melhor. Até o regressado Walsh estava apagado como a noite. Ele que se notabilizou precisamente no jogo pelo ar... O erro sistemático de querer «ir aos figos» com indivíduos daquele tamanho mereceu da parte do público o devido reconhecimento, no baixar do pano da primeira parte: uma sinfonia de assobios, como há muito não se ouvia nas Antas.

Mas, como dissemos, Stessl, o técnico, tinha a fórmula mágica no balneário. No reatamento tudo se modificou. A rapaziada «azul e branca» compenetrou-se que tinha de ganhar mesmo e daí até conseguir esse objectivo foi um tal ver se te avias. Dois minutos bastaram para fazer desmoronar a edificação dinamarquesa. Curiosamente, porém, sob os auspícios de uma estrelinha protectora que fez com que o centro pretendido por Jaime II tivesse saído remate, atraiçoando assim o «imbatível» Nielsen. Dir-se-ia então que a «montanha pariu um rato», tais as facilidades que a partir daí se depararam aos portistas. Dois minutos mais e o golo da confirmação a surgir, espectacular, ainda da autoria de Jaime II (que exibição memorável...) desta feita, porém a concluir um centro a meia altura de Jacques. Quase logo a seguir, Sousa viu (e bem) um golo seu ser anulado pelo juiz da partida, dado que o centro que lhe havia sido dirigido fora feito para além da linha de cabeceira.

Com o jogo perfeitamente controlado, os portistas não descansaram, no entanto, sem consolidarem a sua vitória. Não fosse o diabo tecê-las. Tal determinação viria a ser coroada de êxito numa jogada similar à do golo anterior (anulado), protagonizada ainda por Sousa, mas com a colaboração de Gabriel em vez de Costa. Estava ganha a eliminatória e assegurada a passagem à seguinte. Tudo o mais não conta, pese embora o empenhamento dos dinamarqueses na obtenção (ao menos) do tento de honra.

Sobre a arbitragem diremos apenas: impecável!

Manuel Neto

Madrid

Pouca animação para jogo com o Boavista

MADRID, 1 (Por Manuel Lopes, da ANOP) – A 24 horas do jogo Atlético de Madrid - Boavista para a Taça UEFA há pouca animação na capital espanhola e não se venderam muitos bilhetes dos 70 mil que tem o estádio Vicente Calderon.

De Portugal apenas duas agências de viagens solicitaram um total de 120 bilhetes. Os dirigentes do Atlético de Madrid dizem, no momento, que a reacção ante jogos desta natureza é muitas vezes coisa do próprio dia e esperam que o público compareça a apoiar o clube.

Mas também não se manifestam muito optimistas. A fraca «pré-temporada» do clube madrileno e a derrota sábado perante o Real Madrid e sobretudo a diferença negativa de três golos em relação ao Boavista são factores contrários a um maior entusiasmo.

O treinador do Atlético de Madrid disse esperar que seu clube «marque os três golos e supere a eliminatória».

No entanto, manifestou receio de que o Boavista obtenha «um golo de surpresa em contra-ataque e dificulte o seu plano».

«Tenho medo que o Boavista não deixe jogar» – disse.

Carriega ainda não divulgou a constituição da equipa.

Marcos será um dos principais elementos em que vai basear a táctica, mas certamente não poderá contar com o brasileiro Dirceu, entregue a cuidados médicos.

O clube madrileno treinou ontem de manhã e entrou na concentração normal. Carriega disse que ainda não sabe «o prémio que receberão os jogadores no caso de vencerem a eliminatória, pois o que interessa agora é ganhar».

O treinador do Atlético estava muito interessado em conhecer a actual situação do Boavista quanto a lesões.

Afirmou conhecer já bastante do clube português, mas que não conhece o treinador Mário Lino. «Ninguém nos apresentou» – disse.

Quanto às recentes declarações do treinador do Boavista no sentido de que o Atlético vai influenciar o árbitro Carriega disse: «isso é grave» e perguntou se «em Portugal não existem tribunais para castigar essas declarações».

«Em Espanha não é hábito comprar os árbitros» – afirmou.

Red Boys,0-Sporting,7

"Sucumbimos perante uma das melhores equipas europeias"

— comentou o técnico luxemburguês

O Sporting obteve no Luxemburgo, frente ao«Red Boys», o resultado mais volumoso da segunda mão da 1.ª eliminatória da Taça UEFA – onde ocorreram algumas surpresas como a eliminação do Ipsiwich Town, líder do torneio inglês, e a vitória 6-3 do Hamburgo em casa do Ultrecht (Holanda), após ter perdido por 0-1 na primeira mão na RFA.

A equipa leonina, cujos golos foram marcados por Oliveira (2), Mário Jorge (2), Jordão, Freire e pelo Luxemburguês Sarrias, na própria baliza, passou a eliminatória com a confortável vantagem de 11-0, e foi dos poucos clubes que não sofreram golos nesta ronda inicial da Taça UEFA, juntamente com o Arsenal e o Beveren (Bélgica).

De realçar o regresso de Oliveira como «homem-golo» – dois tentos de bom efeito – e do jovem Mário Jorge que se estreou nas lides europeias com dois óptimos golos também. As lesões de Manuel Fernandes e de Freire não são graves e admite-se uma recuperação bastante rápida.

Quanto à exibição do Sporting, a melhor ilustração veio do comentário do técnico da equipa adversária, Hanse. «Sucumbimos perante uma grande equipa que jogou m futebol total. O Sporting é, sem dúvida, uma das melhores equipas europeias...»—disse o treinador luxemburguês.

Oliveira (dois golos e boa exibição) em acção

Ténis

Ivan Lendl comanda Grande Prémio

O tenista checoslovaco Ivan Lendl comanda a classificação do «Grande Prémio de Ténis», após a disputa de 62 torneios desta temporada – soube-se em Londres.

Lendl soma 1663 pontos, mais três que o segundo classificado, o norte-americano John McEnroe, recente vencedor do torneio de Wimbledon e do campeonato aberto dos Estados Unidos.

O argentino José Luís Clerc e o norte-americano Jimmy Connors seguem «ex-aequo» no terceiro lugar, com um total de 1417 pontos.

O argentino Guillermo Villas e o sueco Bjorn Borg ocupam os lugares imediatos, com 1159 e 1129 pontos, respectivamente.

A lista actual dos dez primeiros classificados é a seguinte:

1. Ivan Lendl, Checoslováquia, 1663 pontos; 2. John McEnroe, Estados Unidos, 1660; 3. José Luís Clerc, Argentina, e Jimmy Connors, Estados Unidos, 1417; 5. Guillermo Villas, Argentina, 1159; 6. Bjorn Borg, Suécia, 1129; 7. Eliot Teltscher, Estados Unidos, 896; 8. Roscoe Tanner, Estados Unidos, 895; 9. Yannick Noah, França, 728; 10. Gene Mayer, Estados Unidos, 704.

Estádio do V. Setúbal interditado por dois jogos

A FPF puniu o V. de Setúbal com a interdição do seu estádio por dois jogos, na sequência dos incidentes durante o encontro realizado com o Sporting. Ao recinto do Rio Ave coube a pena um jogo de interdição.

Entretanto, e por motivo também da interdição dos campos dos clubes visitados, os jogos Nazarenos-Guarda e Lusitânia de Lourosa-Mongadorense terão lugar respectivamente no Estádio Municipal de Alcobaça e no Campo da Avenida (Espinho).

ALIANÇA SEGURADORA
Patrocina a reportagem do jogo Porto-Vejle (Dinamarca)

Omonia, 0-Benfica, 1

Passeio aos três castelos

NICÓSIA, 1 – Foi como os meus olhos viram: «pressing» inicial do Omonia, cabeça alta e fria do Benfica, quedados cipriotas, rito de Chalana, adeus até à manhã, quem vem aí, agora, é a dúvida.

Kolev, o internacional búlgaro, 32 anos, representa maquinaria, Kaiafas dá o título a uma firma de unisex e perde o melhor do seu tempo ganhando como vendedor na construção civil. Savva é funcionário bancário, tem três filhos e, com dois amigos é sócio de uma organização de táxis.

Estes foram os três melhores homens em campo por banda do Omonia, enquanto do lado português (desde Veloso que passou o golo a Chalana, que o concretizou, não há nenhgum suplente ou efectivo, que só a nível futebolístico, cobre vinte vezes mais do que cada um dos colegas de Kaiafas recebe aqui por mês.

Neves de Sousa

«Pressing»

Aconteceu o esperado dois pontos: centros por alto desde o primeiro minuto, o «team» de Vasilis Spasov tentando figura bonita perante os 25 mil do anfiteatro.

Na plateia, três raparigas portuguesas que vivem da troca do seu corpo: cada libra cipriota equivale a 160 escudos. Baroti, que temia os 25 minutos iniciais, destacou Veloso para a guarda de Kaiafas, mas a maturidade do Benfica iria chegar e sobrar para as desgrambelhadas tentativas de golo em que foi fértil um Omonia, que às tantas, impotente, apenas pretendia a graça de um empate de um feito que pudesse redundar na história futura. Mas o Benfica não deixou num campo que não necessita de arame farpado, nem de cães, nem de polícia, nem de um árbitro que não necessitou sequer de mostrar um cartão amarelo. O grupo campeão nacional passeou uma réstea da sua classe, e, esquecendo que deixara Laranjeira em Portugal, a comemorar 30 anos, e João Alves embrulhado na lesão da coxa direita, trouxe os equipamentos, colocou Pietra, Bastos Lopes e Bento no corte às três únicas oportunidades de golo contrárias e depois, esperou somente que o tempo corresse: falharam as cabeças de Filipovic, não resultaram os contornos de Nené ao guarda-meta contrário, mas tinha de surgir um qualquer golo, por mero acaso, transplantado dos pés de Veloso para Chalana, concretizado pelo rapaz que deseja saúde e restabelecimento ao colega de Sarilhos Grandes e, com a chancela do pequeno génio, a fazer saltar o Benfica para uma etapa europeia onde Baroti deseja Dinamarca ou Irlanda, onde Fernando Martins e todos os seus dirigidos pretendem o primeiro jogo fora da Luz, onde desde Bento a Pietra todos esperam dar uma imagem mais real daquilo que é hoje o futebol português.

Cabeça alta

O Benfica suportou perfeitamente o impacte inicial previsto laboratorialmente. Aconteceram os tais minutos de apuro, Veloso e Carlos Manuel são repreendidos paternalmente pelo excelente árbitro jugoslavo Glavina e, ao comportamento inexcedível da multidão (há cinco anos que não estava tanta gente no Estádio Macários) iria acontecer o intervalo de 19 minutos, depois de em Nicósia, conforme ia chegando a rádio que anunciava Luxemburgo, as três pequenas de vida difícil e um resto de trabalhadores portugueses que excursionavam sobre a égide de Manuel (Mercury) Barbosa, aplaudiram calmamente o golo «abre-latas» que, foi passe de entrada no Luxemburgo e na Europa.

Baroti diria mais tarde: muito bom para futebol português saltarem todos os quatro clubes para nova etapa. E, desde Carlos Manuel a Bento, cálculos já atestados para Compenhaga ou Sófia ou Brastilava, Irlanda ou Roménia, este Benfica a meio gás surgir em novo degrau, trepando a montanha na íngreme encosta que pode conduzir ao período áureo em que o senhor Eusébio da Silva Ferreira, resolvendo tudo, nunca endossava a bola a um médio contrário, de campo a campo, como fez Reinaldo, no período de desastre. Até que o Benfica culminou o período que anteceu a queda e resolveu o tiro que iria render de tal modo os cipriotas que, caprichando em oferecer dois troféus, já os colocara quase do mesmo tamanho adivinhando que o Benfica, permanente senhor da situação nem sequer iria condescender com o empate. E foi entre um círculo de admiradores, rendidos simpaticamente a uma equipa que sem carregar no acelerador e, como nos diria Pietra «fez uma porcaria de jogo (...)» chegou e sobrou para deixar o tempo correr, retirar-se com o pecúlio no bolso e aguardar calmamente que a sorte proporcione adversário de timbre mais internacional que o adversário próximo possa obrigar Baroti e os seus comandados a esforço superior ao de um simples jogo em termos de Inatel, fora dos vinte por cento que o Totobola anualmente oferece para o pontapé intertrabalhadores.

Quem vem aí?

Evidentemente que o estilo, desajustado do mundo, que os cipriotas utilizam futebolisticamente obrigam que os Bastos do Benfica (Frederico e cia), brilhem no astro do colega Le Équipe, – rep. Gabriel Hanot, saudado como introdutor dos troféus uefeiros estará hoje ufano de saber que tem peneira para o sorteio de Zurique os que mais interessam: Benfica incluído.

Claro que o leitor já adivinhou que Baroti iria aplaudir Bento «que esteve muito bem apoiado» que o técnico húngaro iria adiantar «nossos jogadores não tiveram que demonstrar todas as forças, sabiam que o resultado estava precioso e agora que venha Dinamarca ou Irlanda».

O presidente Fernando Martins sobraçava telegramas do Porto, Boavista, Sporting, Associação de Lisboa, Federação, departamento de futebol e de também, outros corpos gerentes do Benfica, certamente da lista de seis, que foi representada pelos seis dirigentes que estavam com o dom da ubiquidade, simultaneamente que quinze jornalistas, representantes da dilatada força da Informação, nada mais sabiam que a chegada iria processar-se às 18h55 Lisboa hoje, e que fora remetido um telegrama para Coimbra desejando rápidos restabelecimentos de Mário Wilson e pronto regresso até junto de onde os portugueses não foram arredados.

Atenas no percurso

À hora a que o leitor pegar no jornal, estaremos no ar viajando entre Atenas e Lisboa, assim a modos que de Braga à Mouraria, e formos mais exactos entre os devaneios e o respeito. Baroti, aqui ao lado, continua com as suas esperanças. Fernando Martins foi a caminho de Zurique, jogando a sua sorte (Benfica) num golpe de inteligência que dê o primeiro jogo fora da Luz. Jaime Neves continua a um passo de entrar vertiginosamente nos corpos gerentes do clube do seu coração, o «pequeno genial» Chalana garante que também devemos recordar com uma certa saudade deste Omonia que quase rasgava a entrada como a porta para Rhodes. Humberto Coelho, cientificamente, dissociou o jogo controlado pelo Benfica para o potencial inferior de uns cipriotas rendidos a guarda de corpo. O mais certo, continuava a ser Pietra: a partir daqui qualquer adversário serve. E acrescentava: «O 8 (Dimitriou) ia-me partindo a perna direita. É um tipo mais mais que eu.

O Huginho (que não esteja aflito) que diga ao Carlos Manuel, que vamos todos dar um toque na bola, porque vamos ganhar à Suécia».

E o «gato» barreirense (Bento) que faz paralelo com Carlos Manuel: hoje, aqui, em Chipre, o Benfica limitou-se a tocar a bola. Eles ripostaram fazendo o que podiam, mas sempre estivemos com o comando das operações.

Final

Cai o pano: Pietra, Bastos Lopes e Bento escamoteiam história ao triângulo Famagusta-Limassol-Nicósia. Rica barreira, cortou tudo o que vinha para a cabeça. Shéu, mesmo a meio tom, saiu airosamente a caminho de Oeiras.

Veloso, sem oposição directa, acabou por funcionar como o leva-metralha que divulgava aos colegas o que acontecia no Luxemburgo. Carlos Manuel, esse sim, em «good», era charneira defesa-ataque. E temos Chalana, com o columbófilo pé esquerdo, tão habituado a ver soltar pombos como a sentar

Chalana: o golo

defesas na relva. E temos Nené: dois contornos que podiam dar golo aliaram-se ao seu pessoalismo. E temos Filipovic, armador-estratego por obra e graça de João Alves estar só de ouvido nesta guerra. Teríamos ainda César, o brasileiro. Teríamos ainda Reinaldo, o guineense, nada mais adiantava, com arbitragem fabulosa porque nem sequer repreendeu Carlos Manuel (com cartolina amarela) por menosprezar o adversário na marcação dum canto, vivemos a etapa de hoje do Benfica em terras de Chipre, primeira oficial, esperando todos, que o teste próximo, seja mais difícil ou menos fácil: que o Benfica seja obrigado, mostrando que um campeão não vale por bater a bola atrasada, a provar a sua estatura, desde os tempos em que Borges Coutinho era senhor e rei Eusébio dominava o castelo.

Resultados Europeus

TAÇA DOS CAMPEÕES

Anderlecht (Bélgica)-Widzew Lodz (Polónia)	2-1 (4-1)
FC Zurique (Suiça)-Dinamo Berlim (RDA)	3-1 (0-2)
Banik Ostrava (Checosl.)-Ferencvaros (Hungria)	3-0 (2-3)
Juventus (Itália)-Celtic (Escócia)	2-0 (0-1)
Estrela Vermelha (Jugoslavia)-Hibernians (Malta)	8-1 (2-1)
Liverpool (Inglaterra)-Palloseura (Finlandia)	7-0 (1-0)
Bayern (RFA)-Oesters (Suécia)	5-0 (1-0)
Omonia (Chipre)-BENFICA (Portugal)	0-1 (0-3)
Partizani Tirana (Albania)-Austria Viena (Austria)	1-0 (1-3)
Trabzonspor (Turquia)-Dinamo Kiev (URSS)	1-1 (0-1)
AZ'67 (Holanda)-IK Start (Noruega)	1-0 (3-1)
Valur (Islandia)-Aston Villa (Inglaterra)	0-2 (0-5)
Glentoran (Irl. Norte)-Progrès Niederkorn (Luxemb.)	4-0 (1-1)
Athlone (Irlanda)-KB Copenhague (Dinamarca)	2-2 (1-1)
Real Sociedade (Espanha)-CSKA Sófia (Bulgária)	0-0 (0-1)
Olympiakos (Grécia)-Universitatea Craiova (Domén.)	2-0 (0-3)

TAÇA DAS TAÇAS

Tottenham Inglaterra)-Ajax (Holanda)	3-0 (3-1)
Bastia (França)-Kotka (Finlandia)	5-0 (0-0)
PAOK Graz (Austria)-Dinamo Tbilisi (URSS)	2-2 (0-2)
GAK Graz (Austria)-Dinamo Tbilisi (URSS)	2-2 (0-2)
Trakia Plovdiv (Bulgária)-Barcelona (Espanha)	1-0 (1-4)
Lokomotive Leipzig (RDA)-Swansea City (P. Gales)	2-1 (1-0)
Legia Varsóvia (Polónia)-Vaalerengen IF (Noruega)	4-1 (2-2)
Ankaraguçu (Turquia)-SKA Rostov (URSS)	0-2 (0-3)
Vasas (Hungria)-Paralimni (Chipre)	8-0 (0-1)
Roma (Itália)-Ballymena United (Irl. Norte)	4-0 (2-0)
Kalmar FF (Suécia)-Lausanne-Sports (Suiça)	3-2 (1-2)
Velez Mostar (Jugosl.)-La Jeunesse d'Esch (Luxemb.)	6-1 (1-1)
Standard de Liège (Bélgica)-Floriana (Malta)	Hoje (3-1)
Dundalk FC (Irlanda)-Fram FC (Islandia)	4-0 (1-2)
Glasgow Rangers (Escócia)-Dukla Praga (Checosl.)	2-1 (0-3)
F.C. PORTO (Portugal)-Vejle BK (Dinamarca)	3-0 (1-2)

Eintracht Frankfurt foi apurado, no desempate, por grandes penalidades.

TAÇA UEFA

Valência (Espanha)-Bohemians (Checosl.)	1-0 (1-0)
Lokeren (Bélgica)-FC Nantes (França)	4-2 (1-1)
Southampton (Inglaterra)-Limerick (Irlanda)	1-1 (3-0)
Red Boys (Luxemb.)-SPORTING (Portugal)	0-7 (0-4)
Naestved (Dinamarca)-PSV Eindhoven (Holanda)	2-1 (0-7)
Atlético Madrid (Espanha)-BOAVISTA (Portugal)	Hoje (1-4)
Videoton (Hungria)-Dapid Viena (Austria)	0-2 (2-2)
Sparta Praga (Checosl.)-Neuchâtel Xamax (Suiça)	3-2 (0-4)
Carl Zeiss Jena (RDA)-Dinamo Tirana (Albania)	4-0 (0-1)
Radnicki (Jugoslavia)-Nápoles (Itália)	0-0 (2-2)
Real Madrid (Espanha)-Tatabanyai (Hungria)	1-0 (1-2)
Sliema (Malta)-Aris (Grécia)	2-4 (0-4)
Wisla Krakow (Polónia)-Malmoe FF (Suécia)	4-3 (0-2)
FC Utrecht (Holanda)-Hamburgo (RFA)	3-6 (1-0)
West Bromwich (Inglaterra)-Grasshopper (Suiça)	1-3 (0-1)
Bordeaux (França)-Vikingur FC (Islandia)	4-0 (4-0)
Szombierki Bytom (Polónia)-Feyenoord (Holanda)	1-1 (0-2)
Aberdeen (Escócia)-Ipswich (Inglaterra)	3-1 (1-1)
Winterslag (Bélgica)-Bryne IL (Noruega)	1-2 (2-0)
Dinamo Dresden (RDA)-Zenit Leningrad (URSS)	4-1 (2-1)
Monchengladbach (RFA)-FC Magedburgo (RDA)	2-0 (1-3)
Linfield (Irl. Norte)-Beveren (Bélgica)	0-5 (0-3)
Goteborg (Suécia)-Valkeakosken (Finlandia)	4-0 (3-2)
Dundee (Escócia)-AS Mónaco (França)	1-2 (5-2)
Arsenal (Inglaterra)-Panathinaikos (Grécia)	1-0 (2-0)
Brugge (Bélgica)-Spartak Moscovo (URSS)	1-3 (1-3)
Akademik Sófia (Bulgária)-Kaiserslautern (RFA)	1-2 (0-1)
Arges Pitesti (Doménia)-Apoel Nicósia (Chipre)	4-0 (1-1)
Inter (Itália)-Adanaspor (Turquia)	4-1 (3-1)
Stuttgart (RFA)-Hajduk Split (Jugoslávia)	2-2 (1-3)
Levski Sófia (Bulgária)-Dinamo Bucareste (Romén.)	2-1 (0-3)
CSKA Moscovo (URSS)-tSturm Graz (Austria)	2-1 (0-1)

Os sorteios relativos á segunda eliminat[illegible]rês provas realizam-se amanhã, ás 12 horas, em Zurique

ALIANÇA SEGURADORA

Patrocina a reportagem do jogo Benfica-Omónia (Nicosa)

DESPORTO

Mundial de Xadrez começou hoje

Korchnoi boicota conferência de Imprensa

O xadrezista apátrida de origem soviética, Victor Korchnoi boicotou em Merano (Itália) a sua própria conferência de Imprensa como forma de protesto pelas notícias difundidas a seu respeito pela agência TASS.

O advogado suíço de Korchnoi afirmou num breve encontro com os jornalistas que a TASS difundiu «insultos atrás de insultos» contra o xadrezista e adiantou que Korchnoi pretende confrontar-se numa futura conferência de Imprensa com os responsáveis da TASS para «repor a verdade».

A agência noticiosa soviética divulgou um artigo da revista «Desporto Soviético» que apelida Korchnoi de «arrogante, hipócrita e desonesto» fornecendo detalhes íntimos da sua vida familiar na União Soviética, antes do seu exílio na Suíça em 1976.

O advogado condenou o facto das autoridades soviéticas recusarem sistematicamente o pedido de Korchnoi (que vive maritalmente com uma holandesa) de que a sua mulher e o filho abandonem a União Soviética, mas indicou que o incidente não deverá ter repercussões no desenrolar normal do campeonato do mundo que se inicia hoje entre Korchnoi e o soviético Anatoly Karpov.

As autoridades soviéticas estudam, entretanto, actualmente a eventualidade da saída da URSS da família de Victor Korchnoi, anuncia hoje o diário «Sovietsky Sport».

O exame da situação, segundo aquele jornal desportivo, faz-se com base em «documentos que Korchnoi quis, finalmente, enviar ao Governo soviético para expressar o desejo de reunir a sua família, duas semanas antes do grande encontro de Merano».

Seul eleita para sede dos Jogos Olímpicos de 1988

A eleição de Seul para sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1988 causou surpresa em Baden-Baden (RFA), quando o presidente do COI, o espanhol Juan Samarach, anunciou ontem a vitória da capital sul-coreana.

Seul recolheu na votação secreta efectuada no COI um total de 52 votos, superando por folgada margem a sua rival japonesa de Nagoya, que desiludiu ao somar apenas 27 votos.

Nagooya foi considerada durante vários meses favorita para sede dos Jogos. Cidade industrial do Japão, com fortes recursos financeiros e económicos, a localidade nipónica parecia ser a vencedora incontestável.

Porém, os sul-coreanos causaram viva impressão no decorrer do congresso olímpico em Xaden-Xaden ao apresentarem um arrojado projecto estrutural para a celebração dos Jogos.

Os responsáveis da delegação sul-coreana desfizeram esta semana os temores de instabilidade política no seu país perante os congressistas mais cépticos e conseguiram entre estes um consenso maioritário sobre a realização do acontecimento desportivo na sua capital.

A iniciativa sul-coreana de concorrer para sede dosjogos surgiu há vários meses, depois de os seus dirigentes desportivos terem chegado à conclusão do que SEUL reunia as condições ideais para a realização do evento.

Jogos de Inverno

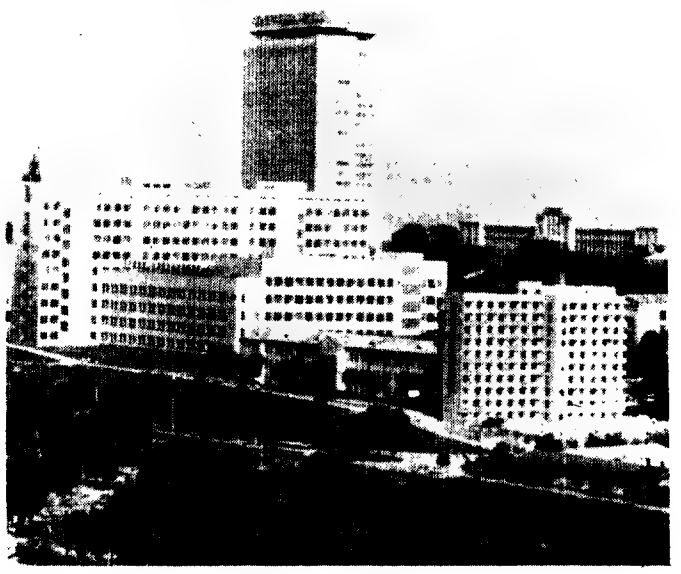
Calgary da província canadiana de Alberta, ao ser eleita como local dos Jogos Olímpicos de Inverno de 1988, não causou surpresa.

Apoiada numa forte campanha publicitária, a sua candidatura surgiu como favorita desde a primeira hora.

Calgary somou na votação efectuada no casino de Baden-Baden 48 votos, contra 21 de Falun (Suécia). Na primeira votação, Calgary não recolheu a maioria absoluta dos votos, am somar 35 contra 25 e 18 votos de Falun e Cortina D'Ampezzo (Itália), respectivamente.

No final da votação, os presidentes das câmaras das duas cidades eleitas, Young-Su Park, por Seul e Ralph Klain, por Calgary, assinaram o compromisso protocolar com o COI para celebração dos Jogos.

Los Angeles (Califórnia) será a localidade dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984 e Sarajevo, Jugoslávia, será sede dos próximos Jogos Olímpicos de Inverno.



Um aspecto de Seul

Sporting cresce

Actualmente contando 15 mil praticantes em várias disciplinas desportivas, o Sporting pode (no ano próximo) duplicar este impressionante número, caso fiquem concluídas as estruturas previstas. Aqui temos o presidente **verde-branco** João Rocha dando o «toque» de saída para as obras de crescimento do peão (orçadas em 182,5 mil contos!) e a cobertura insuflável da piscina do Campo Grande, que vai permitir a três mil miúdos aprenderem a nadar.

Lauda regressa Fittipaldi desiste

O austríaco Niki Lauda, antigo campeão mundial de «fórmula um», anunciou em Parma (Itália) o seu regresso às pistas na próxima temporada automobilística.

Lauda, retirado há dois anos das competições que o consagraram, afirmou em conferência de Imprensa não ter ainda nenhum contrato com qualquer das marcas da «fórmula um».

«Ainda não tenho carro para correr», disse o austríaco, que nos últimos tempos tem tido contactos frequentes com a «Brabham» e a «McLaren». Lauda ensaiou há duas semanas um bólide da «McLaren» na pista britânica de Donnington, gerando algumas especulações sobre um contrato secreto com a marca inglesa. «Vou partir do zero. Não esperem sucessos rápidos. Não sou nenhum Deus» – declarou Lauda, que acrescentou estar destreinado depois da sua ausência do mundo da «fórmula um».

Entretanto, o Grande Prémio de Las Vegas, a 17 de Outubro, será a última competição para a equipa de Fittipaldi, do antigo campeão do mundo Emerson Fittipaldi.

Exército aborda desporto

Promovida pela direcção do Serviço de Educação Cívica do Exército decorre e termina amanhã, no Centro Militar de Educação Física e Equitação e Desportos (CEMEFED) em Mafra, a primeira «Semana de Educação Cívica Militar». Propondo-se facultar aos oficiais e sargentos, especializados na educação física militar, um conjunto de conhecimentos actualizados, a iniciativa conta com a participação de diversas entidades, civis e militares, inclusive estrangeiras.

A evolução actual e futura da educação física no Exército é a temática que o director do Sesesi (Serviço de Educação Física do Exército) coronel Lemos Pires abordará na sessão inaugural.

Ao longo deste ciclo de trabalho estão previstas outras intervenções, nomeadamente a do secretário de Estado dos Desportos (dr. Serra e Moura) sobre política do desporto nacional, além de outras sobre medicina desportiva, etc.

Nos objectivos do encontro está ainda a discussão do projecto do novo regulamento de educação física no Exército.

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos, presidirá, no dia 2 de Outubro, pelas 11 horas, à sessão de encerramento dos trabalhos.

TOTOBOLA a chave

Símbolos até agora apurados do concurso extraordinário do Totobola relativo à segunda «mão» da primeira eliminatória das Taças europeias de futebol:

1	Omonia-Benfica	2
2	Juventus-Celtic	1
3	B. Ostrava-Ferencvaros	1
4	R. Sociedade-CSKA Sofia	X
5	FC Porto-Vejle	1
6	Tottenham-Ajax	1
7	Plovdiv-Barcelona	1
8	G. Rangers-Dukla	1
9	Red Boys-Sporting	2
10	At. Madrid-Boavista (j. hoje)	
11	Valência-Bohemians	1
12	B. M'Gladbach-Magdburgo	1
13	Aberdeen-Ipswich	1

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO

N.º 7 DE 4 OUTUBRO DE 1981

Rádio Totobola, 21X 211 XXX 11XX; Cardeal Saraiva, 11X X2X 212 X111; A Comarca de Arganil, 112 22X 21X X2X1; Correio de Coimbra, X12 2XX 212 11X1; Correio do Vouga, 111 221 212 XX11; Defesa de Espinho X1X X2X X1X 1X11; Diário de Coimbra, 11X 11X 21X 1111; Ecos do Cacia, 112 22X X12 X11; Folha do Domingo, 11X 221 11X 1X11; Gazeta das Caldas, 11X X11 111 X2X1; Jornal de Felgueiras, 11X 22X X12 1X11; Jornal de Santo Tirso, X1X X21 X11 1X11; Litoral, 11X 221 112 1X11; Maria da Fonte, 11X X2X X12 1211; Notícias do Douro, 2X2 12X 111 X21X; Jornal «A Ordem», X1X 221 1X2 1221; Reconquista de Castelo Branco, 112 22X X1X 1111; RDP/Secção Desportiva, 11X 221 X1X 1XX1; Jornal «A Voz das Beiras», 1X1 211 222 111X; RDP-/Centro-Diário Desportivo, 111 22X X1X 1111; Grafanola Ideal, X12 11X 2X2 1111; Diário de Lisboa, 112 22X 21X XX11; Notícias de Évora, 11X XX1 112 1X11; Jornal «1X2», X1X 2X1 X1X XX11; A Voz do Domingo — Coluna Desportiva, 11X 221 X1X 1111; A Voz do Domingo — Palpitações, 111 2X1 X12 1X11; Eu Sei Tudo, 112 22X X1X 1XX1; Notícias de Gouveia, 112 221 1XX 1211; Notícias de Chaves, 1XX 12X X12 12X1; Jornal da Beira, 112 22X X12 1211; Notícias de Guimarães, X22 X21 1X1 1111; Voz de Lamego, 111 1X1 112 1211; Alvo Desportivo, 1X2 221 122 1212; O Comércio de Leixões, 1X2 X2X 112 XX11; Estúdio 64, 112 11X 11X 1111; Jornal de Gaia, 1X2 121 112 1X11; Jornal da Graça, 11X 12X 11X 1111; Jornal de Notícias, X1X X2X 11X 1X11; Manchete Desportiva, 111 X21 X12 1211; Penalty, 11X 22X 212 1111; O Primeiro de Janeiro, X1X X22 X12 12X1; Quadrante Norte, 11X X21 112 1111; Rádio Alvo, 11X 1X1 X1X 1X11; Rádio Placard, XX1 XX1 111 1X11; Rádio Sports, 112 122 111 1111; Repórter do Dia, 11X 21X 112 12X1; Resenha Desportiva, X12 2X1 XXX 12X1; A Voz dos Ridículos, 112 221 X12 1211; A Voz do Ave, 11X 121 1X1 1111.

RESULTADOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2	a)
1. FEIRENSE - GIL VICENTE	36	11	2	9	2	1	
2. SALGUEIROS - P. FERREIRA	41	7	1	10	1	1	
3. BRAGANÇA - LEIXÕES	7	24	18	2	6	4	
4. CHAVES - VARZIM	11	13	25	2	3	7	
5. NEVES - SANJOANENSE	7	8	34	2	2	8	
6. RIO MAIOR - ALCOBAÇA	25	22	2	7	4	1	
7. OLIVEIRENSE - ÁGUEDA	20	20	9	5	5	2	
8. COVILHÃ - PORTALEGRENSE	40	7	2	9	2	1	
9. U. COIMBRA - ACADÉMICO	7	18	24	2	4	6	
10. E. LAGOS - AMADORA	41	8	0	10	2	1	
11. V. DA GAMA - MARÍTIMO	16	18	15	4	4	4	
12. MONTIJO - BARREIRENSE	38	10	1	9	2	1	
13. JUVENTUDE - LUSITÂNIA	45	3	1	10	1	1	

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ :

11X 221 1ouX12 1X11

Cancioneiro Popular Português um companheiro inseparável

Neste Dia Internacional da Música nada mais a propósito do que falar do lançamento do «Cancioneiro Popular Português», organizado por Michel Giacometti com a colaboração de Fernando Lopes-Graça e editado pelo Círculo de Leitores, em comemoração do seu 10.º aniversário e da elevação a 500 000 do número dos seus associados.

Trata-se de um acontecimento cultural de alcance inestimável. No Cancioneiro, com uma apresentação gráfica belíssima, onde as gravuras e as fotografias a cores da paisagem portuguesa (com as suas figuras, o seu artesanato, o seu meio-ambiente tão diferenciado) alternam com a transcrição dos textos literários e musicais, o Cancioneiro reúne 250 canções populares portuguesas, passando a constituir assim o mais importante repositório desse nosso património artístico até hoje publicado: não apenas pela quantidade dos documentos recenseados mas sobretudo pelo critério da selecção e pelo rigor crítico da notação, das referências e dos comentários.

Giacommetti e Lopes-Graça encontravam-se numa posição privilegiada para lançar mãos a este trabalho, que marca uma data na história da música e da cultura portuguesa. O primeiro dispõe de um arquivo de documentos etnomusicográficos gravados em fita magnética ao longo de mais de 20 anos de pesquisas de campo por todo o País que é, já de si, o mais vasto que existe entre nós. Quanto a Lopes-Graça, tem um conhecimento da canção popular portuguesa, das suas características morfológicas, psicológicas, sociais, idiossincrásicas, que lhe permitem avaliar como ninguém do interesse relativo de cada um dos documentos recolhidos ou inventariados para efeito de uma edição verdadeiramente representativa.

Não se limitaram, pois os autores, a considerar o material inédito ou até agora só publicado em edições fonográficas, no âmbito da colaboração que já os reunira na «Antologia da Música Regional Portuguesa». Todos os trabalhos ou publicações de investigadores precedentes onde aparecem notadas canções populares portuguesas foram analisados, seleccionando-se daí os documentos tidos por mais interessantes, do ponto de vista estético e sociocultural.

Assim, o Cancioneiro Popular Português faz o ponto da situação em função de tudo quanto chegou ao conhecimento dos autores.

Giacometti em pleno de prospecção folclórica

Michel Giacometti e Fernando Lopes Graça na sessão de lançamento do Cancioneiro

O volume encontra-se dividido em nove capítulos ou «passos», isto é, estações de um itinerário que nos conduz através do nosso povo, da sua vida, dos seus costumes, das suas crenças e esperanças, da sua filosofia, das suas festas e do seu trabalho, das suas alegrias e dos seus sofrimentos. Os títulos, são, só por si, elucidativos: «Do berço à cova» (22 canções); «As estações, os meses e os dias» (45 canções); «A idade do pão» (16); «As mãos e os ritos» (23); «A candeia e as horas» (27); «Por terreiros e arraiais» (26); «As vozes e os gestos» (36); «O Amor e o maldizer» (23); «Entre pazes e a guerra» (21).

Precisando exactamente a distribuição relativa de responsabilidades na elaboração da obra, lê-se numa advertência preliminar: «A Fernando Lopes-Graça coube a tarefa de uniformizar a grafia dos textos musicais e transcrever a maioria dos espécimes extraídos da nossa recolha e aqui compreendidos. A ele deve-se ainda uma colaboração de todos os momentos, lúcida e perspicaz, patente em todos os domínios da observação e análise musicológica e, ainda, na selecção antológica, no exame crítico e na revisão do material constitutivo da obra.»

No que respeita à parte gráfica, merece referência muito especial a colaboração de Hipólito Clemente, que assina as ilustrações a cores, de veia popular, que abrem cada capítulo.

Supomos tratar-se de uma revelação outro colaborador gráfico, de traço vigoroso e sensível: Manuel Rosa, a cujas ilustrações a preto se de ve grande parte da vida interior do livro. Há ainda a assinalar as excelentes fotografias a cores de Adriano Sequeira, a que se acrescentam as de Leonor Lains e do próprio Michel Giacometti. Margarida Lisboa e José António Barata encarregaram-se do desenho musical, que ficou irrepreensível.

Há que prestar homenagem à corajosa iniciativa do Círculo de Leitores, ao abalançar-se a uma edição de tão elevado interesse cultural e tão dispendiosa pelos meios que congrega e pela qualidade dos materiais utilizados. Importa agora que os potenciais leitores saibam corresponder. Trata-se de uma publicação que se destina a todos nós, portugueses, mesmo aos que não sabem múscia. Até porque quem não sabe, aprende. E, a começar pelas crianças em idade escolar, é preciso que o Cancioneiro se transforme num companheiro musical inseparável.

Bom era que as estruturas do nosso ensino permitissem aproveitá-lo a cem por cento, iniciando os jovens, através dele, na música e na vida do nosso povo.

GRUPO DE CAMPOLIDE·ACADEMIA ALMADENSE
GUERRA ?! NÃO OBRIGADO
ENC FERNANDO GUSMÃO
A PARTIR DE 25 DE SETEMBRO
SEXTAS E SABADOS AS 21.30. DOM. ÀS 16
EM ENSAIO A RECTA GUARDA de ROMEU CORREIA

COM ESCRITURA IMEDIATA
VENDO JUNTO ÀS PRAIAS DE MELIDES E LAGOA DE STO. ANDRÉ — TERRENOS RÚSTICOS DESDE ESC. 80 000$00
INFORMAÇÕES 2216720 REDE DE LISBOA.
DAS 17 ÀS 23 HORAS.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
COMPANHIA DE TEATRO DE LISBOA
APRESENTA
GRAÇA LOBO
EM
«MOLLY BLOOM»
de JAMES JOYCE
TRADUÇÃO:
JAIME SALAZAR SAMPAIO e LUÍSA GAIOLAS
CENÁRIOS: JÚLIO POMAR
MÚSICA ORIGINAL: CONSTANCE CAPDEVILLE
ENCENAÇÃO:
CARLOS QUEVEDO
HOJE, ESTREIA
(De 1 a 25 de Outubro)
TODAS AS NOITES ÀS 21.30 HORAS (EXCEPTO DOMINGO E 2.ªs FEIRA
SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16 HORAS (EXCEPTO SÁBADO, DIA 10)
BILHETES ENTRE 150$00 E 250$00 COM DESCONTO DE 50% A JOVENS ATÉ 24 ANOS E IDOSOS A PARTIR DOS 65 ANOS
SUB. SEC NÃO ACONS. A MENORES DE 18 ANOS

quarteto e 10º Festival Internacional de Cinema
FIGUEIRA DA FOZ
com o patrocínio da
EMBAIXADA DA ÁUSTRIA
apresentam
CINEMA AUSTRÍACO · ANOS 70/80
OUTUBRO 1981

DIA 2 — 6.ª-FEIRA às 15-17-19-21.15 H
ELA DANÇA SOZINHA
de ROBERT DORNHELM (legendas em francês)
(GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL INTERNACIONAL DA FIGUEIRADA FOZ--secção «Imagens e documentos»)
DIA 3 — SÁBADO às 15-17-19-21-23 H
GENTE MULHER
de VALIE EXPORT
DIA 4 — DOMINGO às 15-17-19-21.30-23.30 H
O ESTUDANTE GERBER
de WOLFGANG GLUCK (legendas em inglês)
DIA 5 — 2.ª-FEIRA às 15-17-19-21.30-23.30 H
VIM COMO ESTRANGEIRO
de TITUS LEBER (legendas em francês)
e no mesmo programa
CANÇÃO DAS CRIANÇAS MORTAS
DIA 6 — 3.ª-FEIRA às 16.45-21.30 H
ADVERSÁRIOS INVISÍVEIS
de VALIE EXPORT (versão original não legendada)
DIA 7 — 4.ª-FEIRA às 15-17-19-21.30-23.30 H
CONTOS DOS BOSQUES VIENENSES
de MAXIMILIAN SCHELL (legendas em francês)
DIA 8 — 5.ª-FEIRA às 14.30-16.45-19-21.15-23.30 H
KASSABACH
de PETER PATZAK (legendas em inglês)
DIA 9 — 6.ª-FEIRA às 15-17-19-21.30 H
BOCKERER
de FRANZ AUTEL (legendas em francês)
dia 10 — SÁBADO às 15-17-19-21-23 H
KANGA MUSSA
de GOTZ HAGMULLER
DIA 11 — DOMINGO às 14.30-16.45-19-21.15-23.30 H
SENTIMENTOS CONTIDOS
de MANFRED KAUFMAN

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República, o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.º 1/568, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Arruda dos Vinhos, de uma linha aérea a 10 KV com 68 metros, no poste n.º 9 da linha para o PT ARV n.º 33 de Casais da Infesta, ao posto de transformação ARV n.º 1C da MOVEX — Sociedade de Construção de Móveis, Ld.ª sito em Casal da Cartaxaria.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 8 de Setembro de 1981

O Engenheiro Director

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediênte, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo n.º 1/586, arquivo 703, para o estabelecimento na freguesia de S. Nicolau, concelho de Santarém, de uma linha mista a 15KV com 200 metros do poste n.º 2, da linha para o PT STR n.º 17 de Tremês, ao posto de Transformação STR n.º 89 C do Hospital Distrital de Santarém.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 8 de Setembro de 1981

O Engenheiro Director,

João Carlos Oudinot Larcher Nunes

PUB

ÁDÓQUE teatro

TEL. 874476

DE TERÇA A QUINTA
ÀS 21 30 H
SEXTAS E SÁBADOS
ÀS 20.30 E 23 00 H
DOMINGOS
ÀS 16 00 E 21 30 H
FOLGA A SEGUNDA-FEIRA

EM 5.º MÊS, o ÊXITO continua!

DELFINA CRUZ (colaboração especial)
ERMELINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
ANTÓNIO FEIO
CREMILDA GIL

À FRENTE DO SENSACIONAL ELENCO DE

PAGA AS FAVAS

MONTEZ E C. GUIA NO HILARIANTE «SHOW DA MODA»

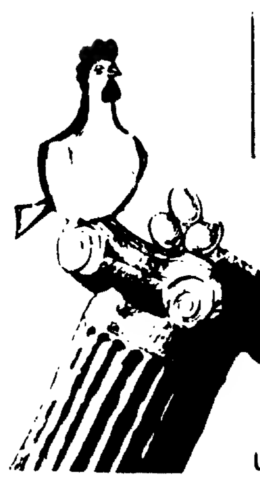
PUB

Teatro Nacional de D. Maria II

AMANHÃ, às 21.30 ABERTURA DA TEMPORADA 81-82

Romvlo o grande

FALSA TRAGÉDIA HISTÓRICA DE
FRIEDRICH DÜRRENMATT



Tradução e adaptação de DAVID MOURÃO FERREIRA
Encenação e direcção de VARELA SILVA
Cenários e figurinos de OCTÁVIO CLÉRIGO
Música de FERNANDO GUERRA
Assistente de encenação RUY DE MATOS

com

Manuel Coelho António Anjos Igor Sampaio Rui de Carvalho Victor Ribeiro Assis Pacheco Fernanda Borsatti Maria Amélia Matta Mário Pereira Carlos Duarte Alberto Vilar Carlos Fonseca Ruy de Matos Barroso Lopes António Sarmento António Barca Carlos Cabral Rogério Paulo Carlos Pimenta António Banha Luiz Barreira Carlos Costa Mendes da Silva Germano Martinho

UM TEATRO INTELIGENTE DIVERTIDO E HUMANO

Matinées Sábados e Domingos às 16 horas
Preços de 100$00 (3.º balcão) a 200$00 (plateia) ■ Redução de 50% a Estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas ■ Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos ■ Descanso da Companhia à Segunda-Feira

MUNICÍPIO DE LOURES
CÂMARA MUNICIPAL
CENTRO DE ACTIVIDADES
DOS TEMPOS LIVRES

DE ACORDO COM A DELIBERAÇÃO DA CÂMARA, VAI ESTA COMISSÃO ADMINISTRATIVA ENTREGAR À JUNTA DE FREGUESIA DE LOURES, UM CENTRO DE TEMPOS LIVRES, SITUADO EM SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, PARA CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR.

ESTE CENTRO SERÁ COLOCADO À DISPOSIÇÃO DAS CRIANÇAS COM IDADES COMPREENDIDAS ENTRE OS 6 E 10 ANOS, COM INSCRIÇÕES LIMITADAS.

PARA INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES DEVERÃO OS INTERESSADOS DIRIGIREM-SE ÀS INSTALAÇÕES DO CENTRO DE ACTIVIDADES DOS TEMPOS LIVRES EM SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, COM O SEGUINTE HORÁRIO; DE 2.ªs-FEIRAS A 5.ªs-FEIRAS DAS 9 ÀS 12 H E DAS 14 ÀS 17 H E ÀS 6.ªs-FEIRAS DAS 9 ÀS 12 H E DAS 14 ÀS 20 H.

O VOGAL DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Victor Manuel da Conceição Santos

crónica de touros

SOLILÓQUIO

Da tragédia ao ridículo

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 24 de Setembro de 1981. Corrida Anual dos Toureiros. Touros de António Charrua para José Maldonado Cortes, Gustavo Zenkl, Rui Salvador, forcados amadores de Lisboa, Ricardo Chibanga, José Manuel Pinto e Parreirita Cigano.

Albacete. Na praça da capital manchega, celebra-se a sexta corrida da feira. Num camarote, presidem as rainhas das festas. Observa uma delas: «Ainda não vimos nesta feira nenhum espontâneo».

Não irá tardar, o espontâneo. Acaba de sair à arena o quinto, de Los Guateles, e ei-lo que salta, corre para o touro, o tronco magro despido da blusa que numa mão agita, engano inútil. «Sospechoso» vê chegar aquele homem, corre também ao seu encontro: com uma das hastes lhe destroça a garganta, a cornada com que depois lhe atravessa o fígado era já desnecessária para fazer cadáver aquele corpo que uns tipos arrastam pelas pernas, como boneco desfeito, numa pressa que a presença do touro, e da morte, fazem assim assustada.

Tudo acontecera em dezassete segundos. Alastrando, aquele sangue que a praça espavorida vê jorrar, faz estremecer a Espanha inteira, que se agita, se comove, se divide, se alivia a apontar culpados: um deles tinha de ser inevitavelmente El Cordobes, logo ali acusado de negligência, como Marcial Lalanda na tarde da morte terrível de Granero nas hastes de «Pocapena». Como se, por lhe pertencer aquele touro, Manuel Benitez estivesse obrigado ao dom de adivinhar, a estar no caminho desse indefeso Villaroel de que se vai construindo o folhetim: a viúva, os três filhos pequenos e inocentes, os pais honrados, e depois o resto, se a alcunha de «El Chocolate» não seria porque de chocolate é a cor do haxixe, da droga mais maldita que bebida, em dias de festa vem o vinho alegrar o coração, na euforia esconder o abismo donde a queda tardará apenas dezassete segundos.

Para Fernando Villaroel, falsas ou não as histórias do enternecer que já não ouvirá, verdadeiro ou não o seu propósito de que «hoje El Cordobes vai saber quem eu sou», esses segundos nem sequer tiveram a iluminá-los a sede da glória, do espontâneo que numa tarde de sol não resiste ao sonho de ser toureiro, de vivê-lo em troca do risco de nele não despertar. Mas dourada ou não pelo sonho, cada espontâneo leva consigo a culpa que Villaroel arrastava em sua insensatez: uma culpa amassada, ao longo da história, no estremecimento de gozo com que a multidão vê saltar à arena o herói que gerou, nas vozes exaltadas com que lhe alenta o caminho para o touro, no aplaudir frenético dos três passes que aos toureiros não perdoaria, na vaia assanhada aos guardas que pela trincheira o levam inconformado, lhe tiraram a velha e gasta muleta.

Muleta não levava, nem passes queria talvez dar: mas Villaroel foi também isso, protagonista da tragédia que outros lhe ditaram, uma vítima mais dessa carga que a Festa inflama, nesse anel de luz onde ferve o impulso atávico de levar à glória os ignorados e desprotegidos, sem bordados nem luzes. Mas esse impulso, de generoso pode fazer-se assassino, pois que na arena está o touro, força desperta, inexorável, inconsciente como o dono daquela blusa amarrotada, que uma mão hesitante e triste recolhe da arena de Albacete, despojo final de uma batalha sem sentido nem glória.

★★★

Dez dias depois, celebra-se no Campo Pequeno (celebra-se é maneira de dizer) mais um desses tristes festejos intitulados corrida anual dos toureiros portugueses. E esta, arrastada quase três horas, não fugiu à regra, triste apesar da música que o bom do João Inácio mandou tocar para toda a gente, da alegria do José Cortes no novilho que abriu praça, da boa vontade com que Zenkl tapou a não justificada ausência de Luís Miguel da Veiga, dos acertos de Rui Salvador no terceiro: dizem que o rapaz tem andado de cabeça, a afundar-se, e afinal mostrou que podem renascer as esperanças, garboso nos cites, exposto nas reuniões, luzido nos remates, a rodar na cara do bruto antes do desplante final; e na lide houve um certo sentido, embora nem sempre ligada, como afinal quase todos fazem, às tantas despega-se o cavaleiro, à custa de ficar o touro distraído num capote, leva a montada para o outro lado da praça, de lá se põe a citar, na sorte que parece ligada, mas ligada não é.

Depois do consabido intervalo, veio a parte apeada, embora já apeados tivessem estado os forcados, apeados e facilitados por se tratar de novilhos, agora tem o cabo de recomendar aos peões de brega que poupem o animal, de dizer ao pegador para o deixar descansar um bocadinho. Mas voltemos à parte apeada propriamente dita, anunciada com picadores, e organizada com aquela consciênciazinha que os toureiros portugueses costumam pôr na sua corrida, picadores sim senhor, marcação da arena não é precisa, preciso é cortar devidamente as pontas dos cornúpetos. E para animar as hostes não faltaram aqueles cretinos que costumam apupar os picadores, e que à cretinice juntam a ignorância, nem sabem ao menos quando existe pretexto para o assobio, falta a colocação, o cite, o apontar a vara, o aguentar como deve ser: coisas que aliás, mesmo que os picadores não fossem de segunda fila, seriam impossíveis com aqueles cavalos impróprios para tourear – isto partindo do teimoso princípio que para picar continua a ser preciso tourear.

Ao falar dos toureiros, coloca-me Chibanga nesse apuro que resulta do hábito, que o cronista não usa, de retribuir com boas e não sentidas palavras tudo o que for gentileza – como essas que ele teve, deixar-me seu capote de passeio, depois vir brindar-me sua faena. Sucede que o manso Charrua, não contente com os pinotes que dera a fugir da vara, andava de cabeça no ar, procurava tábuas, e não encontrou Ricardo, mais fazedor de passes do que lidador, maneira de o reduzir, não pôde haver alegria na hora de lhe devolver a montera. E do brinde teve de ficar só a recordação; para dele se aproveitar algum ensinamento, mesmo tardio, sua crítica farei, dizendo ao Chibanga que não é má educação do matador voltar as costas ao brindado, para lhe lançar a montera, só assim se faz toureiro esse gesto em que tanto sabor punham os antigos maestros.

José Manuel Pinto, que apareceu no lugar de Mário Coelho (anunciado e afinal ausente sem nos darem cavaco, como aliás é costume), esteve exuberante no novilho mais claro, os pés pregados na montera nos estatuários, dois ou três naturais em que citou, adiantou a perna, templou, a mostrar que com outro «marketting» talvez pudesse ter sido aquilo que não são alguns dos que andam por aí a aborrecer a gente. Quanto a Parreirita, ao lancear houve uma verónica de assombro, no ritmo e na figura, que iria perder-se ao longo da faena, na teimosa porfia de um trasteio sem chama.

Ora durante esta parte da lide chamada ordinária, a qual com a salsada dos picadores e a monotonia do toureiro foi mesmo ordinária, aconteceu o seguinte facto: recolhido o quinto novilho, saltou à arena um senhor já maduro, com camisa vestida, e casaco, não me lembro se até de chapéu e gravata. Pensei, no primeiro instante, tratar-se de algum espontâneo, demorara tanto tempo a decidir-se que quando saltou já o bicho recolhera, Admiti depois, vendo-o tão vestido, que fosse algum espectador inexperiente que, farto daquele arremedo de corrida picada, se tivesse enganado à procura da saída, e acabasse por ir dar à arena, onde o matador Pinto o tomou pelo braço, talvez para lhe indicar o caminho. E afinal não era nada disso, porque o senhor não saía, havia até espectadores que aplaudiam, e ele a agradecer, e eu a pensar qual seria a razão daquele espontâneo, sem touro, sem muleta, sem nada.

Só decorridos uns instantes, depois de ter posto a minha compreensão lenta a funcionar, é que percebi tratar-se do ganadero António Charrua, a sua presença na arena não era na qualidade de espontâneo sem touro, destinava-se à recolha do aplauso, do prémio devido a quem criara aqueles animais que nossos olhos estavam tendo a dita de contemplar.

E foi então que, lembrando-me do espontâneo de Albacete, senti consciência da distância que, numa praça de touros, separa a tragédia do ridículo.

Peter Zadek em Lisboa

O conhecido encenador alemão Peter Zadek está em Lisboa a convite do Instituto Alemão, onde realiza hoje e amanhã um seminário sobre as suas encenações de peças de Shakespeare.

Segundo Volker Kanaris, «Peter Zadek, que cresceu com a língua e o teatro ingleses, empenhou-se com uma intensidade, quase uma obsessão, nas peças de Shakespeare, que, nos teatros de língua alemã do pós-guerra, só foi igualada por Fritz Kortner (também um emigrante). As primeiras grandes experiências de Zadek com Shakespeare no teatro alemão (depois de trabalhos preliminares em Ulm e Hannover) tiveram lugar em Bremen; radicais e influenciadas pelos seus conhecimentos e opiniões. Henrique V tornou-se assim uma «collage» pacifista, «O Herói Henry», «Medida por medida» uma pesquisa grupo-dinâmica ácerca da relação entre o poder e a moral».

A última peça de Shakespeare encenada por Peter Zadek foi estreada recentemente em Berlim.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Polónia: de não haver fome, a haver abundância

Transmitida a segunda parte da reportagem de Seruca Salgado na Televisão. Segunda e última.

Os acontecimentos na Polónia, pela sua complexidade, exigem a atenção de todas as pessoas interessadas no futuro da Humanidade. Essa atenção será tanto melhor servida e incentivada quanto mais correcta e desapaixonada for a informação.

Nos países ocidentais, em geral, e no nosso, em particular, a informação sobre a «questão polaca» tem sido altamente defeituosa. A televisão veicula quase exclusivamente o ponto de vista que melhor convém à luta, no plano mundial, contra o socialismo. Os documentários são americanos, os comentários são americanos – os interesses são americanos. As agências internacionais tratam a Polónia, não como a personalidade rica que ela é, mas como uma simples marioneta manejável a bel-prazar deste e daquele...

A reportagem de Seruca Salgado representa o primeiro grande esforço, na TV, para ver a Polónia com olhos portugueses. Idênticos esforços poderiam ser dirigidos noutras áreas. Por que não aproveita a RTP o convite, tantas vezes formulado, para enviar os seus repórteres à União Soviética?

A reportagem de Seruca Salgado apresenta, pois, nesse sentido, inegável fundamento positivo. Pena foi, porém, que o preconceito anticomunista, o objectivo anti-soviético, a intenção de desinformar utilizando as meias-verdades, pretendessem impor-se muitas vezes – e curiosamente... – em confrontação com a própria realidade.

Ele não desdenhou, por exemplo, da falsidade. Aquela dos membros do Comité Central do partido baptizarem os filhos clandestinamente é demasiado... forte.

Na realidade, a Igreja polaca sempre teve vínculos profundos com o povo polaco, sempre o acompanhou em momentos históricos difíceis. Houve um período, na História da Polónia, em que, impedidos de dizer que eram polacos, diziam que «eram católicos». Em períodos mais recentes, as fases de adaptação mútua acabaram por ser ultrapassadas.

A preocupação de encontrar motivos anti-socialistas estão, por exemplo, na base daquela cena na «bicha» e em casa dos Kowalsky.

Aquelas mulheres não eram trabalhadoras. Mais pareciam membros do «clan» da Vera Lagoa – e doutras coisas. Logo «por acaso» as câmaras foram cair naquele vespeiro...

Na cena familiar, cria-se artificialmente um clima de penúria que os factos desmentem. Se pais e filhos almoçam nas cantinas e nas escolas – como é que se considera pequena a ração de 400 gramas de carnes frias? E como se esquecem os 3 quilos de carne de vaca a que cada cidadão tem direito? Depois, há o pão barato, os ovos, a verdura abundante. Seruca já pensou que em Portugal, por exemplo, só as classes abastadas têm acesso a uma simples... couve lombarda?

A preocupação anticomunista está bem visível na constante tentação de denegrir o regime socialista. Chega-se à expressão «ídolos com pés de barro»...

O repórter ignora – ou finge ignorar – que a Polónia era depois da guerra um país destroçado e 30 anos depois era a décima potência industrial do mundo. Cometeram-se erros económicos, e outros? Claro. Mas foi a existência do regime socialista que possibilitou a recuperação, a renovação. Só uma economia planificada poderia meter travões às quatro rodas no endividamento ao estrangeiro e propor, ao seu povo, sacrifício e austeridade para vencer a crise. E o povo polaco, não tenhamos dúvida, vai ultrapassar a crise que é **uma crise de crescimento.**

Com todas as preocupações que a situação legitimamente propõe, a verdade é que o movimento de renovação partiu da classe operária e desse movimento, sem qualquer dúvida, o POUP sairá, ele próprio, renovado e enriquecido. E repare-se neste pormenor: na Polónia nenhuma violência foi exercida sobre o povo, sobre os trabalhadores. Lembremos aqui as imagens recentes na Inglaterra, na Alemanha, na Suíça, nos Estados Unidos com a greve dos controladores, com o seu cortejo de despedimentos maciços, com os delegados sindicais presos e algemados...

Por outro lado, repare-se nas referências a Praga e a Budapeste, na tónica da «intervenção soviética» (quando o que é evidente é o auxílio soviético que ninguém na Polónia põe em causa mas de que Seruca Salgado não encontrou o mínimo eco...) e nas imagens manipuladas de Brejnev. Será que Salgado também viu isso, na Polónia?

Repare-se ainda na questão polaca vista pelo ocidente. Passa-se de raspão, gato por brasas – quando se conhecem já as ingerências do imperialismo no agudizar e no aproveitamento das situações.

Para além das visões catastróficas e apocalípticas, a realidade profunda consegue impor-se. Ao contrário do que o telejornal tantas vezes tem propalado, **não há fome na Polónia.** Esta afirmação foi peremptória na própria reportagem. De **não haver fome** a **haver abundância** vai um caminho que é o da renovação socialista, que é o da reconquista da confiança de todos os trabalhadores pelo seu partido de classe.

E a respeito de fome: pode alguém dizer que não há fome em Portugal? Por que é que Seruca Salgado não faz uma reportagem a respeito disso?

M. RAFAEL, LDA.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Uma fase do jogo da 1.ª mão da Taça Uefa, em que o Boavista venceu o Atlético de Madrid por 4-1
Chegará este resultado para o encontro de hoje a realizar em Madrid, e que a RTP 1 transmite em directo?

18.52 Sumário. Um resumo noticioso.
18.57 Tempo dos mais novos
19.30 País, País
20.00: Futebol: Taça UEFA. Transmissão directa de Madrid, do jogo da 2.ª mão da Taça UEFA entre o Atlético de Madrid e o Boavista Futebol Clube. Comentários de Nuno Brás.
O Tempo. Esta rúbrica de informação meteorológica será apresentada no intervalo do jogo de futebol.
22.00 Telejornal. As notícias do País e do estrangeiro
22.30 Direito de antena. Com o PSD (Partido Social Democrata)
22.45 «Água Viva»
23.30 Ultimas notícias

O actor Randolph Scott, um dos principais intérpretes do filme «As Montanhas do Passado», que será esta noite exibido na RTP-2

20.30 Informação/2. O noticiário nacional e internacional
21.00 Noite de cinema. «As Montanhas do Passado». Intérpretes:: Randolph Scott, Joel McCrea e Mariette Hartley. Realizador: Sam Peckinpah

Amanhã

18.52: Sumário; **18.57:** Tempo dos mais novos; **19.30: País, País; 20.00:** Pergunte connosco; **20.25:** O tempo; **20.30:** Telejornal; **21.00:** Lucinda Brayford; **22.00:** «Água Viva» – episódio n.º 155; **22.50:** Últimas notícias

20.30: Informação/2; **21.00:** Sinais do tempo; **21.30:** «Numero Un», com Alain Sochou; **22.30:** Um lugar na Europa.

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D — 1100 — Rua Infantaria 16, 55-C — 1300 LISBOA

ALBUFEIRA
MONTECHORO
Departamento mobilado, novo a estrear, tipo T2 (Duplex). Vendo preço em conta. T. 545959

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

(ANÚNCIO)

CONCURSO N.º 3-001/82

Fornecimento de roupa confeccionada para o Armazém de Tecidos do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 2 de Novembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 22 de Setembro de 1981.

Pel—O Chefe do Serviço
a) Júlio José Mendes

estúdio 444 — 4.ª SEMANA — quarteto
um "best-seller" de Jeanne Cordelier baseado na sua própria experiência
MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER

corpo e prazer, entrega e ilusão, sorrisos sem vida.
um filme de DANIEL DUVAL
la dérobade
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
sacil

SERRA DA ESTRELA-ALGARVE

você que pretende organizar um passeio faça já a sua reserva do autocarro
cep 10
AV. CASAL RIBEIRO N.º 18-B 5.º PISO LISBOA
(TEL.: 57 06 56)

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
1 RTP — Futebol: Atlético de Madrid - Boavista (20.00)
«As Montanhas do Passado» (21.00) — 2 RTP
Além de um programa à escolha oferece-lhe
ACTIVA VIVA
Resumo do episódio de hoje
Marcos resolve ir com Bete ao lançamento do livro de Bruno. Celeste encontra a carta que Miguel recebeu dentro de uma das videocassettes. Heitor então, lê a carta e apressa-se a avisar o delegado Siqueira sobre a descoberta que fizeram. Pouco depois, Siqueira consulta um especialista para determinar a procedência do tipo de papel. Na festa do lançamento do livro de Bruno, Lourdes fica feliz ao ver Marcos, sem Janete, conversando com Cláudia, uma moça da alta sociedade. Janete procura Suely e resolve ir com ela ao lançamento do livro para contar a Marcos a chantagem de Lourdes. Siqueira chega a casa de Kléber acompanhado de Heitor e Celeste, para prender o assassino de Miguel. Nos jardins da casa, Kléber, sorridente, observa o filho autografando os livros.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B. Jesus Caraça 17 Carcavelos – Tel. 2112871

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A 1200 LISBOA Telef. 661515/669205
teatro do bairro alto
Teatro da Cornucopia
NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA! de Dario Fo
6.ªs, Sábados às 21.30, Dom 17 horas.
dou-che-lo vivo dou-che-lo morto
3.ªs, 4.ªs e 5.ªs às 21.30 horas

Angariadores de Publicidade

Para jornal diário de expansão nacional.
- Entrada imediata
- Boas condições de trabalho
- Só responder com o mínimo de experiência

Resposta a este jornal ao n.º 16902.

roteiro cultural

Teatro

«Molly Bloom», a carne que «diz sempre sim», é um texto de James Joyce que a Companhia de Teatro de Lisboa teatralizou e vai estrear hoje no São Luiz. O espectáculo tem encenação de Carlos Quevedo, cenários de Júlio Pomar, música de Constança Capdeville e é interpretado por Graça Lobo. Manter-se-á em cena até ao dia 25, todas as noites às 21.30 (excepto domingo e segunda-feira), com matinées aos sábados e domingos às 16 horas.

Cinema

Um pequeno ciclo dedicado à obra fílmica de François Truffaut vai ter lugar no Porto, no Auditório Nacional de Carlos Alberto, por iniciativa da Revista «Cinema Novo». O ciclo começa hoje com a exibição de «O Menino Selvagem», prossegue amanhã com «A Idade da Inocência» e continua no sábado com «O Homem que gostava das mulheres». Domingo passa «A História de Adhelle M.», e na segunda-feira «Tirez sur le pianiste» (às 15.30) e «A noiva estava de luto» (às 18 e 21.30).

Cinema no AR.CO com os Beatles em «Socorro!». A fita é exibida hoje, amanhã e no sábado, às 21.45, e é a primeira de três obras dedicadas aos Beatles que serão apresentadas nesta programação do AR.CO: seguem-se «O Submarino Amarelo» (nos dias 8,9 e 10) e «Improviso» (em 15, 16 e 17).

Cinema no Auditório da Árvore. A Cooperativa Árvore, do Porto, inicia esta noite, no seu auditório, recentemente inaugurado, uma série de projecções do filme «Harlem», de Shirley Clarck. Esta iniciativa vai prosseguir com a projecção regular de filmes de ensaio, muitos dos quais inéditos na cidade do Porto.

Música

O Coro e a Orquestra Gulbenkian dão hoje no Grande Auditório da Fundação um concerto extraordinário integrado nas comemorações do Dia Internacional da Música. Sob a direcção do maestro Michel Corboz, serão interpretadas duas obras de Mozart: a Missa em dó menor K. 427 e o Exaltate, Jubilate K. 165. Solistas: Elisabeth Parcells (1.º soprano), Linda Russel (2.º soprano), Fernando Serafim (tenor) e J. Oliveira Lopes (barítono).

O Instituto Português do Património Cultural, associando-se às comemorações do Dia Mundial da Música, promove hoje, na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, pelas 21.30, um concerto de música portuguesa do século XIX. Ouvir-se-ão pelo Trio Bontempo, conjunto de câmara comosto pela pianista Nella Maissa, o violinista Manuel Villuendas e a violoncelista Clélia Vital, obras praticamente ignoradas de Joaquim Casimiro, Marques Pinto, João Arroio e Alfredo Keil, com a colaboração ainda da cantora Elvira Archer.

Estreia hoje no S. Luiz a «Molly Bloom», de Joyce, segundo Graça Lobo

Passeios

Quatro dias na região demarcada do Douro, para um contacto mais directo com a realidade económica, social e cultural, é o tema do passeio que a Cooperativa Erva Daninha, do Porto, promove a partir de amanhã, dia 2. O programa inclui visitas a vinhas, estações de vinificação e adegas cooperativas, nomeadamente na Régua, Vila Real, Pinhão, Alijó, S. João da Pesqueira, Lamego, Tabuaço e Armamar. Uma recepção na Casa do Douro e exibição de ranchos folclóricos completam ainda o programa da visita.

Exposições

A exposição «O Poeta Fernando Pessoa», de Costa Pinheiro, considerada uma das mais importantes manifestações plásticas deste ano, vai estar patente, de 2 a 25 de Outubro, na Galeria da Cooperativa Árvore. Quase um mês, para que todo o Porto a veja.

Uma mostra de trabalhos em papel de Jaime Silva inaugura hoje, às 22 horas, no Módulo de Lisboa, o ciclo «Estúdios II», com que aquele centro difusor de arte inaugura a nova época.

Em OLHÃO o
Diário de Lisboa
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

AUXILIARES

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E.P. pretendem admitir pessoal auxiliar para execução de trabalhos não diferenciados.

CONDIÇÕES EXIGIDAS:
— Idade compreendida entre os 21 e os 40 anos incompletos
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— 4.ª classe do ensino primário
— Residência na área das vagas

OFERECE-SE:
— Estabilidade de emprego
— Subsídio de almoço e prémio de produtividade
— Regalias de transporte em caminho-de-ferro extensivas a familiares
— Outras regalias sociais

Os interessados que preencham as condições deverão contactar até 6/10/81, directamente ou por escrito, o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque, n.º 20 — 1294 LISBOA CODEX.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	52$35	57$35
ALEMANHA FED. (marco)	27$65	28$75
ÁUSTRIA (xelim)	3$85	4$05
BÉLGICA (franco)	1$535	1$735
BRASIL (cruzeiro)	$371	$621
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	53$00	55$00
(notas de 5 a 1000)	53$50	55$50
DINAMARCA)coroa)	8$80	9$20
ESPANHA (peseta)	$632	$732
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	64$00	66$00
(notas de 5 a 1000)	64$50	66$50
FINLÂNDIA (marka)	14$35	14$95
FRANÇA (franco)	11$40	12$10
HOLANDA (florim)	24$85	25$85
INGLATERRA (libra)	116$40	120$40
IRLANDA (libra)	101$10	105$10
ITÁLIA (lira)	$050	$060
JAPÃO (iene)	$251	$286
NORUEGA (coroa)	10$80	11$30
SUÉCIA (coroa)	11$45	12$05
SUÍÇA (franco)	32$55	33$65
VENEZUELA (bolivar)	12$90	13$90

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotaç' , devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

rádio

Antena 1

16.00: Sem margem (Cinema); **17.00:** Ciclo musical; **18.00:** Formas de energia; **18.45:** RDP/Regiões; **19.00:** Títulos do jornal; **20.00:** Enquanto os outros vêem TV – Jazz; **21.00:** Folhetim (1.ª emissão) – Apresentação de «O Jogral de Deus», de Álvaro Martins Lopes – Livre e Directo; **23.00:** Títulos do Jornal; **00.00:** Antena 1 Música; **02.00:** Madrugada na RDP/Lisboa; **05.30: – Terra e mar.**

Grandes blocos informativos: 08.00, 13.00, 19.30 e 23.30.

PROGRAMA 2

16.00: Que quer ouvir?: Sonata para piano n.º 30 em Mi Maior, op. 109, de Beethoven – Concerto para violino e orquestra n.º 1 em Ré Maior, op. 6, de Niccolo Paganini; **17.00:** Música de vanguarda: – «Variações em estrela», **17.30:** Poemas sinfónicos: – «Orfeu», de Liszt **18.00:** O coro de S. Filipe **18.15:** Música sinfónica: **19.00:** O canto e os seus intérpretes (obras de Beethoven); **20.00:** Serviço informativo; **20.05:** Tempo de bailado; **20.35:** Sonatas: – Sonatas de Carlos Seixas, pela pianista Teresa Vieira; **21.00:** Música do século XX; **22.00:** Música vocal: **22.30:** In tercâmbio musical: **23.25:** In térpretes portugueses:

RÁDIO COMERCIAL (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; **17.03:** Todos no TOP; **18.08:** Hora de ponta; **Espaço 3P; 20.03:** Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30:** As cidades e as serras; **21.03:** Telefone TOP; **21.30:** Quando o telefone toca (2.ª edição); **22.03:** Portugal na CEE; **22.15:** Hora luterana; **22.30:** Tempo de desporto; **22.08:** 24.ª Hora; **Noticiários de hora a hora.**

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.03: Rock em Stock; **18.03:** Círculo em FM; **19.03:** Em órbita; **20.03:** Rolls rock; **21.03:** Abandajazz; **22.03:** Café concerto; **00.03:** O vapor da meia-noite. **Noticiários de hora a hora.**

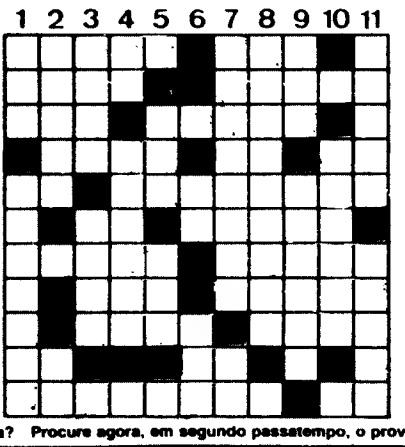
RÁDIO RENASCENÇA

16.00: «Aqui e agora»; **17.00:** «Jornal da mulher»; **18.15:** Igreja em notícia; **18.25:** Palavra do dia; **19.00:** «Programa da L. A. R.»; **19.30:** Revista de Imprensa; **20.00:** «Paju»; **21.00:** «O som da noite»; **21.30:** «Diálogo e vida»; **22.00:** «Quando o telefone toca»; **22.30:** Informação desportiva; **23.10:** «Programa cultural»; **23.30:** Nota de Abertura; **23.55:** Meditando. **Grandes blocos informativos às 19.30 e 23.30; «Flashs» noticiosos de hora e hora.**

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 241

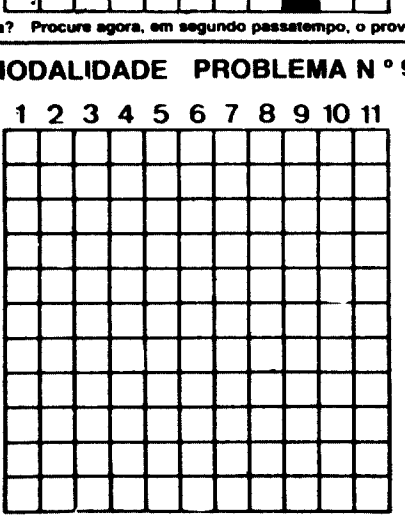


HORIZONTAIS:
1 Partidário. Arara. Artigo definido.
2 Mira. Implorar.
3 Olé. Intervalo.
4 Instrumento para atirar setas. Platina (s.q) Pronome pessoal.
5 Satélite de Júpiter. Seduziras (fig).
6 Note bem. Nome de homem.
7 Indignais. Aragens.
8 Genro de Maomé. Miadela.
9 Deus do Vinho. Cursos de água naturais e abundantes.
10 Gálio (s.q). Li.
11 Ensejos. Nota musical.

VERTICAIS:
1 Antepassado. Adversário.
2 Cidade de Itália. Actínio (s.q).
3 Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Rio da Baviera afluente do Danúbio.
4 Gálio (s.q). Antiga cidade da Trácia.
5 Acrescentando uma vogal è bacio (pop). Textualmente.
6 Artigo definido. Batráquio. Princípio.
7 Dirigiram vaias a. Hospedaria oficial na China.
8 Devolver.
9 Nome de mulher. Campesinos.
10 Desequilibrado mental.
11 Lavrais. Pessoa muito parecida com outra.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 101



HORIZONTAIS:
1 Cidade de Inglaterra. Cidade da Alemanha.
2 Freguesia do concelho de Barcelos. Desejaria.
3 Cardeal italiano que publicou em 1822, fragmentos importantes da República de Cícero. Terra nova e arroteada de fresco.
4 Tomarias sobre si.
5 Suco narcótico extraído de algumas papoilas. Gélido.
6 Duna na Suécia. Jogo de rapazes.
7 Nome de dois rios da Mesopotâmia, afluente do Tigre. Espécie de sapo grande (Bras).
8 Letra grega. Segundo o Génese, lugar de delícias, que Deus destinara para habitação ao primeiro homem e à primeira mulher. Espaço de doze meses.
9 Rústico. Forma apocopada e proclítica de vale.
10 Cutelos. Despida.
11 Pegas. Fatigar.

VERTICAIS:
1 Cidade do Japão. Aqui.
2 Ligas. Conselhos.
3 Cercaduras. Fruto da ateira.
4 O sono das crianças. Plutónio (s.q) inv. Ciúmes.
5 Diz-se dos indivíduos que vivem em mancebia.
6 Filho de Histaspes rei da Pérsia de 521 a 485 aC. Título do soberano da Tunísia.
7 Oceano. Que ocupa o último lugar numa série de nove.
8 Cidade de Inglaterra. Despido (inv).
9 Alteza Real. Saías à rua.
10 Cinquenta e um em romano. O mesmo que sereia.
11 Pêlos de certos animais. Preposição e artigo. (inv). Cheiro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 240

HORIZONTAIS
1 Rã. Aramá. Cá.
2 Iço. Amo Bar
3 MOÇO. E. GALO.
4 Acatasse. Om.
5 Raras. Arara.
6 Armar.
7 Adiar. Orais.
8 Morna. Mãe.
9 Imo. Sala.
10 Ara Fa. Ara
11 SÓ Mamas. UM

VERTICAIS
1 Rimar. Am. Ás.
2 Açoca. Doiro.
3 Ocar. Irmã.
4 Ota. ANO.
5 Ra. Asara. Fa.
6 Ames. Sam.
7 Mo. Samora.
8 Gerar Lãs.
9 Ba. Aramar.
10 Calor Ia Au.
11 Aromasses

Provérbio: MOÇO E GALO SÓ UM ANO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 100

HORIZONTAIS
1 Indona. Jabá.
2 Goivas. Aer.
3 Lívidos. Am.
4 Uva. Au. Alva.
5 Asir. Atais.
6 Ás. Partidas.
7 Simular.
8 Orem. Ga. Id.
9 Sir. Renal.
10 Tetas. Has.
11 Amar. Pérola.

VERTICAIS
1 Iglu. Aposta.
2 Noivas. Riem.
3 Divas. Sertã.
4 Ivo. Ipim. Ar.
5 Nadaram. Rs.
6 Asou. Ruge
7 Atlante.
8 Já. Atiá.
9 Ae. Ladrilho.
10 Bravia. Al
11 Massa Asa

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30, 23.45
LENNY
com Dustin Hoffman

SALA B

Int. m. 13 anos
Às 14.45, 17, 19, 21.45 e 24 horas
A ABSOLVIÇÃO
com Robert De Niro

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Hoje, estreia
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
O novo fenómeno das artes marciais
O GRANDE COMBATE
com Jackie Chan e Yuan Hsiao
Scope colorido
Não acons. men. 13 anos

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Sessões às 15.15, 18.15, 21.15 e 24.00
Marlon Brando, Robert Duvall
APOCALYPSE NOW
Technicolor
Não acons. men. 18 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

15.30, 18.30, 21.30

OS MALUCOS DO SUPERMERCADO

Maiores de 6 anos
7.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. m. 13 anos
BREAKING GLASS

Colorido

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD
Falado em português
10.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

14.30, 16.30, 19, 21.30

LOUCURAS DE UM RECRUTA

Int. men. 13 anos
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
007 – MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moor – James Bond 007

Às 24 h – Int. men. 18 anos
CRIME DE ALTO NÍVEL

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Inter. men. 18 anos
Pornográfico – Hardcore
DOCE ERA O SEXO

24 horas
SHERLOCK HOLMES EM APUROS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons. menores 18 anos
VESTIDA PARA MATAR
Um filme de Brian de Palma
16.ª semana
24 horas
O 7.º CONTINENTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Sessões às 14, 15, 16.30 e 21.30
N. ac. men. 18 anos
O TIGRE EM FÚRIA
Um filme de To Lo Po
com Ho Chung Do.

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Ás 14 , 16.30, 19 e 21.30

NOVA YORK 1997
Int. men. 13 anos
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Hoje estreia às 21.30
O novo fenómeno das artes marciais
O GRANDE COMBATE
com Jackie Chan
e Yuan Haiso
Scope colorido
Não ac. men. 13 anos

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 18.15, 21.30

O CAÇADOR
Com Robert de Niro
Int. men. 18 anos
5.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Int. men. 18 anos

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Estreia às 21.30
Não ac. men. 18 anos
Melissa Sue Anderson
ANIVERSÁRIO MACABRO
Um filme de J. Lee Thompson
Às 15.15, 18.30
Últimas de A FERA

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.

A VIDA DAS MARIONETES

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. a men. 13 anos
A grandeza humana e a coragem de uma família
A alegria, o amor, a desilusão!
AMOR DE MÃE

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

3 sessões: 15.15, 18.15, 21.30
Int. men. 13 anos
NOVA YORK 1997
de John Carpenter
com Kurt Russel, Lee Van Cleef, Ernest Bornine

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 14, 16.30 e 21.30
Não acons. m/ 13 anos
Burt Reynolds, Lesley, Anne Down, David Niven em
LADRÃO POR EXCELÊNCIA
Um filme de Donald Siegel – Technicolor

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Interdito men. 13 anos
A PRIMEIRA FESTA
(La Boum)
Um filme de Claude Pinoteau
com Claude Brasser, Brigitte Fossey e F. Grey

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

15.15, 18.15 e 21.30
(Não acons. men. 18 anos)
FRANCESCA
UM AMOR IMPOSSÍVEL
Colorido

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
PIRATAS DO SÉCULO XX
Colorido

Jeanne Cordelier, baseada na sua própria experiência, escreveu um «best-seller»: **«CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO»,** agora passado para o cinema. Em exibição no **444** e no **Quarteto.**

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30

Interdito menores de 18 anos
FEIOS, PORCOS E MAUS

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
(In. a men. 18 anos)
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Real. Daniel Duval

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30, 23.30
(Maiores de 18 anos)
NARCISO E PSICO
(Cinema Húngaro contemporâneo)

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15, 23.30
(Maiores de 18 anos)
TÁXI DRIVER
Real. Martin Scorsese
Filme de qualidade

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

15, 17, 19 e 21.30
Em estreia do maior êxito de gargalhada dos últimos tempos!
A TURMA DOS REPETENTES
Não acons. men. 13 anos
9.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. menores 13 anos

HERÓIS
COLORIDO
com Henry Whinkler e Sally Field

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

Sessões diárias às 13.45, 16.15, 18.45, e 21.45
Int. a men. 13 anos
Roger Moore, Carole Bouquet
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
2.ª Semana

Sessões diárias às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
Inter. a men. 13 anos
Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman
O TERRAÇO
2.ª Semana

Sessões diárias às 14, 16.30, 19 e 21.15
Inter. men. de 13 anos
Robert de Niro, Robert Duvall
A ABSOLVIÇÃO
2.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões: 14, 16.30,19 e 21.30
Não acons.men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO
22.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República – (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45, 19.10, 21.30 e 24 h
13 anos
007 – MISSÃO ULTRA-SECRETA
Roger Moore e James Bond
Domingo: 11,15 (Para todos)
FESTIVAL BUGS BUNNY

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
Inter. men. 13 anos
Se todos fossem anjos a vida era uma chumbada...
NÓS NÃO SOMOS ANJOS... ELAS TAMBÉM NÃO

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 horas

LOUCURAS DE UMA RECRUTA

Não acons. menores 13 anos

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Walt Disney Produtions apresenta
AS NOVAS DIABRURAS DE HERBIE
Um filme de Vincent McEveety (Technicolor)

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
A CIA descobriu que ele sabia demais... havia que abatê-lo!
O COMANDO DOS TIGRES NEGROS
Com Chuc Norris e James Franciscus

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9 – P. Restauradores

Às 14.15, 16.30, 19,21.30
OS SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO

não acons. men. 13 anos
4.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

COLISEU – «Hércules» às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «As insaciáveis do sexo», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
EUROPA – «Ben-Hur» às 21.30 (13 anos)
2000 – «O comboio dos malucos», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Pesadelos de uma Virgem» Sessões permanentes (18 anos)
CITY-CINE – «Brincando com a Sorte» às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Quebra Ossos» às 21.30 (13 anos)
LUMIAR – «O Filho Pródigo» 21.30 (18 anos)
CINEARTE – «Com Elas Todo o Cuidado é Pouco» às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Seis Gloriosos Patifes» às 21.30 (13 anos)
PARIS – «O Sacrifício da Vida» às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «O Comando dos Tigres Negros» às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Com Jeitinho Vai Enfermeira» às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Academia – «Fim de Semana Escaldante», 21.15 (18 anos)
ALMADA – Incrível – «O Grande Atirador», 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «O Mundo Maluco» às 21.30 (10 anos)
COSTA DA CAPARICA – Slicine – «Terra das Mil Aventuras» às 21.45 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Retrato da Burguesia», 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Duas Mulheres o Mesmo Destino» às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Uma Aventura Fascinante» às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-cine – «Melodia para um Assassino», 21.15 (18 aos)
ESTORIL – Casino – «Os Fugitivos de Alcatraz», 17 e 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «A Culpa» às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «A Irmã da Casta Susana» às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Capitão América» às 21.30 (6 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «Um Polícia dos Duros», 21.30 (18 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Inferno no Pacífico», 21.30 (13 anos)

MEM MARTINS – Cine Chaby – «Monstros do Ar», 21.30 (13 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Prazeres Ocultos» às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «Chamavam-lhe génio», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «A Turma dos Repetentes» às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «Uma Família na Floresta», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «O Espião mais perigoso do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «O Sacrifício da Vida» às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «A primeira festa», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «O Passageiro da Chuva», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI – «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «As Novas Diabruras de Herbie», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «O Gendarme Casa-se» às 21.30 (13 anos)
BEBE – «E um Prazer Voltar a vê-la» às 21.45 (13 anos)
ESTÚDIO – «Arizona Colt» às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «Férias Escaldantes» às 21.30 (18 anos)
JÚLIO DINIS – «Demónios ao Volante», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Não há nada que não me aconteça» às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «O Grande Combate» às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «Yankes» às 21.30 (13 anos)

Coimbra

AVENIDA – «Os Conquistadores do Domingo» às 21.30 (13 anos)
TIVOLI – «Os Grandes Combates» às 21.30 (13 anos)
GIL VICENTE – «Good-Bye Mister» às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ZIONAL – Rua Morais Soares, 56-C; **OLIVEIRA** – Rua da Prata, 240. Telef. 321415; **COSTA** – Rua Lusíadas, 30-32. Telef. 636704; **RAINHA SANTA** – Rua Afonso L. Vieira, 57-B. Telef. 765262; **RUALTO** – Rua Alto Carvalhão, 5-B. Telef. 651721; **CELTA** – Rua Moura Girão, 3-B. Telef. 890621; **ALBANO** – Rua Escola Politécnica, 59. Telef. 326750; **RRATES E MOTA** – Rua Beneficência, 91-93. Telef. 773728; **AVENIDAS** – Av. da República, 27-A. Telef. 533688; **SANTO ANTÓNIO** – Rua Leite Vasconcelos, 72-C. Telef. 862333; **COMBATENTES** – Av. Comb. Grande Guerra, 166. Telef. 2104953; **CORREIA** – Est. Principal, lote 172. Telef. 993148; **CENTRAL ODIVELAS** – Al. Infante D. Henrique, 1. Telef. 911203.

REFORÇO

ZILER – Rua São Tomé, 54-56. Telef. 862835; **AEROPORTO** – Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D. Telef. 882384; **BENFILUZ** – Est. de Benfica, 444-A. Telef. 782606; **BOA-HORA** – Rua dos Quartéis, 25-27. Telef. 637777; **CENTRAL** – Rua São Paulo, 108. Telef. 320389; **PORTUGAL** – Rua Rebelo da Silva, 11-13.; **MARQUES FREIRE** – Rua St. António à Estrela, 96; **MATOS VIEGAS** – Av. Rainha D. Amélia, 34-B. Telef. 794174; **ROMANA** – Rua Actor Aug. Melo, 7-A. Telef. 383800; **LEMOS** – Rua Cidade Beira, lt. 19, loja A. Telef. 331692; **MARLUZ** – Cç. da Picheleira, 140-BC e Rua Prof. Mira Fernandes, MAF. Telef. 880703; **ALGARVE** – Av. Roma, 7-B. Telef. 801478; **OLIVEIRA VIEGAS** – Rua Viriato, 29, 29-A. Telef. 548966; **VAZ MARTINS** – Rua António Ferro, 6-A. Telef. 970660; **NOVA** – Rua Açores, 11-A. Telef. 910305; **LEITÃO RIBEIRO** – Rua A do Falcão, 3-A; **MATOS** – Tv. Prioras (Viv. Morgadinho). Telef. 2519939.

NOCTURNO

TEATRO DO BAIRRO ALTO – Cornucópia – «Não se Paga! Não se Paga!» às 21.30 (13 anos)
ADÓQUE – «Paga as favas», às 21.30 (18 anos)
MONUMENTAL – «Não há nada que me escape», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Há petróleo no beato», às 21.30 (13 anos)
A. B. C. – «O escabeche», às 20.30 e 23 (18 anos)
CAFÉ TEATRO DA COMUNA – «Cheira a Esturro» às 22.00 (13 anos)
MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores» às 21.30 (13 anos)
S. S. LUIZ – «Molly Bloom» às 21.30 (18 anos)

Consulte as secções de informações
Caminhos de Ferro Portugueses

Linha de Sintra

DIAS – Av. Marquês Pombal, 45-A (Telef. 934589) Permanente, **AMADORA** – Carmelo– R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303) Até ás 22 horas, **DAMAIA**– Lemos– R. de Goa, 21– A (Telef. 971121) Permanente, **QUELUZ** – Simões Lopes– Av. Garcia, 51 (Telef. 950123), **CAMARATE** – Santos Silva– L. 25 de Abril, 135– C– Apelação (Telef. 2513158), **CACÉM** – Guerra Rico– Entre Lotes, 6 e 7 –Freixo Capitão (Telf. 2944002) ALGUEIRÃO – Rodrigues Rato– R. dos Morés, 1 (Telef. 2912038) Permanente, **MERCÊS** – Claro Russo – R. Abade Faria, 2– A (Telef. 2915275) Das 9 ás 13 e das 15 ás 21 horas, **RIO DE MOURO** – Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194) Das 9 às 23 horas, **S. PEDRO DE SINTRA** – Valentim– (Telef. 980456) Permanente **COLARES** – Abreja (Telef. 299088)

Linha de Cascais

TIRES – Guimar˜es– L. Duartes, Lote A –r/c (Telef. 2441616) Até ás 21 horas **ALCABIDECHE** – Carvalho– B. João P. Corr.ª., 40– B (Telf. 2690363) Até ás 21 horas, **PORTO SALVO** – Ferreira Bastos– R. D. Firmino Reb.º (telef. 2421015) Até ás 21 horas **CARCAVELOS** – Central– R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037) Até ás 24 e das 0 ás 9 horas, **CARCAVELOS** – Vilar– Av. M.ª Conce.ª, Lote 8 (Telef. 240777) Até ás 22 horas, **S. DOMINGOS DE RANA** – Godinho da Silveira – Av. Saboia, 29 – B (Telef. 260085) Até ás 21 horas **MALVEIRA DA SERRA** – Luz – Até ás 21 horas, **PAÇO DE ARCOS** – Pargana– Av. eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147) Até ás 22 horas, **OEIRAS** – Oeiras– L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485) Até ás 24 e das 0 ás 9 horas, **NOVA OEIRAS** – Leal – Quinta das Palmeiras, lote 24 r/c (Telef. 2478737) Até ás 21 horas **PAREDE** – Grincho– Av. da República, 87 (Telef. 247104) Até ás 24 e das 0 ás 9 horas, **S. JOÃO DO ESTORIL** – S. João – Quinta da Carreira, Lote 29-A (Telef. 2861186) Até ás 21 horas, **CASCAIS** Marginal– Av. Marginal (Telef. 280078) Até ás 21 horas Nova– Est. de Alvide– Fontainhas (Telef. 281044) Até ás 24 e das 0 ás 9 horas.

Outra banda

ALMADA – Galeno– R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565),**COVA DA PIEDADE** Louro– R. Alexandre Herculano, 6– B (Telef. 2763517),**LARANJEIRO – Almeida Araújo R.D. Duarte, 7 (Telef. 2490911), COSTA DA CAPARICA** –Carlos– Av. do Mar, 34-A– –Quinta de St.º António (Telef.2401060), **SESIMBRA** Leão Av do Mar, 13 (Telef. 2233471), **BARREIRO** – Avenida– Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2073212), **AMORA**– Julieta Campos– R. Ribatejo, 2-A-Cruz de Pau (Telef. 2211131), **SEIXAL** – Godinho– L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580),**MONTIJO** – Moderna– R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 2310156), **MOITA** – União Moitense– Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025), **ALHOS VEDROS** – Gusmão– R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020), **ALCOCHETE** – Gameiro– L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
SETÚBAL – Bairros – R. Rodrigues F. da Costa, 27; **Bocageana** – R. do Romeu, 2.

LOURES – Sálvia – Av. da República, 29 (Tel. 2537240). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE – Banha** – Av. Moscavide, 22 (Tel. 251518). Até às 22 horas; **SACAVÉM – Maria** – R. Salvador Allende, Lote 2 (Tel. 2514369). Permanente.

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

BATALHA – Praça da Batalha, 26; **CAMPO** – Praça da República, 118; **INVICTA** – Rua Castelo e Numão, 37; **BARROS** – Rua do Bonjardim, 1292; **FÁTIMA** – Rua de Oliveira Monteiro, 475; **GARANTIA** – Rua Fernandes Tomás, 696; **DINIZ** – Rua Matias de Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

SÁ – Rua Vale Formoso, 181; **SARABANDO** – Largo dos Loios, 36; **COSTA CABRAL** – Rua de Costa Cabral, 1832; **FONTE DA MOURA** – Rua de Tânger, 1463.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

MIRANDA – Praça do Comércio, 41. Telef. 23761.

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 369140
Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 186-1.º – 1100 LISBOA
Telefones: 654831/2/3

Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229
Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.42	3,9 m	10.10	1,1 m
16.58	3,9 m	22.28	1,2 m
Dia 2			
5.14	3,8 m	10.43	1,2 m
17.30	3,7 m	23.00	1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	13°
VILA REAL	13°
PORTO	16°
P. DOURADAS	07°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	20°
LISBOA	20°
ÉVORA	20°
SINES	–
BEJA	21°
SAGRES	20°
FARO	22°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	22°

últimas

UM POLÍCIA QUEIMADO ao pretender apagar um incêndio em Sintra foi transportado de urgência para o hospital de S. José onde ficou internado em estado grave. O sinistro, de aparente origem criminosa, deflagrou ontem ao princípio da noite no prédio número cinco das Escadinhas do Monte Estefânia daquela vila. O guarda Pinto, de 42 anos, em serviço na esquadra da Reboleira e que mora nas proximidades da casa incendiada, acorreu para socorrer possíveis vítimas e combater o fogo, quando por circunstâncias ainda não esclarecidas foi envolvido pelas chamas, livrando-se a custo.

CENTO E OITENTA CANIVETES entraram em circuito comercial por intermédio dos indivíduos que a noite passada penetraram por meio de chave falsa nas instalações da firma «Monteiro Amador», na Póvoa de Santo Adrião nos arredores de Lisboa. Os apreciadores de «naifas» levaram ainda dez molduras de latão e o proprietário agora lesado calcula o prejuízo em 200 contos.

A ATRACÇÃO DO OURO esteve na origem do assalto de que foi alvo a residência situada na Rua dos Correeiros, 184, 4.° andar, esquerdo. Extraído o canhão da fechadura por meio do já clássico alicate de grifosç na ausência dos locatários, os «ourives» foram-se às jóias de família: pulseiras, fios, gargantilhas, anéis, brincos e outros adornos daquele metal e ensacaram tudo juntamente com 51 contos destinados às despesas do mês.

A PRODUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO LEITE face à integração europeia de Portugal no Mercado Comum começou hoje a ser discutida em Vale de Cambra, no Seminário Nacional de Lacticínios. A zona de Vale de Cambra tem uma tradição de produção organizada de leite que remonta ao século XIX e tem relações com esta região quase todo o fabrico de lacticínios em Portugal. A produção e transformação de leite numa região com aptidões especiais para este efeito originou, nos princípios deste século, a instalação de unidades industriais para a transformação do leite.

GITUS
TURISMO SOCIAL
VISITE A URSS
de 27/10 a 10/11
COMEMORAÇÕES DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
MOSCOVO-KIEV-LENINEGRADO
15 DIAS TUDO INCLUÍDO
45.700$00 por pessoa
PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTE
GITUS
Av. da Liberdade, 73 3.° Dt.° Lisboa
Tels. — 32 05 56-32 06 38-36 43 03

Gonçalves Pereira encontrou-se com Ramos Horta (Fretilin)

• *Encontro com Haig foi cancelado*

Ao contrário do que estava previsto, não se realizou ontem nas Nações Unidas o encontro entre o ministro português dos Estrangeiros, Gonçalves Pereira, e Alexander Haig. Motivo: o secretário de Estado norte-americano teve de partir para Washington, a fim de tratar de uma questão urgente prendendo-se com a venda de aviões dos EUA à Arábia Saudita. Haig cancelou todos os encontros que tinha agendados: além de Gonçalves Pereira, os chefes da diplomacia da Tunísia, da Síria e do Paquistão, pelo menos.

Entretanto, e enquanto se admite ainda que Haig volte a Nova Iorque e o encontro de Gonçalves Pereira possa ter lugar, o ministro português teve ontem o seu encontro talvez mais significativo com o representante da Fretilin, José Ramos Horta. No final, Ramos Horta falou aos jornalistas e disse-lhes que as conversações com Gonçalves Pereira tinham sido «muito positivas». O ministro português pô-lo ao corrente dos esforços que Portugal tem vindo a desenvolver junto do secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, com vista a encontrar uma solução para o problema de Timor-Leste.

«Acreditamos que não existe qualquer plano secreto do Governo português tendente a reconhecer o facto consumado da ocupação indonésia de Timor-Leste» – disse Ramos Horta.

O representante da Fretilin disse ainda crer que «Portugal deve liderar uma campanha internacional com vista a sensibilizar a opinião pública internacional em relação ao drama de Timor-Leste».

«A Indonésia só se mostrará flexível a abordar o problema político de Timor-Leste quando sentir que está em curso uma grande campanha internacional» – observou.

Para Ramos Horta, Gonçalves Pereira, durante o encontro, não terá deixado de se manifestar receptivo em relação a tal sugestão, embora tenha posto algumas reservas – na medida em que uma tomada de posição portuguesa, de confronto directo com a Indonésia, poderia fechar completamente as portas a qualquer negociação com o Governo de Jacarta.

Da parte portuguesa, e a propósito do encontro com o represente da Fretilin, não houve declarações.

Haig

A partida de Alexander Haig de Nova Iorque para Washington foi provocada por um telegrama do embaixador americano em Riad. Haig partiu imediatamente para Washington a fim de comunicar ao presidente Reagan o teor da mensagem recebida. Em questão, segundo a Associated Press, a venda de aviões «Awac» à Arábia Saudita.

Haig tem marcada para hoje uma audiência sobre as vendas dos referidos aparelhos, perante a comissão das relações externas do Senado. Tratar-se-á de fazer «um esforço final» para tentar salvar a venda, segundo a AP.

Segundo um responsável da administração Reagan, «não há crise nenhuma», e apenas Haig teria de consultar a Casa Branca antes de testemunhar perante a referida comissão.

Também hoje, e ainda em Washington, Haig tem uma reunião com um responsável da Arábia Saudita.

A pressa, pelo menos aparente, tem a ver com o prazo de trinta dias que começou ontem, para o Congresso poder vetar a venda dos aviões, no caso de ser obtida a maioria de votos em ambas as câmaras.

Entretanto, um informador oficial indicou que Haig procurará marcar novas datas para as audiências que ontem não pode ter. Entre elas, a que estava prevista com o ministro dos Estrangeiros de Lisboa.

Cozinheiro do "Porto Céu" abatido durante a fuga

O pesqueiro «Porto Céu», atacado na noite do último sábado e águas do ex-Sara espanhol por forças de nacionalidade ainda não referenciada, já está a caminho de Sines, tendo saído esta madrugada de Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Escoltado por quinze barcos portugueses, o «Porto Céu» traz a bordo o corpo de Celestino Henrique dos Santos, abatido durante o incidente.

O patrão do barco, João Faustino Garganta, disse que o atentado ocorreu por volta das 23 horas quando todos os tripulantes dormiam, à excepção do vigia, o qual foi atingido a tiro por seis homens que viajavam num bote de borracha. Logo depois, três dos ocupantes do bote, envergando fatos de mergulhadores e de rosto descoberto, subiram a bordo e perguntaram insistentemente pelo patrão do barco, pretendendo também saber o número de tripulantes. Aproveitando uma ligeira distração dos assaltantes, João Faustino desceu à casa das máquinas e pôs o barco em movimento, depois de um outro tripulante ter cortado as amarras. Ao mesmo tempo as luzes de bordo foram apagadas. Foi nessa altura – segundo João Garganta – que os assaltantes dispararam tiros de metralhadora ligeira. Os pescadores atiraram-se ao chão, menos o cozinhero, Celestino dos Santos, de 43 anos, que tentou refugiar-se numa dependência do bordo. No entanto, seria atingido no ventre por uma rajada de metralhadora, vindo a morrer junto de um filho de 18 anos, também tripulante do «Porto Céu». No tiroteio ficaram também feridos dois outros tripulantes,sem gravidade. Os três feridos foam assistidos por médicos do «Concrarrwtda», um barco de pesca soviético que operava na zona.

Referindo-se aos assaltantes, João Faustino apenas disse que tinham aspecto árabe e um deles falava bem o espanhol».

Hoje concerto histórico no Palácio Foz

Associando-se às comemorações internacionais do Dia Mundial da Música, o Instituto Português do Património Cultural promove hoje um concerto histórico com música portuguesa do Século XIX.

Ouvir-se-ão, pelo Trio Bomtempo, conjunto de câmara composto pela pianista Nella Maissa, o violinista Manuel Villuendas e a violoncelista Clélia Vital, obras praticamente ignoradas de Joaquim Casimiro, Marques Pinto, João Arroio e Alfredo Keil, com a colaboração ainda da cantora Elvira Archer.

O concerto realizar-se-á na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, pelas 21.30 horas e a entrada é livre.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados
na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.° PRÉMIO – 45 457 – 42 000 CONTOS
2.° PRÉMIO – 28 299 – 9 000 CONTOS
3.° PRÉMIO – 54 252 – 3 600 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a proxima extracçao aos balcoes da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
45 456- 435.000$00
45 458- 435.000$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS
38, 421, 1 978, 2 850, 8 001, 9 768, 14 055, 16 075, 16 188, 17 272, 17 464, 17 814, 18 697, 19 878, 23 917, 28 739, 29 514, 30 454, 32 024, 32 147, 32 323, 32 343, 33 915, 35 784, 39 742, 40 005, 41 004, 41 611, 47 591, 49 206, 49 568, 58 313, 59 836, 61 084, 62 241, 65 546, 66 184, 72 300, 72 948, 74 205, 75 218 e 75 968.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000$00 - 120, 153, 492, 493, 504, 646, 880 e 936.
15.000$00 - 252, 299 e 457.
6.000$00 - 59 e 76
3.000$00 - 7 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000$00 (CENTENAS)
28 201 a 28 300, 45 401 a 45 500 e 54 201 a 54 300.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 01/04/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACEITAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Situação degradante da Freguesia da Sé

Continuação da pág. 1

subscritores do referido texto afirmam que a acção de marginais e de pessoas ligadas ao furto e à prostituição tornam aquela zona de grande densidade populacional um lugar onde a segurança e a tranquilidade das pessoas se encontra gravemente ameaçada.

A propósito da agressão de que foram vítimas um soldado e um civil, em meados de Setembro último e que levou ao desmantelamento de um café situado naquele bairro, por parte de militares, os autores do texto afirmam que isso só contribui para demonstrar, mais uma vez, duas questões sobejamente conhecidas: «O ambiente explosivo deste bairro, fruto de uma degradação galopante e quase incontrolável e a insegurança mais completa das pessoas e dos bens, fruto do mais insensato abandono a que a PSP votou este bairro». Quanto às causas desta situação, os subscritores dizem-nas claramente: «É a situação degradada de toda a ordem, urbanística, social, moral e sanitária que leva as pessoas a destruir e a destruírem-se, a expressão máxima do desespero e da falta de respeito por si próprios e, consequentemente, pelos outros».

Acrescenta-se que as autoridades já foram alertadas inúmeras vezes sobre esta situação, nomeadamente a Polícia, cuja resposta tem sido «sempre o silêncio, o desinteresse ou a acusação fácil e o tratamento indiscriminado em relação aos moradores». E dão um exemplo: «Aí estão a prová-lo as rusgas policiais no mais puro estilo de guerra e ausência completa de policiamento normal e diário».

Os autarcas, os partidos políticos e as associações da Sé afirmam que a Polícia estava a dois passos aquando dos incidentes de meados de Setembro e nem um único agente apareceu. Integrando afinal a PSP nos elos da cadeia do medo que grassa na freguesia, os subscritores do texto escrevem: «Conhecemos muita gente deste bairro que teve a coragem de denunciar directamente à Polícia as causas e as autorias de crimes que acontecem na Sé. E também sabemos o acolhimento que tiveram na Polícia... Nós próprios já ouvimos muitas vezes esta frase: 'eles têm grande poder junto da Polícia'. E já não sabemos se as pessoas deste bairro têm mais medo dos marginais ou medo da Polícia e do que lhes possa acontecer... via Polícia».

Afirmam ainda os representantes e as forças vivas da freguesia da Sé que sabem sempre quando há rusgas policiais porque, nessas alturas, dão conta de que os marginais fogem como ratos antes da chegada da PSP. E perguntam: «Quem os avisa?». Da análise desta situação, o texto parte para a denúncia dos perigos que corre aquela zona habitacional e a própria cidade do Porto que, sendo «a mais porca do país», em breve se tornará também a mais insegura. O desemprego, que leva as pessoas a aceitar qualquer «trabalho», as redes de prostituição, de droga e de furto, a juntar a uma degradação habitacional sem paralelo, concluem os subscritores, conduzem a uma situação que poderá ter reflexos gravíssimos em toda a cidade do Porto.

DL ler/escrever

N:º 30 ● 1 de Outubro de 1981

Suplemento Literário

Retamar:

«Dizer coisas e não palavras»

«O escritor deve dizer coisas, não deve dizer palavras» – assim se expressou, há dez anos, Roberto Fernandez Retamar, poeta cubano, quando o entrevistei sobre o trabalho literário, sobre a formação da literatura, sobre a técnica da escrita. Se por aquela altura se podia dizer da obra de Retamar que a sua poesia, quase sempre frutuosamente, procurava ajustar-se a semelhante declaração de princípios, não é também agora que essa mesma declaração se encontra fora dos conceitos literários e poéticos de Retamar. E isso porque os seus dois últimos livros, publicados agora num único volume, «Circunstancia y Juana», não retiram nada a essa definição de há dez anos.

O autor, na verdade, continua a dizer «coisas» em ambos os livros, os quais se intitulam, para aquém do título do volume duplo, «Circunstancia de Poesia» e «Juana e outros poemas pessoais».

É certo que os conceitos, as abstracções, passam como nuvens sobre seres e objectos, mas nos versos há rios e árvores, pedras, montanhas, jasmins, corpos e outras presenças fundamentais.

O poeta, num primeiro tempo, aponta o tema, esboça-o e, depois «cerca-o», revelando-o palavra a palavra, em profundidade. Não se limita a utilizar as palavras para dizer as coisas: também converte as coisas em meras palavras, como quando, por exemplo, menciona o homem, «cuja inteligência é um bosque incendiado». Ou quando interroga: «Na tua terra sem mar/que poderia a água/contra o teu devorador alfabeto de chamas?» Ou

Continua na pág. 3

O neutrão na ânfora

Pedro Alvim

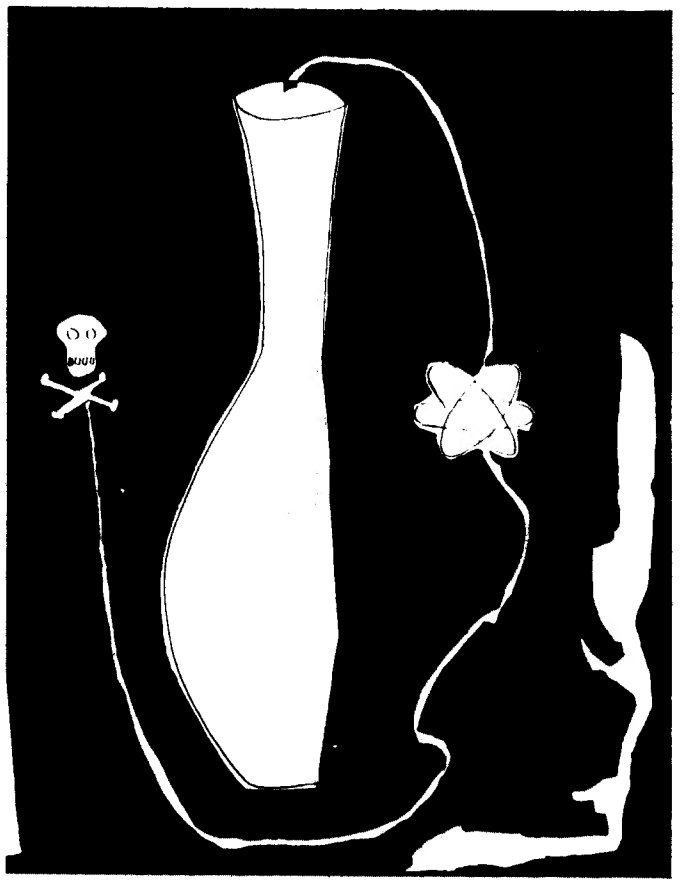
ATENTEMOS numa ânfora. Vejamo-la unicamente sem quaisquer conotações de antiguidade. Assim, nítida, mero objecto de hoje. Ergue-se do chão pura e simplesmente, sem excrecências de qualquer espécie. Um pintor diria: «Está para ser pintada.» Quem arruma a casa, e a varre, desloca a ânfora como quem desloca uma cadeira ou um outro objecto qualquer. Porque, isolado do tempo passado, a ânfora é um objecto do presente como qualquer outro objecto. E é precisamente esta sua condição, este seu aspecto solitário, **desenhado,** que a ânfora nos oferece em toda a sua essencialidade, oca, e não a retrospectiva que ela, observada de um outro ângulo, nos propõe.

Suponhamos que ela, a ânfora, não existia, ou não estava agora aqui, ou, por um gesto mais precipitado, era feita em pedaços. Tal situação, pelo vazio provocado ou pela nova situação criada, pôr-nos-ia o seguinte problema: perante a ânfora inexistente, ou desapararecida, ou quebrada, e conscientes como somos da noção de tempo, que interrogações formular sobre o passado . . .? Isto é: que objecto existiu no passado, nos tempos mortos, no arquivo histórico do tempo . . .? E o objecto seria então por nós buscado como um ponto de referência, uma **necessidade,** uma data. E só a partir desse momento é que descobriríamos a ânfora, já não como um objecto, e sim como uma forma de movimento, abarcando as três dimensões do tempo: passado, presente e futuro.

Assim apreciada, assim tida nas estações do tempo, a ânfora surge-nos como um mensageiro indo-se pelos carris dos anos, das décadas, dos séculos. E é precisamente perante esta sua qualidade que a ânfora perde o carácter nítido de mero objecto de hoje: ei-la, pois, com um passado – e ei-la também com um futuro mercê dos museus que o homem ergue pela Terra.

Que passado . . .?

Se devidamente desfolhadas todas as páginas do arquivo histórico elaborado ao longo de luas e sóis, de calendários muitos, de escritas multifacetadas, tentando abarcar por diversos modos a fonética do homem, a ânfora, por linhas cruzadas em todos os sentidos, ir-nos-á revelando um passado de guerras, de odes, de palácios, de gestos iniciais e redondos, de átrios, de longos remos sulcando as águas, de velas capturando o vento, de jogos corridos e medidos a palmo, de vinho, de cabras quietas em perfil, de leite oblíquo em vasos toscos, de sexo tinto de vermelho, de constelações somadas uma a uma, de diálogos pelos degraus do raciocínio, de túmulos, de sinais, de postulados . . . Face a tanto e tão pouco, apercebemo-nos, olhando a ânfora, que não temos só a ânfora na luz dos nossos olhos – e sim uma multidão de seres e objectos, de luz e sombra, de cores, de planos e ângulos, de actos, de morte e vida, de tudo e nada. E logo, criando uma certa perspectiva, nos afastamos, guardando uma certa distância, observando . . . É toda uma parcela do mundo que, tal uma baía, de súbito nos toma e nos afoga, nos tem no líquido redemoinho de coisas há muito tempo idas.



Mas que são inerentes à ânfora, e que por isso estão na ânfora e para além da ânfora, mesmo que a ânfora, por repetições sucessivas através do tempo, não seja a ânfora original e só uma simples imitação em barro português, crescida sob o hálito do oleiro, rodada pelos seus pés e pelas suas mãos afunilada . . . Como esta, aliás, pousada algures num soalho de Sintra, quieta, indiferente, soberana.

Que futuro, no entanto . . .?

Aqui outra situação, muito diferente, se desenha. Se a ânfora depende do passado em toda a sua múltipla significação, se o seu discurso de maneira nenhuma dispensa anos, décadas e séculos de História, a verdade é quq a ânfora depende também do futuro, dos dias a vir, dos actos ainda por executar. Porque não bastam só Museus para que a sua fala se mantenha intacta, nem vidros à prova de bala para que a sua presença continuamente preencha o espaço. E isso porque os homens que sabem ler a ânfora, letra a letra, sinal a sinal, podem sumir-se de um dia para o outro no caos do átomo, do neutrão, da bomba. Vivemos, em toda a consciência, um momento de funambulismo: a humanidade caminha por uma corda esticada, num equilíbrio precário, abrindo os braços para que o diálogo se processe entre a Direita e a Esquerda. Um lapso no diálogo pode conduzir à desintegração atómica. Tragicamente, se tal ocorrer, poderá permanecer a ânfora no edifício do Museu, mas o homem sumir-se-á no espanto da sua casa vazia.

E então, com os bens materiais poupados e o ser humano aniquilado, a ânfora será pura e simplesmente um objecto intemporal, sem passado e sem futuro, porque não haverá quem a leia, nem tão-pouco quem a prolongue pelo tempo. Intacta, fora do hálito dos homens, a ânfora erguer-se-á no pedestal do hiato, salientando-se no marasmo de um **hoje** terrivelmente nítido, despojado de referências, oco de parágrafos. E um dia . . .

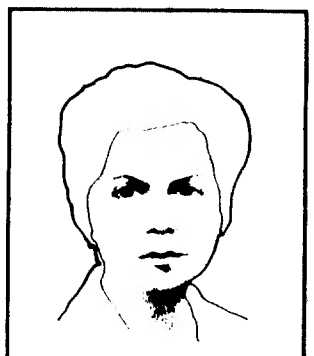
E um dia, se a Terra por outros seres for visitada, de outros planetas, de outras distâncias, talvez esses seres concluam que tudo foi destruído por **algo** que se encontrava dentro da ânfora. «Forma e conteúdo não se conjugavam . . .» – eis os dados sem dúvida fornecidos aos seus computadores. E esse longínquo juízo de outrém será o nosso pior epitáfio – e a ânfora, levada da Terra, uma longínqua e mera constelação. Memória, enfim, dos nossos erros. ●

MARIA JUDITE DE CARVALHO

●

LAS PALABRAS AHORRADAS

● colección cocuyo ● literatura universal ● colección cocuyo ●



Maria Judite de Carvalho

«As palavras poupadas»

em edição cubana

«As palavras poupadas», livro de contos de Maria Judite de Carvalho, galardoado em 1961 com o Prémio Camilo Castelo Branco, foi recentemente editado em Cuba pela «Editorial Arte y Literatura», integrado na colecção «Literatura Universal».

A tradução é de Omelio Ramos Medeiros, sendo a capa e a contra-capa do artista gráfico Ernesto Joan.

Numa precisa nota de apresentação, afirmam os editores que este livro de MJC «retrata com fidelidade a tragédia da mulher numa sociedade burguesa onde subsistem taras e preconceitos medievais, bem como o seu fracasso, a sua inibição, a sua absoluta carência de incentivos no lar e fora do lar e, ainda, a discriminação sórdida de que é objecto...»

Relativamente aos processos de escrita de Maria Judite de Carvalho, adianta a mesma nota de apresentação crítica que a autora (sem dúvida uma das maiores escritoras da nossa literatura) se serve do «método auto-reflexivo» e da «análise feita sobre si própria» a fim de dar expressão literária «a tantas frustrações» e «solidões» da vida portuguesa. ●

GABRIEL GARCIA MARQUEZ
Entrevista em exclusivo no próximo suplemento

«DL ler/escrever» apresenta no próximo número uma entrevista em exclusivo com Gabriel Garcia Marquez, concedida ao nosso camarada de Redacção Eugénio Alves, que, em Cuba, acompanhou de perto os trabalhos do Comité Permanente de Intelectuais para a Soberania dos Povos da América. Garcia Marquez, entre outros assuntos, pronuncia-se sobre o seu último livro, «Crónica de uma morte anunciada», cuja primeira edição atingiu um milhão de exemplares.

SWEDENBORG

As aparições dos espíritos

(CONCLUSÃO)

VIVO COMO SE FOSSE NUMA CASA DE BANHO...

Vivo como se fosse numa casa de banho, com bancos ou longos assentos, e de onde se exala um vapor a calor. Aí apareceu-me uma mulher, que numa nuvem negra rapidamente se evaporou; ouvi também crianças dizer que não queriam encontrar-se ali; pouco depois escutei coros angélicos que me eram enviados para desviar os esforços de alguns espíritos malignos; e então, diante e ligeiramente acima do meu rosto, surgiram de súbito pequenos furos, uns maiores outros mais pequenos, pelos quais penetrava o amarelo-claro de uma brilhante luz; na luminosidade interior desses furos apercebi-me de algumas mulheres banhadas numa claridade nevada branca de luz; depois, através de uma nova arrumação das coisas, surgiram novos furos, por onde olhavam aquelas que se encontravam no interior; e ainda outros mais pequeninos furos, pelos quais já nem sequer passava a luz; distingui por fim uma luz de um branco explosivo, tendo-me sido dito que esses eram os aposentos daqueles que constituem a província das Narinas interiores, já que esses Espíritos são do sexo feminino e que a perspicácia da sua percepção é representada no mundo dos Espíritos por esses furos: e assim é com efeito, uma vez que o que é espiritual no plano celeste é representado por coisas naturais no mundo dos espíritos (ou melhor, por coisas que se lhes assemelham). Em seguida foi-me permitido conversar com elas e elas disseram-me que através desses furos representativos podiam ver exactamente o que se passava num plano inferior e que os furos se encontravam voltados para as sociedades que elas procuravam observar, e como eu então constituía o objecto das suas observações elas afirmavam que conseguiam discernir todas as ideias que passavam pelo meu pensamento, assim como os pensamentos daqueles que se encontravam à minha volta; disseram-me ainda que não só se apercebiam das ideias como as viam representadas diante delas, com vivacidade: deste modo, as (ideias) que tinham a ver com o sentimento do bem eram representadas por chamas pequenas e de tamanho suficiente, enquanto as que diziam respeito à verdade eram-no por variações de luminosidade; acrescentaram também que se distinguiam dentro de mim algumas sociedades angélicas assim como os seus pensamentos-graças a coisas de cores muito diferentes, como por exemplo uma púrpura muito semelhante à que é utilizada na pintura ou às cores do arco-íris, num plano mais escuro, e que por aí viam que essas sociedades angélicas residiam no província da Vista. Reparei então noutros espíritos que tinham sido expulsos dali e erravam de um lugar para outro, dizendo-me elas que esses espíritos se tinham insinuado entre si com o objectivo de descobrir qualquer coisa e de ver o que em baixo se passava —, mas com o intuito unicamente de tecer armadilhas; a sua expulsão verificava-se sempre que chegavam os coros dos anjos, com os quais também me entretive. Disseram-me eles que os que tinham sido expulsos representavam o humor que sai das narinas e que eles eram embrutecidos e estúpidos, sem consciência e sem qualquer percepção interior. A mulher por mim vista e a que atrás me referi representava os espíritos do sexo feminino que procuram envolver-nos em armadilhas. Pude também falar com estes espíritos e elas mostraram-se admiradas de que alguém tivesse consciência, ignorando em absoluto o que isso fosse, e quando eu lhes disse que ela consistia numa percepção interior do bem e da verdade e que se agissemos contra a sua vontade sentiríamos ansiedade, elas não percebiam o que eu lhes dizia. Estes são os espíritos que correspondem ao humor que infesta as narinas e que por isso mesmo delas é expelido. Em seguida foi-me revelada a Luminosidade em que habitam aquelas que representam os Espíritos internos das narinas: tratava-se de uma luminosidade magnificamente matizada por veios de labaredas de ouro e veios de luz de prata; a afeição pelo bem é representada pelos veios de labaredas de ouro enquanto a afeição pela verdade é o pelos veios de luz de prata. Pude, ainda, notar que elas possuem orifícios laterais pelos quais podem ver uma espécie de Céu com estrelas sobre fundo azul. Foi-me também dito que a luminosidade que reina no interior dos seus apartamentos é tão viva que não se pode sequer comparar com a do nosso meio-dia; que a temperatura, nos seus domínios, se pode equiparar à que existe na Terra entre a Primavera e o Estio; que entre elas também existem crianças, embora já com alguma idade, e que estas não querem permanecer naquele sítio quando chegam as mulheres que só procurem tecer armadilhas ou os espíritos que nos escorrem das narinas. No mundo existem inúmeros espíritos representativos desta espécie, mas aqueles a que me refiro são representativos das percepções — entre as quais se podem incluir os espíritos do sexo feminino, que correspondem ao olfato das narinas internas.

Quando o natural ocupa o Espiritual e em consequência disso o homem Interior é um Demónio enquanto o Exterior se assemelha a um Anjo, então o seu estado pode comparar-se ao de um Morto num caixão feito de uma madeira preciosa e dourada; pode-se também compará-lo a um Esqueleto vestido de roupas de homem e levado em triunfo num carro magnífico; ou ainda a um Cadáver dentro de um sepulcro construído como se se tratasse de um Templo em honra de Diana: melhor ainda, o seu Interior pode ser assimilado a um pelotão de serpentes dentro de uma caverna e o Exterior a borbole-

Continua na pág. 4

LIDO E A

ALGUNS ANOS DE PASTOR, DE IVO MACHADO – **Informação subsidiária da leitura feita, extratextuais que sejam, não se vê inconveniente em trazê-las para aqui até porque deveria ser o livro a dá-las ao leitor, uma, por exemplo: o autor, que é açoriano e vive nos Açores, tem pouco mais de vinte anos. Eis pois um livro (de estreia) dum poeta na idade em que habitualmente se anda no que pode chamar-se iniciação. Não sirva isto, porém, de razão para ocultar a menos positiva das impressões que o livro provoca, e é, aliás, comum à generalidade de casos assim: certa imaturidade, patente, por exemplo, no conteúdo (demasiado explícito e algo ingénuo) da mensagem sobre a noção da qual o labor verbal se faz; certa negligência na organização textual, certa menoridade de tom de tonalidade, de inflexões, na elaboração discursiva. Mas algumas qualidades são já sensíveis, e pode-se talvez falar já de algumas capacidades mínimas e indispensáveis em absoluto para que um projecto poético venha a realizar-se com justificação e consequência. Aqui, o menos importante não será a raiz humanista das opções temáticas (ou de assunto, ou pretextos, ou motivos) nem o posicionamento subjectivo perante os problemas que informam a intenção do dizer que aqui se processa. Neste âmbito de incidências o mais importante ainda seria a frequência insular açoriana que ocorre em inúmeros registos. O mais importante, enfim, há-de considerar-se o bom-gosto sensível da imagem e na metáfora, a já habilidade com que a figura se insere no processo do poema, a sabedoria rítmica (e uma latente exigência de efeitos suspensivos) patente por vezes na subtil passagem de verso para verso, o regramento das energias verbais, a sua economização ao nível de expedientes e meios. Para além da imaturidade, é um livro algo irregular. Uns tantos poemas, porém, passam a justificar alguma expectativa favorável quanto ao trabalho que doravante o autor venha a fazer. (Gaivota, SREC, Açores)**

ESTAÇÃO MORTA, DE MARIA ONDINA BRAGA – **É o quinto ou sexto livro da autora que nos é dado ler e, uma vez lido (não uma segunda vez), mantém-se talvez a impressão com que ficou logo quando de uma primeira leitura. Isto de impressões não significa grande coisa, e é evidente que a obra de Maria Ondina – nove títulos, com este, dos quais um de crónicas, outro de biografias, outro uma autobiografia romanceada, dois de novelas, três, de contos, e este último de contos e novelas, como se pretende na ficha bibliográfica – vai já em proporções que justificariam muito mais do que isso. De qualquer modo, de tais impressões constam alguns pontos que parecem muito positivos ao leitor comum para além do que este registador não passa.**

Um deles será que esta escritora parece dotada de excepcionais recursos narrativos. Outra será que do excepcional de tais recursos constam uma rara percepção dos encontros e desencontros em que o interesse dos seres pela sua própria vida se prende e desprende, mobiliza e desmobiliza, reforça e desgasta. Outro – que em tal percepção se empenha uma escassa dramática isto é, trata-se mais do banal, do comum, do vulgar, do corrente, do quotidiano, do repetido, do igual, – c que do «caso» excepcion... (se nestes termos se pod dizer). Tudo isto implic uma certa linguagem, ser especiais tensões ou er çamentos. Certa monot nia, certa igualdade na fl xão, certa frouxidão na art culação – um comport mento estilístico confo mista, resignado com a su própria incapacidade para a transgressão, o desvio, a superação dos seus modelos. E, no entanto, pode ser que esteja aqui a a forç maior desta obra – da grandeza da qual não nos apercebemos facilmente talvez pela aparente discreção com ela se nos vem propondo – há muito, já e com uma regularidade e uma constante qualidade que não se devem ao acaso ou à

UM POEMA INÉDITO
de António S

«SABRES, SEMENTES

Sabres, sementes

o homem que lavra
a terra, abre
um sulco; assim é a palav:
rasga como um sabre,
mas é ela própria semente
em tudo o que lavra

abre-lhe teu coração
confiadamente,
deixa que se aninhe
e cresça e fermente
e te entumesça o sonho

deixa que a palavra
te seja o arado
e a semente
e a seara

1.2.81

((do livro a public

Antonio

A LER

espontaneidade – mas certamente, e pelo menos, à forte energia de uma severa obstinação. (Vega).

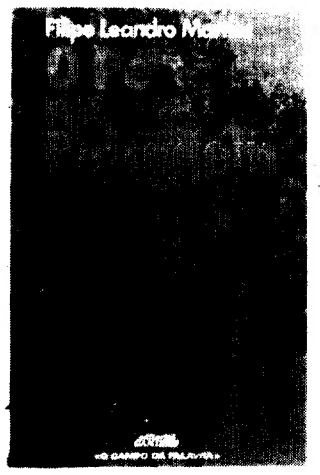
VERGÍLIO FERREIRA: O ESCRITOR APRESENTA-SE – **Este trabalho deve ter posto previamente uma exigência fundamental; o profundo conhecimento do temário da obra do autor, da problemática que nela cerradamente se articula (ou, de preferência, trata) das suas vastas implicações e dos seus inúmeros e extensos envolvimentos. Depois terá havido um seccionamento de temas e problemas – a que uma organização de inúmero material escrito deveria corresponder e onde, peça a peça, fragmento a fragmento, excerto a excerto (estruturalmente ou à margem, a propósito) viria a ser colocado.**

Todo um labor a que Maria da Glória Padrão se dedicou cujos bastidores – dificuldades, quer dizer – são apenas calculáveis, mas de que os resultados estão aqui, e são surpreendentes.

O mais surpreendente talvez seja o efeito conseguido pelo recurso a excertos de discursos de personagens dos romances do autor e insertos como marginália ao discurso do autor-ele-próprio. Mas as revelações são mais numersosas e começam logo no texto introdutório, «Breve Apresentação dos Actores», que MGP, fez e onde explica sucintamente o projecto deste livro, os processos utilizados, o sentido mais emergente de tais utilizações. Na apresentação do escritor-por-ele-profio, o Vergílio Ferreira que se nos propõe é naturalmente o actor que o entrevistado sempre se assume. UM VF evidentemente diferente dos seus diários, talvez mais de acordo com a expectativa dos interessadamente familiarizados com a sua obra e que não chegaram ainda a compreender concorantemente o porquê da publicação daqueles dois volumes de «Conta Corrente», vai para um ano. (Imprensa Nacional - Casa da Moeda).

L.M.R.

AS LETRAS EM DIA



«O PÉ NA PAISAGEM», de **Leandro Martins, encontra-se já à venda, numa edição da Caminho. Trata-se de um romance sobre os tempos da guerra colonial. O ambiente, no entanto, não é o das ex-colónias, e sim (e daí o impacto do livro) o das casernas do nosso País, nos anos em que as classes possidentes preparavam mancebos para a morte. Para uma morte ignobilmente estúpida, desprovida de qualquer ética. A coragem deste livro, por parte do autor, é a assunção da deserção como atitude lúcida face a uma atitude irracional, anti-humanista e contra a evolução dos muitos caminhos da humanidade. Leandro Martins que, em parte, se autobiografa (tomando a responsabilidade, por consequência, daquilo que conta e dos juízos claros que emite), tinta publicado anteriormente «A caça às rolas», livro que surpreendeu a crítica pela segurança da narrativa e pelo desenho das figuras. «O pé na paisagem» afigura-se-nos que não será de tão fácil aceitação por parte de certas fracções dessa mesma crítica. E isso porque é também necessária uma certa coragem para saber situar o livro no período complexo da guerra colonial (e não só). Para já – um livro a ler, embora o anterior nos tenha parecido mais bem conseguido.**

VILARINHO DA FURNA, UMA ALDEIA COMUNITÁRIA, de Jorge Dias, está nas livrarias. A história da aldeia é conhecida, mas não tanto em pormenor. Jorge Dias faz aqui um levantamento estrutural ou descritivo minucioso. A edição é da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, e traz nota preliminar e prefácio de Orlando Ribeiro, além duma pequena antologia do legado musical e cancioneiro de Vilarinho. O registador não seria excessivo se dissesse que este livro é pelo menos comovedor. Deve no entanto ser um pouco mais do que isso.

A METÁFORA EM FERNANDO PESSOA, de Maria da Glória Padrão, foi reeditado pela Limiar. A primeira edição, da desaparecida Editorial Inova, data de 73, e o livro estava esgotado há anos. Maria da Glória Padrão obteve com ele, em 1970 o Prémio Mário Sacramento. A título de curiosidade, chame-se a atenção para uma sensível identidade entre este estudo e outro de Sacramento também dedicado a Pessoa, «F. P., Poeta da Hora Absurda». Na orelha da primeira edição de «A Metáfora em F. P.», chamava a atenção para isso, dizendo que «o grande empenho deste trabalho consiste em auscultar as múltiplas trajectórias de absurdização que o poeta imprime às suas próprias concepções de vida. Mário Sacramento, no ensaio polémico que consagrou ao poeta, também se empenhou no mesmo objectivo. Eis a diferença: Maria da Glória Padrão assenta o seu trabalho num levantamento das imagens translatas, e não num levantamento de tópicos doutrinários, como Sacramento; e valoriza tais trajectórias de absurdização como matéria de obra poética, ao passo que Sacramento as encara como testemunho da não-genialidade de Pessoa». Por outras palavra, Glória Padrão é porventura menos crítica do que Sacramento foi. Nos processos de análise e interpretação, um ascendente tutelar: Gaston Bachelard.

A CONSCIÊNCIA CONSERVADORA NO BRASIL, de Paulo Marcadante foi recentemente lançado pela Nova Fronteira (Lagoa, Rio de Janeiro) em terceira edição. O livro data de 65, um ano depois do movimento que levou os militares ao Poder. Não é um livro contra os militares (nem a favor, é claro), mas o assunto prende-se muito com as condições gerais que ainda mantêm os militares no Poder, dezassete anos depois. Marcadante analisa a evolução do pensamento sociopolítico no Brasil nos séculos XIX e XX, definindo a partir daí o «homem brasileiro» e o que nele haverá de melhor: o espírito de cordialidade, uma formação mental lenta mas gradual e pensa-se que indestrutível. Este espírito estará hoje numa situação caracterizadamente de contrafacção. Em 65 preconizava-se, à luz do passado e dos seus ensinamentos, a superação desta situação a favor de um equilíbrio institucional. Hoje por hoje haverá indícios de que isso vai acontecer, mas ainda não aconteceu. Explica-se o sucesso público deste livro. Embora discutível, é uma análise, funda – e fecunda. Em tempo: não estará à venda em Portugal, e é pena. O adido cultural do Brasil em Lisboa poderia fazer alguma coisa nesse sentido? Foi ele que, a pedido da editora, cedeu alguns exemplares à crítica em Portugal. Uma editora portuguesa poderia lançar este texto entre nós. Que interessaria ao público português, parece óbvio.

A REEDIÇÃO DE FERNANDO NAMORA continuam a aparecer regularmente nas livrarias, chanceladas pela Bertrand. Os últimos títulos relançados são «Minas de S. Francisco», romance, de 64, agora em nona edição e já na casa dos 32 mil de tiragem; «Cidade Solitária», narrativas, de 59, editado agora pela sétima vez e atingindo tiragem na ordem dos 29 mil; «Diálogo em Setembro», crónica romanceada, de 66, atingindo os 26 mil exemplares na sexta edição e a mais recente; «Os Clandestinos», romance, de 72, em sétima edição e na casa dos 50 mil; e «A Nave de Pedra», cadernos de um escritor, de 75, em terceira edição e chegando, em tiragem, à soma dos 15 mil. Entretanto, o e conforme os jornais noticiaram, «Resposta a Matilde» foi traduzido e publicado na Bulgária.

DOMÍNIOS, boletim de artes e letras (como se designa), que se publica no Minho saiu com o seu número dois. Colaboração de José Subtil, Licínio Lima, Aníbal Alcino, Tiago Manuel e João Candeias. Formato aproximado 21/30, 16 páginas, assuntos diversos. Preço de venda ao público em algumas livrarias: 80$00. Da ficha técnica constam duas sedes: uma em Braga, na Rua do Taxa, 4, 2.º esq., outro em Viana do Castelo, na Rua de S. Tiago, 56.

PERSONA, revista do Centro de Estudos Pessoanos (Rua António Cardoso, 175, 4100, Porto) – saiu em número 5. Seis estudos para a bibliografia passiva de Pessoa – assinados por Maria de Lurdes Belchior, Maria Helena Nery Garcês, Francisco Costa Fagundes, Maria da Glória Padrão, e Margarida Vieira Mendes. Há ainda poemas de Ralph Roger Glocker, traduzidos por Teresa Faltê, postais inéditos de Amadeu Souza Cardoso, e numerosa informação fazendo o ponto da situação dos estudos pessoanos. Uma curiosidade: Arnaldo Saraiva (que dirige a revista com Maria da Glória Padrão, enquanto Maria de Fátima Marinho secretaria) inclui neste número uma nota acerca de poemas de Pessoa que a revista «Nova Renascença» deu à estampa recentemente, dando-os como inéditos até então. Saraiva prova que tais poemas já haviam sido publicados. ●

RETAMAR: Dizer coisas e não palavras

Continuação da pág. 1

ainda quando se refere à Irmã Juana Inês de La Cruz: «Passaram os anos e passaram os séculos/e eis no entanto aqui os teus olhos-/ávidos, rigorosos e doces-/como um punhado de estrelas...»

Este levantamento das coisas, das suas «coisas», é de funda raiz cubana. O baptismo poético das coisas começa provavelmente em Heredia, em cuja poesia a palmeira é um símbolo envolvente da atmosfera cubana. Adquire, depois, um entranhado sentido em Marti. Continua em Nicolas Guillen, que descobre a música e o ritmo, mas também o sentido social dos objectos. E em Lazama Lima, apesar de ser considerado impenetrável e abstracto, a verdade é que, mesmo nos poemas mais esotéricos, nos apercebemos, através de uma linha muito fina, de um movimento silencioso, não muito «martelado», de noções tão precisas como as de um burro, um prado ou uma lebre. Por fim, um poeta actual, Eliseo Diego, reúne a sua poesia sob o seguinte título: «Dar nome às coisas» («Nombrar las cosas»).

Para o poeta cubano, de hoje ou de outras épocas, a metáfora foi e é uma alquimia realista, através da qual as palavras se convertem em coisas – e na poesia mais recente de Retamar essa atitude é, sobretudo, uma assunção do real, um estilo de entender o mundo.

A inegável projecção que a figura de Retamar foi alcançando no mundo cultural cubano (é vice-presidente da Casa das Américas, director do Centro de Estudos Martianos e da revista «Casa», catedrático universitário, etc.), assim como o vigor polémico e mobilizador dos seus ensaios, nomeadamente a partir de «Caliban», atiraram para um segundo plano o seu trabalho poético.

Tal parece-me um crime de lesa-literatura, já que a poesia de Retamar se integra, juntamente com a de Eliseo Diego e Fayad Jamis, no nível mais alto e original dessa fornada de transição (a que veio depois dos Guillen e dos Lezama), e constituída por poetas e homens situados, como escreveu inclusive o próprio Retamar num poema memorável, «entre o passado em que tínhamos estado/e que por isso mesmo era passado/e o futuro a que ainda não chegáramos/e que por isso mesmo era futuro...»

Houve sempre na poesia de Retamar uma cadência afectiva e um grande movimento de enlace, capazes de transformar a vivência individual numa panorâmica comunitária. Talvez precisamente devido a esse enlace generoso é que o poeta conseguiu sintetizar as grandes ocasiões do povo em relâmpagos de límpida fruição pessoal.

Uma coisa é indesmentível: «Circunstancia», e sobretudo «Juana», alcançam uma formosa e estranha conjugação, que não se limita só ao binómio palavra/objecto, mas também à assunção de Cuba e beleza, de país e mulher: (...) «E o idioma-/guardado em seus lábios-/em seus dentes de doçura irregular/cai, treme/é a própria ilha/falando e sobre si falando...»

Estamos, na minha opinião, face a estes dois livros de Retamar, perante uma apaixonante colecção de seres e de coisas.

Mario Benedetti

Simões

...ES»

...publicar «CORAÇÃO VISÍVEL»)

LAGOS-OS-CÃES

José Carlos Gonzalez

A O abrir a janela vi logo dois. Eram escanzelados, estavam no fim do osso, a morder-se aplicadamente. As vizinhas começaram a deitar panelas de água quente em cima deles. Julgavam que se iam enrabar. Eis senão quando o Presidente da Câmara saíu pelo portão gradeado da Vivenda Alice e tropeçou no último degrau. Os pardais, por sua vez, caíram das árvores da praça.

Ao deitar fora o caroço de pêssego, o Manecas sentia-se valente. Passou, inesperado, o Veterinário.

No café da Glória, a máquina ia aquecendo. Nunca antes das dez. Depois, logo bagaço.

Bons dias, sôr Albuquerque (vereador, artista?) e uma estátua sempre lá a dar para um rio. Belém. Lisboa. Dresden.

Um dos cães, o que saíra do caixote de moscas e papel, deu de mijar contra o automóvel do deputado Arnaldo, campeão de snuca. Veio, aos tropeções na bata matinal, a mulher.

– Rais ta partam! (para o Deputado, para o canídeo?). O cão, entretanto, sexo e cauda entre os pernames.

Era o tal Abril de acordar. Aulas poucas. O bilhar, Márinho, junto à Fortaleza, com a estátua Gil Eanes, mais abaixo príncipe pôdre, volkswagen ou coentros, rico de encontros com rapazes espigados e raparigas de calças.

Voou a lata, e no pontapé duas ossadas de costeleta.

A baía, aí tão ampla, biutiful, encarregava-se dos cascos ancorados.

Nada a temer deste lado. O Telefonia baforava crónicas disformes. Tinha o pêlo na venta e os óculos caixa de previdência.

Outros cães, sempre. Senhor Doutor. Bilhar. Xadrez dos professores. Bolas azuis, verdes, a da lista branca, a amarelinha, no pano verde sebado do snuca.

Vozes lá para a esplanada. Mesa de mármore fingido. Prato de biqueirões. Pescados hoje.

A carta bate contra. Às de paus. Duque. Mexem atrás os dominós. Prato do da sargo grelhado.

Tacos, bola e bola. Ó Márinho! Olhos que não esperam. A rêde longe, esquecida. Taco a taco. Por nada. Berbigão. O som das vozes agarradas ao medronho. Bola da côr do senhor dos passos. Difícil mas entrou.

Volta o cão de ontem à noite. Cavernoso. Uivado por uma matilha na outra esquina. Nervos. Lambe-me todo, mãos, peúgas, sapatos. Não é um afago. Rosna.

Lá para cima, falsa colina da cidade lacustre, alguma coisa continua: arte de meter os dedos no barro e no forno, deixar correr a roda do mundo.

Cão deitado. Outro. Quieto este. O fácil adjectivo. Sou eu que teimo na caneta? Waterman's. Começa o reumático. Vivamos bem.

E depois iam por aí adiante, cheios de penumbra e névoa, atravessados de raiva, com os focinhos a enterrar-se nas areias semimovediças do verão evanescente.

Às portas das duas livrarias, com música de tangos gastos, brilhantina, três ou quatro fregueses, velha guarda, a discutir letras, cobranças, idas um dia aos territórios do norte e do leste. As vivandeiras, descoradas, passavam ao rés do cais, cheias de agrumes e moscas nos costados, quase não podendo com a carga, mas era preciso os turistas chegavam.

Miguel Rato, no alpendre do quase minarete onde bocejava pelas onze da manhã, com os cobradores a resvalar pelas calçadas, ia pensando em alinhar melhor os barros, tirar partido dumas instruções que nos folhetos de França lhe davam luzes. Ao invés das calçadas, de esfalfar atletas, prova mística, alemães desnorteados com o sol inclemente e as nabiças em cabazes made in Portugal, arquejavam, tontos da soalheira e do vinho de Lagoa da véspera. Miguel Rato espreitando-os do alto do minarete, com um abrir de boca misto de ressacaxe desprezo.

Meio dia e sombrinhas. Ao fundo da baía, como arenques surpresos por uma pesca milagrosa, os botes a calafetar. As obras tardavam. Ia-se instalando o cheiro a bedum do mar. Jacques Arganaz com a bengala, descendo o logradouro, piada sim piada não às meninas matinais, com sacos, camisolas de listas azuis, verdes, amarelas, a deixar altas tetas quase à solta. Arganaza ri para o porto, esgrouviado, com a bengala a tinir, insolente, no pedrume. Jornais, três ou quatro folhas a meio escritas da noitada, braguilha flácida. Ao alvorecer sempre costumava, o Arganaz, dealbar com ânsia de marisco e folhetins, projecto de crónica cidadã. Depois, os manes do patriarcado letrário a dar-lhe com a porta nas ventas nas instituições calafetadas de mais de um século: biblioteca municipal/fundação calouste/casa do povo/casa do julio dantes. Dísticos que enfureciam Jacques, à bolina da vida, com a passamanteria roída do cachecol do artista a tiracolo, em que poucos acreditavam.

E eram ruas doentes, casas a penar, velhas na espreita, cães a galgar os parapeitos das janelas dos rés-do-chão, e as velhas cheias de baba e unguentos nos cantos da bocarra consumida e adstrigente para morcegos, mais tarde. E ratos nocturnos, divagantes, a corroer o sono quase elástico das fadigas de uma exemplar cidadezinha de férias, coretos e uma praia enorme a secar como um bacalhau.

Com a cabeça de maionesse pilosa, o babete branco a servir de vestido, Madalena, noite abaixo, perna tostada, no café com as árvores na andaina das boticas, no escoadouro dos restaurantes. De malha apertada ao escurecer contra o seio arfado e baton agredindo as velhas dos rés-do-chão, Madalena a pousar pezinho de unha carmesim. Sentada na própria bundinha dilatada pelos calores.

À passagem Eustáquio, três carragamentos de crónicas de cinema e artes correlativas, arroto discreto, a comentar: ai mãezinha.

Do lado oriente bigodes, transparências lunáticas, o ínfimo Toninho, com ar sêco para uma cidade inteira, ultra esquerda nacionalista vão lá perceber, somos a força escrito nas muralhas da fortaleza, com à volta rabos de carapau a boiar nos esconsos do castelo eleito para malfeitorias amáveis TEQUILA e madrugadoras entre os cactos desdentados.

Jacques Arganaz não era desses. A pastilha, as pildoras, a enxaqueca, dois arremedos de síncope, volatilizava a praça forte de Miguel Rato. E pelas oito da noite, da tarde, sempre a reprovação: «Porque é que não puseste o peixe na panela?».

Heloísa vivazmente arrumava. De quarto em quarto um adejar de creme de praia, sardinhas para a tarde, no brejo, roupa extremamente alvejando na atalaia.

E havia as cobranças. De tasco e tasco, humidamente, com o encosto do Linimento Sloane, entorse na praia, Xico do Burgau, agora para os clientes sôr João, com tudo a render na zona ainda não agatanhada pelos holandeses, uisquí direitinho da garrafola com amolgadelas, senhor arquitecto boa noite, tal stá ele, e, ao longe, junto do sítio nobre e plano dos fundadores, a cega re-ga do Telefonia imprecação igual à trigésima beata, murcha na beiçola, trinta e cinco sagres esparramadas no bandulho e chocos a grelhar, cheiro de sacristia, aos pés do Fundador dos mares.

Mas a baía. Noite fosforescente. Arrumar de vidros. Películas de peixe nas unhas. Remendos nos cotovelos. Arrastar de perna esfacelada onde, os parapeitos da noite, azul preta, aguardando os incolas e os turistas atrasados, com os senhores oficiais da candonga no baluarte da obra misericórdia régia e também republicana.

Mas as campainhas, que não sinos, das igrejas a fumegar na caloraça enterros houve o ano inteiro, tudo de chapéu preto, alinhavado camisame, e miúdas de jines a dar à pernaça, um ver se te avias, trrrrr trrrrr trrrrr até dar com quem quer dormir em doido, os canos serrados do fogaréu das maquinetas de passar ruas e trabessas, aos peidos de mais pestilência que abades, a contra-luz disso a viva escama da ria, três ou quatro barcos realmente inocentes, e um pescador de beata apagada e perna bamba no sossego do canal, à espera. •

SWEDENBORG As aparições dos espíritos

Continuação da pág. 2

tas cujas asas sejam coloridas por tonalidades de toda a espéie mas que, apesar da sua aparência exterior, depõem ovos podres nas folhas das árvores de fruto e as corrompem. Enfim, o seu Interior pode comparar-se a um gavião e o Exterior a uma Pomba, e a sua Fé e Caridade ao voo do Gavião atrás da Pomba em fuga — que ele procura cansar antes de se abater sobre ela e a devorar.

AO ALMOÇO E OS ESPÍRITOS DE JÚPITER

A meio do dia, enquanto jantava, um anjo dirigiu-se a mim e recomendou-me que não comesse demasiado às refeições. Enquanto ele estava ao meu lado apercebi-me, distintamente, de uma espécie de vapor que saia dos meus poros. Tratava-se de um vapor aquoso, facilmente reconhecível pela vista, que escorria para o chão onde se adensou e se transmutou em vermes de diversa espécie que se juntaram sob a mesa e desapareceram instantaneamente, produzindo uma detonação ou ruído.

Os Espíritos do Planeta Júpiter, por outro lado, instruíram-me acerca da sua forma de locomoção. Eles não andam com o tronco erecto, como se fossem os habitantes do nosso planeta e de muitos outros, nem se arrastam como se fossem animais; para andar servem-se das palmas das mãos e semielevam-se de forma alternada sobre cada um dos pés; no entanto, de três em três passos eles olham de lado, e para trás, curvando um pouco o corpo (o que é sempre feito com bastante agilidade), e isto porque entre eles é considerado vergonhoso ser visto por outrem de outra forma que não seja de face. Quando andam deste modo, eles mantêm tal como nós a face erguida, de maneira a olharem para o céu mesmo quando se voltam para a terra; com efeito, eles nunca viram o rosto para baixo para olhar para o chão, porque consideram isso uma coisa nefasta — entre eles, é um costume, apenas dos espíritos mais vis, que não conseguem adquirir o hábito de olhar para cima e que acabam por ser expulsos da sua sociedade. Quando estão sentados conservam direita a parte superior do tronco, tal como os homens da Terra, mas cruzam os pés. Quando caminham ou se encontram sentados têm sempre a preocupação de nunca voltarem as costas e de se colocarem de frente (em relação aos seus interlocutores); eles querem mesmo que se lhes veja a face porque é nela que o plano mental se manifesta e nunca mostram (nem poderiam mostrar) uma expressão que de algum modo se lhe opusesse; desta maneira os presentes só pela observação do rosto percebem que sentimentos eles nutrem a seu respeito, já que eles não os conseguem esconder. Estas coisas foram-me reveladas pelos Espíritos, e os Anjos confirmaram-nas. Esta é a razão por que não vemos os Espíritos de Júpiter caminharem com o tronco direito, como tantos outros o fazem, mas servirem-se das mãos para avançar, um pouco à maneira dos nadadores dentro da água — ou olhando de tempos em tempos à sua volta.

AS MORADAS DOS ESPÍRITOS

Às perguntas que lhes fiz a respeito das suas habitações, os Espíritos desta Terra responderam-me que elas eram baixas, construídas de madeira, com um teto liso, em volta do qual havia um rebordo inclinado; que o Marido e a Esposa habitavam na parte da frente, as crianças na divisão contígua e os criados e as criadas atrás. Quanto à alimentação disseram-me que se alimentavam de frutos e de legumes e bebiam leite com água — um leite que tiravam de vacas com uma lã semelhante à das ovelhas. Acerca dos seus hábitos de vida contaram-me que andam completamente despidos, que a sua nudez não os envergonha e que se costumam apenas dar com as pessoas da sua família...

Quanto ao Sol desta Terra, os Espíritos disseram-me que para os seus habitantes ele parecia ter uma cor de fogo; que o seu ano tem uma duração de duzentos dias e que o dia se compõe de nove horas das nossas.

Revelaram-me ainda que vivem uma primavera e um verão perpétuos e que em consequência disso os campos se encontram sempre pintalgados de flores e as árvores carregadas de frutos — e que se as coisas se passam assim isso é devido ao facto de o seu Ano ser muito curto, equivalendo apenas a sessenta e cinco dias dos nossos, pelo que o frio e o calor nunca chegam a ser excessivos, tanto no Inverno como no Estio, permanecendo o húmus num estado de constante Primavera.

Há anjos solitários... Mas vi Espíritos reunidos com os chapéus na cabeça... Os anjos não são anjos só por si... Basta que se verifique a quebra de uma virtude para que o espírito angélico se possa comparar a uma pérola falhada...

O homem é o meio de união entre o natural e o espiritual... Para os homens o natural transita para o espiritual, mas para o espírito angélico o espiritual transita para o natural, porque ele considera o mundo no seu espírito íntimo e não na sua forma... A acção produz-se no céu e daí passa para o mundo e penetra gradualmente nos infinitamente pequenos da terra e como no mundo os efeitos terrestres estão ligados às causas celestes tudo é uma correspondência ou um significante.

Um anjo torna-se presente a outro logo que este o deseje... Neste estado de espírito o homem é transportado de um lugar para outro, permanecendo o corpo onde está. Neste estado vivi eu durante vinte e seis anos (3).

(Tradução de Fernando Guerreiro)

NOTAS:

(1) Referência bio e bibliográficas de acordo com Balzac, *Séraphite* (trad. port. de Álvaro Ribeiro, Editorial *Inquérito*, cujo texto citámos) e graças à ajuda de *Manuel Frias Martins*.

(2) Paul Valéry, art.° *Swedenborg*, in *Variété V* (Gallimard).

(3) Utilizámos os fragmentos divulgados pelo n.° 21 da publicação *Phantomas* (de 1961). A edição belga cita a tradução francesa de 1850. Os três últimos fragmentos foram extraídos de *Séraphite* de Balzac (todo o romance é de recomendar: o III Capítulo refere-se mais explicitamente à vida e à obra de Emanuel Swedenborg. Cf. a tradução portuguesa atrás citada).